

Saldanha Diógenes
Sayuri Grigório Matsuoka
(Organizadores)

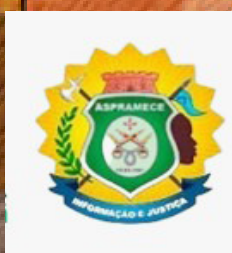
CONTOS DE alPENDRE



Tantas tramas por contar destes caminhos de vida nunca certos...os ruídos às vezes nos calam, mas a verdade do caso, da história e da estória, sempre vem. Isso eu vi nos olhos destes escritores que confiaram a mim o que não se pode precificar. Aqui neste singelo livro estão memórias, sonhos, vidas, amores em forma de literatura. A ideia desta coletânea de contos veio aos poucos. No começo, parecia improvável, mas a repetição de relatos que começavam com...“Eu sempre quis escrever, mas...” deu forma a uma vontade, antes minha, depois deste grupo, de contar. O “mas” me incomodava. E incomodava particularmente quando eu recebia narrativas que tinham a força da arte e que, por alguma razão, foram silenciadas. Uma força tão genuína que me comove até hoje. Quando releio cada um dos contos que aqui vão, a imaginação fervilha, vejo os lugares, as cores, os cheiros e as dores do mundo em vozes e ritmos conhecidos.

Boa leitura!

Apoio Cultu-



CONTOS DE ALPENDRE



Série

Saberes e Fazeres da Educação

Diretores da Série

Prof. Dr. Estanislau Ferreira Bié
Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior
Prof.^a. Doutoranda Maria Saraiva da Silva

Comitê Científico

Dra. Cícera Nunes
Universidade Regional do Cariri-URCA

Dra. Dawn Duke
University Tennessee/ EUA

Dr. Estanislau Ferreira Bié
Universidade Federal da Bahia-UFBA

Dr. Henrique Cunha Júnior
Universidade Federal da Bahia-UFBA

Dr. João Marcus Figueiredo Assis
Universidade Federal do Estado do RJ-UNIRIO

Dra. Maria Sílvia Bacila
Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR

Doutoranda Maria Saraiva da Silva
Universidade Luterana do Brasil-ULBRA

Doutoranda Esmeraldina Januário de Sousa
Universidade Federal do Ceará-UFC

CONTOS DE ALPENDRE

Saldanha Diógenes
Sayuri Grigório Matsuoka
(Organizadores)



Editora Via Dourada
Fortaleza - Ceará
2025

Diagramação: Estanislau Ferreira Bié

Capa: Cleysla Rego Carvalho



Todos os livros publicados pela Editora Via Dourada estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Série Saberes e fazeres da educação - 45

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Catalogação elaborada por F. Jose R. Abreu CRB 3/1725

DIÓGENES, Francisco Arliene Saldanha; MATSUOKA, Sayuri Grigório (Orgs.)

Contos de alpendre [recurso físico] / Francisco Arliene Saldanha Diógenes; Sayuri Grigório Matsuoka (Orgs.) -- Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2025.

188p.

ISBN - 978-65-89622-78-9

Disponível em: <http://www.editoraviadourada.org>

1. Poesia brasileira; 2. Contos de alpendre; 3. Prosa e verso; I. Título. II. Série

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira B869.1

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
A MORTE DO PREFEITO <i>Isabel Lessa</i>	13
AS DOZE PEDRAS DE SAL <i>Rubens Laino</i>	17
O ABOIO TRISTE DE UM VAQUEIRO <i>Isabel Cristina Farias</i>	21
DANDARA <i>Thiago Lima Falcão</i>	27
A BOLA DE FOGO <i>Diêgo Nascimento</i>	38
MAREZIA, POR FIM <i>Larissa Moura</i>	49
O HOMEM QUE FALAVA COM OS CLARINETES <i>Jurandir Alberto de Sousa Júnior</i>	54
BORDANDO A VIDA <i>Rebeca Pierre Oliveira</i>	60
AJUDA, VIRGEM MARIA	63

Andressa Victor Bezerra

O DISFARCE 68

Graça Rodrigues

UMA ESTRELA QUE NÃO BRILHOU 72

Antonio Oliveira de Sousa

BENTO CHICO 76

Felipe Lopes

FORTALEZA DE BABEL 79

Nadiedja Azevedo

NÃO SOLTA A MINHA MÃO 86

Cleysla Rego Carvalho

HISTÓRIA DE NOSSAS LUTAS 102

Jaylson Reis

AO COMPASSO DO PISO DA MINHA MEMÓRIA 112

Rita Bezerra de Sousa

PRESSÁGIO DE DAMIANA 116

Tatiane Albuquerque

O TEATRO 125

Daisy Lage

**APENAS MAIS UM CAUSO DO FRONDOSO CA-
JUEIRO BOTADOR** 141

Maria Abgail

O PASSEIO DE NETUNO 146



Geraldo Martins Gonçalves Neto

BORDANDO A VIDA 166

Rebeca Pierre Oliveira

O CASARÃO 169

Maria Mirela Furtado de Castro

UM SER TÃO ILUMINADO... 173

Saldanha Diógenes

A LIBERDADE DA HISTÓRIA 186

Maria Aryane Amaro

PREFÁCIO

Sayuri Grigório Matsuoka¹

Tantas tramas por contar destes caminhos de vida nunca certos...os ruídos às vezes nos calam, mas a verdade do caso, da história e da estória, sempre vem. Isso eu vi nos olhos destes escritores que confiaram a mim o que não se pode precificar. Aqui neste singelo livro estão memórias, sonhos, vidas, amores em forma de literatura. A ideia desta coletânea de contos veio aos poucos. No começo, parecia improvável, mas a repetição de relatos que começavam com...“Eu sempre quis escrever, mas...” deu forma a uma vontade, antes minha, depois deste grupo, de contar. O “mas” me incomodava. E incomodava particularmente quando eu recebia narrativas que tinham a força da arte e que, por alguma razão, foram silenciadas. Uma força tão genuína que me comove até hoje. Quando releio cada um dos contos que aqui vão, a imaginação fervilha, vejo os lugares, as cores, os cheiros e as dores do mundo em vozes e ritmos conhecidos.

Não, não é nenhuma falha acochar no peito os nossos jeitos e as nossas vivências; pelo contrário, é remédio que fortalece e vivifica. O Ceará é grande, é rico, é do nordeste

¹ Natural de Fortaleza, Ceará. Doutorado em literatura comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Mestrado em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará.

do Brasil e é do mundo, por isto mesmo não se define por estereótipos, recurso constante da ignorância e do desconhecimento. Os símbolos que nos identificam, como as tribos indígenas e o sertão, como as comidas e o vocabulário são o outeiro de onde olhamos o universo, e de onde tiramos o poder dos novos significados que podemos compartilhar com leitores de todos os lugares.

Há, sim, uma grandeza na vida que nasce do calor, da perseverança e da risada.

Em nossa aldeia sertaneja, aprendemos a rir do infelício e a seguir adiante como os profetas do inverno, como os vaqueiros, como os prefeitos analfabetos das cidades do interior, como as travestis assassinadas, como trabalhadores e trabalhadoras, professores e professoras, como os artistas da música e do bordado, como os retirantes, como as parteiras e as heroínas de guerra, como o menino menor arquiteto a quem chamam infrator, como o solitário homem, retirante da seca, sentado no banco da praça, o mestre de obras, o pedreiro, como o atormentado hóspede de um hotel fantasma em Fortaleza, como as moças que se conhecem e se apaixonam no centro da cidade, como os moradores de bairros, como as casas que guardam as almas que por elas passam, como o Teatro imponente e as histórias que ele testemunhou, como as estátuas do Passeio Público, como os pais e as mães que contam estórias, como os homens e as mulheres escravizadas.

Todas essas personagens, que estão em nós, também estão aqui, nestes contos de imaginação e de Realidade. Quem as poderia ver e dar-lhes vida em histórias materializadas numa profusão de gêneros conhecidos e de novas

formas de narrar se não artistas? A vida tem um jeito engraçado de dizer verdades, a ficção é um deles.

Escrever literatura não é um sonho quando o sonho é desejo absurdo e longínquo. Escrever é do dia e da noite, é do chão, é da telha molhada, é do sol quente, é da chuva que acalma e alaga, é da zoadá de armador rangendo enquanto a rede balança no alpendre.



A MORTE DO PREFEITO

Isabel Cristina Vieira Lessa²

Ele morreu antes da minha formação no ventre da sua filha mais velha. Muitos anos antes e nos anos em que as coisas mudaram bastante. Vários foram os relatos que escutei sobre meu avô. Entre as lembranças da mulher que me criou, ele sempre apresentava alguma peripécia, deixando minha avó preocupada com as rameiras, pois quando ele batia seus olhos trocados... Os retratos amarelados guardados na gaveta da vovó só mostram a pele queimada do homem gordo. Tudo parecia exagerado, fora do padrão. Não era bonito, mas parece tão confiante naquele retrato com seu Ray Ban aviador exibindo o seu carro do ano, uma F 1000 1985. Nunca foi bom marido.

As coisas tinham que acontecer de acordo com sua vontade. Um dia, tomado de raiva, arrancou o telefone da tomada para arremessar na mulher, sendo impedido pelas filhas. Como ele vivia subindo a serra, as meninas esperavam ansiosas por sua chegada, mas, se saíssem da linha, o pau cantava. Ia buscar pelos cabelos aquela que não avisasse

² Tem origem em Aratuba, neta de político, veio para Fortaleza criança e se graduou no curso de Língua Portuguesa e Literatura, desde criança tinha um sonho de escrever. Foi possível realizar esse sonho durante o curso de graduação na Universidade Estadual do Ceará e teve como mentora de escrita Sayure Matsuoka.

o destino do passeio com as amigas. Analfabeto, sabia escrever só o próprio nome, mas proporcionava sempre um bom estudo para as herdeiras nos melhores colégios da capital. Comprava coleções de enciclopédias para garantir a leitura das pequenas.

O cargo de prefeito lhe rendia um bom ordenado, mas tomava muito de seu tempo. Ainda tinha que cuidar dos sítios e das pedras na Ceasa, onde vendia o que plantava no interior da Aratuba. Ajudava os pobres e necessitados, tirando até o colchão da sua cama de casal. Era uma vida dedicada ao trabalho e exagero.

A festa do alho era uma grande comemoração. A eleição nem se fala. Até morto votava. Ele tudo fazia. Ele era quase dono da cidade. Só não deu jeito na praça da igreja.

Torta desde sua construção, ele achava que era o grande charme da cidade interiorana.

O tempo foi passado e os quilos só aumentavam. Minha madrinha solicitou os exames e o coração estava ruim. Muitas preocupações, mulheres e inimizades influenciavam diretamente na sua saúde cansada aos 43 anos. Não podia ir ao hospital, pois tinha um almoço marcado com um dos maiores agricultores do Baturité. Seu prato favorito foi servido bem fresco e quente. A panelada estava limpinha. Minha avó me contou que telefone de casa tocou pouco tempo depois do almoço. Ele estava saindo para soltar um preso. Em menos de uma hora ia tocar novamente...Ele ligava para a esposa e para as amantes. Todas recebiam seus mimos e promessas ao caminhar para a delegacia. Estava preocupado com o acordo que fez. Sabia que ia desagradar muita gente importante para ajudar a classe mais desfavorecida.



Dividir terras não era uma tarefa fácil em nenhum lugar no mundo, principalmente em Aratuba, uma cidade no interior do Ceará, onde as pessoas ganhavam seu pão de cada dia do que tiravam do solo. Quando o telefone da casa que eu ia morar alguns anos depois tocou, minha avó escutou a notícia perplexa. O homem disse que foi um ataque tão fulminante que ele se urinou. Não tinha o que ser feito, morreu na hora. O corpo seria mandado para casa.

Os preparativos do velório começaram pelo chá de camomila. A conversa se espalhou mais rápido do que rastro de pólvora e as pessoas chegavam chorando em bandos. Até os candidatos dos partidos opostos foram se despedir. Ela foi e isso foi uma afronta. Várias mulheres se deitaram com ele, mas Veronica Franco era a que realmente incomodava. Foi a única que gerou seu tão sonhado filho macho. Toda vestida de preto e com a boca encarnada de batom, puxava o menino pelo braço. Não precisava de confirmação, era a cara do finado. Minha mãe não gostou de saber da existência do irmão. Minha tia mais nova nem entendia. A coitada só tinha 4 aninhos quando ficou órfã de pai. A do meio era a mais chocada com o velório dentro daquela casa que foi sonhada e construída por ele. Ainda adolescente, não aceitava a partida repentina de seu genitor, pois nem teria a oportunidade de dançar a valsa de debutante com ele. Minha avó, a verdadeira viúva, contava que não sabia como aguentou. Encontrava-se sozinha para criar suas três filhas e odiou aquela visita. Como a deusa Hera, ela teve vontade de acabar com o bastardo, mas o seu sofrimento logo tomava seu pensamento. As comadres serviram café e biscoito, mas a vitalina cuidou logo de ir embora. Vovó disse não ter fala-

do nada. Como uma mulher submissa que era, suportava as coisas caladas para não aborrecer os outros. Os vizinhos ainda comentam sobre a afrontosa presença da outra no velório, mas ela não foi enterrar o corpo, deixando todos sem palavras.

Sem palavras continuaram por muito tempo. Nas conversas na mesa de madeira, minha velha ainda me dizia não entender a morte do marido. Descobriu o tal acordo que ele tinha feito. Descobriu também que ele não registrou o meninote. Descobriu a raiva que muitas pessoas nutriam contra ele. Era odiado pelas mulheres que o amaram e pelos seus oponentes eleitorais que não apoiavam sua caridade. Descobriu que a panelada estava fresca, limpa, quente e com um tempero a mais...

AS DOZE PEDRAS DE SAL

Rubens Laino Oliveira de Freitas³

O impiedoso astro atuava ali, naquele momento como de costume em sua magnitude e com todo o seu poder. Era meio dia e o calor era de rachar o quengo! A terrível seca ameaçava enveredar para fora da terra natal, mais uma vez o povo ali sobrevivia, com medo da peste da fome certa, pois a água da chuva, mola mestre do agricultor, ameaçava não aparecer.

Era verão de 73 no sertão. Assim, sem opção e num grande aperreio, Sr. Chico, dona Perpetua e seus dois filhos; Jandira de oito anos e Gerônimo de nove, reúnem-se e decidem partir mais pra riba, iriam a São Paulo, destino mais comum das pessoas desesperançadas até então. O pai com os lábios trêmulos e uma coisa ruim no peito, um acocho tremendo, fala que vai vender tudo e partir.

-“Vamo vender nossa terrinha, o burro e as galinha”, completa Chico.

Tudo por mixaria, pois, até para quem vai comprar, a coisa está feia e, num ato de solidariedade, compra-se para

³ , Nascido em Fortaleza, cidade a qual dediquei lindamente um poema, é graduando do curso de letras pela Universidade estadual do Ceará e desde cedo, ainda enquanto criança observava a arte da tessitura dos bordados de minha mãe. E mais tarde, junto com seus colegas da UECE e amor a escrita literária viria o presente de tecer palavras, surgindo então esta coletânea, fruto de um maravilhoso trabalho com todos aqui reunidos.

ajudar a partida do irmão sertanejo. Seu Chico logo arrumou tudo e aprumou as coisas no pau de arara que ali passava uma vez por semana.

Com os olhos marejados, todos lançam demoradamente o último olhar sobre a casinha simples ornada com um enorme pé de jasmim na entrada, e rodeada de flores, quando a chuva vinha dar seu ar da graça; pois no momento só se viam variedades de mandacarus, nada além. Jandira, rapidamente avistou sua velha boneca de pano, presa no telhado quando brincava, mas logo esqueceu. Gerônimo pergunta de forma tímida se poderia levar Cipó, o cachorro magrinho, o pai lamenta, dizendo que não, saudosamente. O motorista, acostumado com a cena, buzina forte chamando a família retirante. Todos embarcam finalmente, se acomodam na carroceria e partem com a única vista, um céu límpido, azul e seco sem nenhuma nuvem. Como moravam nas brenhas do sertão, já haviam andado muito até a condução. O pau de arara os levariam só até certo ponto e eles precisariam andar um pouco mais até apanharem o transporte para o sul do país. No trajeto, algumas famílias na mesma situação embarcavam em companhia dos demais junto com o desconforto que só aumentava. A visão do céu azul límpido se misturava com a poeira do chão seco, vez ou outra era avistada uma carcaça de animal morto, vítima da seca.

Após horas, enfadados, desembarcam na igreja matriz, principal ponto onde ficavam os vindos de longe. Aguardam por um compadre que os hospedaria em sua casa e logo seguiriam para São Paulo. Perpetua tenta se recompor com seu rosto que denunciava certo sofrimento - por ve-



zes, chorara durante a viagem; sentia-se desconfortável em ser vista daquela forma. Seu Chico, de maneira interessada, junta-se a um grupo de pessoas reunidas ali mesmo na praça, atento a cada fala, cada relato que ouvia pois sentia-se familiarizado com aquelas pessoas. Apressado, tange algo que tentou pousar em seu rosto, era um cupim alado, um excelente sinal de bom inverno, mas ele mal pensava nisso. Em instantes ele fica sabendo que se tratava de um encontro dos profetas da chuva na região, foi então que suas ouças se inclinaram ainda mais atento aos que falavam.

Ele não era profeta da chuva, mas, como agricultor, conhecia bem alguns sinais.

A profeta Maria de Lourdes falava de suas experiências com as pedras de santa Luzia, as pedras de sal, feitas naquele mesmo mês, era setembro, período ideal para a observação. Eram postas doze pedrinhas de sal numa pequena tábua, cada uma correspondente a um mês do ano e colocadas próximo ao relento do quintal, então o profeta observava qual delas mais se desmanchava; o que configurava a profecia final.

José Erasmo testemunhava sobre o João de barro que construiu sua casa para o poente, anunciando bom inverno, José Paulo também incluía seu relato ao observar a lagoa do sol e a lagoa da lua, fenômeno em que os dois astros apresentavam uma espécie de anel colorido luminescente e que, para os “profetas”, era também um bom sinal. O cumarú, o pau d’arco, a aroeira não haviam florado, observou o profeta Justino, acrescentando também suas experiências com as garrafas enterradas na beira da fogueira de São João, feitas no mês do santo.

Chico, ali, naquele momento de alegria, se emocionou ao ouvir a fala do mestre Zé, o único que conhecia e fazia a vigília de Noé, a mais importante das profecias dentre os profetas da chuva. E Zé explicava:

“eu mermo vi e anotei um por um, rapá! A estrela Dalva na frente do naiscer do sol nos dia bem certim”. Naquele momento, Chico encheu-se de esperança e subitamente decidiu não mais ir embora, crendo e fazendo valer o que de mais forte permanece no peito do sertanejo, a esperança.

Chico virou e decidiu ir ao encontro da família e dar a boa notícia, foi quando viu um bando de tetéu junto, cena que lhe deu mais esperança, pois se lembrou do que ouvira de seu pai ainda criança: quando tetéu se separa haverá seca grande. E no ano seguinte choveu até o8 de agosto, confirmando as profecias.

O ABOIO TRISTE DE UM VAQUEIRO

Isabel Cristina Farias⁴

Para mim que nasci e me criei em uma fazenda no sertão de Paramoti, cidadezinha do interior do Ceará, lá pelos idos dos anos de mil novecentos e setenta, lembrar das coisas do sertão me traz muita nostalgia e saudosa felicidade. Muitas lembranças dos tempos de infância já se foram, mas outras estão vívidas na memória como se acontecidas ontem. Lembrar sobre minha infância na fazenda é lembrar de tempos de liberdade, fartura, inocência, vida simples, lampiões a gás, candeeiros a querosene, barulho da madeira queimando no fogão a lenha, farinhadas após a colheita da mandioca, o cheiro forte do algodão após colhido, aroma do café torrado no caco de barro e depois pilado, panelas de barro e de ferro pretas da tirna do fogão, beber leite mungido, sentar nos parapeitos do alpendre debulhando feijão, milho ou fava em arupembas de palha trançada, ouvir o aboio dos vaqueiros levando o gado, bodes e carneiros de um lado para o outro.

⁴ É empregada pública federal e estudante do curso de Letras Português da Universidade Estadual do Ceará. Nasceu no município de Paramoti-Ceará. Mora em Fortaleza desde adolescente, mas nunca abandonou suas raízes, suas lembranças da infância feliz na roça. Através de uma disciplina de escrita criativa descobriu que conseguia dar asas a imaginação...

Havia moradores, trabalhadores da roça, meeiros e tantos personagens que povoavam a fazenda dia e noite, mas um dos personagens que mais chamou minha atenção foi a figura do vaqueiro Zé Caboco e sua história de vida. Não sei qual era seu verdadeiro nome, mas todos o chamavam assim, pois assim se apresentou. Recordo muito bem o dia que ele chegou à fazenda montado em um cavalo com arreios enfeitados e a sela cheia de pespontos de couro, e na garupa a sua mulher Dona Mundinha. Era um homem na casa dos trinta anos, mulato da pele curtida pelo sol impiedoso do sertão, muito alto, forte, cabelos pretos encaracolados, bigodão e um sorriso cheio de dentes muito brancos. Vestia por cima das roupas simples, um gibão de couro sobre os ombros, alpercatas, chapéu de couro e na mão um relho trançado de couro. Ao chegar bateu palmas e gritou “ô de casa!”. O fazendeiro Quincas Farias conversou com ele, deu-lhe o trabalho de vaqueiro morador, pois havia outros vaqueiros, mas não moravam na fazenda. Dona Mundinha era uma moça franzina, na casa dos seus vinte e poucos anos, de pele, cabelos e olhos claros, vermelha do sol tal qual um pimentão, apeou do cavalo equilibrando uma trouxa de roupas na cabeça, seguiu para a cozinha com a mulher do fazendeiro que foi lhe explicar a lida diária com a feitura de queijos da fazenda. Acocorada próximo ao fogão a lenha, bebericando café com uma tora de queijo e outra de cuscuz foi respondendo a curiosidade da mulher do fazendeiro sobre como chegara ali na garupa de Zé Caboco. Dona Mundinha contou que era filha do dono da fazenda Zig Zag, localizada em um lugarejo próximo dali, onde Zé Caboco nasceu e cresceu. Quando ainda adolescentes caíram de amores um pelo outro, então

o dono da Zig Zag mandou a filha estudar na capital, mas ao retornar já adulta e reencontrar o vaqueiro homem feito, o amor entre os dois floresceu. O fazendeiro é claro que não aceitou a união e mandou o vaqueiro embora, porém a filha resolveu que iria junto, deixando tudo para trás.

Contrariando a todos, a união deles se fortaleceu, a vida na fazenda prosperou, pois o casal conquistou a todos com simpatia e trabalho duro. Dona Mundinha ajudava na casa da fazenda com a feitura de queijos, coalhadas, lavava roupa nas pedras do rio ou na beirada do açude, enchia os potes de água e como tinha feito o curso normal ensinava o alfabeto às crianças pequenas da fazenda, pois a escola ficava a duas léguas de distância e ainda fazia renda de bilro sob a luz das lamparinas. O vaqueiro Zé Caboco era a figura central da fazenda como todo vaqueiro nordestino, cujo trabalho é árduo e contínuo, passava grande parte do tempo montado a cavalo percorrendo a fazenda, fiscalizando as pastagens, as cercas, os bebedouros, cortava e moía o capim nas máquinas forrageiras, dirigia o trator, processava caroço de algodão para a ração das vacas leiteiras, podava ramos da catingueira, do mulungu, da jurema, do angico, para alimentar os animais, xiqueirava os bois, bodes e ovelhas, ordenhava litros de leite para vender e para o consumo da fazenda, limpava os currais e cocheiras, curtia couro de boi para vender e de bode e carneiro para fazer sela e vestimentas próprias de montaria. Nos tempos de seca e escassez de pasto e capim, cortava, queimava para limpar os espinhos e picava cactos como o mandacaru, o xique-xique, e a macambira para alimentar os animais, com um ferro em brasa marcava cada um dos animais com as iniciais do fazendeiro

ou da propriedade. Zé Caboco era homem simples e inteligente que aprendeu sobre quase tudo na fazenda sendo promovido a vaqueiro capataz. Era muito alto e forte, sempre usava esporas nas botinas e carregava o chicote de couro na mão, mas só metia espanto em quem não o conhecia, pois apesar da lida árdua estava sempre disposto a ajudar quem precisasse com um riso largo, tratava todos bem, era cobiçado pelos fazendeiros da região para campear e abater animais, toda a gente parava para escutar seus aboios diários cheios de melodia, alegres ou melancólicos que ele criava ou aprendia e vivia enamorado de Dona Mundinha sempre lhe trazendo algum mimo quando voltava de suas paragens e quando havia rodas noturnas de conversa junto a fogueira, contava causos de forma engraçada dizendo ter como único objetivo arrancar risadas de sua mulher. Veio a primeira filha Sônia e depois a Maria Cráudia, escrito com “r” mesmo porque o moço do cartório errou a letra na hora de preencher a certidão na máquina de escrever. As meninas eram bonitas, obedientes e estudiosas.

Quando havia vaquejada na cidade, o vaqueiro ganhava quase todos os prêmios e sua fama era crescente. Nas festas da santa padroeira da cidade, durante o mês de julho, havia uma noite dedicada à missa do vaqueiro, onde Zé Caboco saía liderando a procissão em cavalgada com um bando de boiadeiros da região vestidos a caráter, arrancando aplausos dos locais. Após vencer mais uma premiação, levou a família para comemorar no forró do Senhor Catirina, onde os rapazes queriam dançar com suas formosas e encabuladas filhas. Sônia, que era a menos tímida foi convidada para dançar pelo sobrinho do fazendeiro de nome Joaquim.

Era um moço bonito da capital que viera de férias visitar os tios pela primeira vez e encantou-se por Sônia, que tinha 17 anos, mas ainda não sabia o que era namorar. Na fazenda, Joaquim procurava qualquer pretexto para falar com Sônia até que se envolveram completamente passando a se encontrar às escondidas todos os dias com a cumplicidade de Cráudia. Durante um banho de rio do jovem casal, foram vistos aos beijos e abraços por alguém que foi correndo contar ao pai de Sônia. O gentil Zé Caboco que estava no serrote de Paramoti com uma boiada, foi tomado de tamanha fúria jamais vista, montou seu cavalo Trovoada e saiu doido galopando por entre os pés de cardeiro e moitas de mufumbo, esbravejando várias vezes “vou esfolar esse cabra safado feito se esfola um bode”. Quando chegou ao rio correu atrás do jovem com sua faca de esfolar couro de animal, esfaqueando o jovem duas vezes. O vaqueiro foi levado para a cadeia da cidade e Joaquim para o hospital da capital. A notícia se espalhou pela região, originando uma espécie de romaria para visitar o vaqueiro na cadeia e fazer orações por ele e pelo jovem.

O fazendeiro Quincas Farias, que gostava muito dele, até entendeu seu ato tresloucado e conseguiu a soltura do vaqueiro, após meses na cadeia, pois seu sobrinho também sarara dos ferimentos. A cidade de Paramoti inteira comemorou. A lida na fazenda continuou e após se perdoarem o jovem ainda pediu ao vaqueiro para namorar Sônia, mas ele e o fazendeiro não aceitaram. Joaquim pareceu resignado e mandou bilhete para Sônia através da irmã dela. Um dia, por volta das 4h da manhã, Cráudia estava de pé com os olhos esbugalhados defronte a cama dos pais. Dona Mun-

dinha assustada perguntou: “Cráudia! O que foi menina?!”.

Zé Caboco colocou as alpercatas, o chapéu de couro e saiu correndo disparado em direção a estrada, gritando, quando avistou Sônia com uma trouxa de roupa sobre a cabeça segurando a mão de Joaquim e entrando no ônibus.

Enquanto o ônibus se afastava, o vaqueiro acorrido no meio da estrada iniciou um aboio alto, o mais triste de sua vida, pois a rês desgarrada do seu rebanho e a mais preciosa, ele não conseguiria levar de volta.



DANDARA

Thiago Lima Falcão⁵

“E o amor é tão longe...”

Balada de Gisberta, Maria Bethânia

Dizem que a vida começa quando caímos de uma placenta, quando numa contração do útero somos inaugurados na existência: sem aviso, sem preparo e sem bula. A vida começa então com um susto, e parece que a arte de viver está relacionada com o nosso preparo em lidar com as surpresas, com o inesperado. Há quem diga também que quando nascemos trazemos conosco a data da morte inscrita em nosso sangue, na epiderme da alma. Outros mais céticos julgam a vida uma grande trivialidade, um lapso de existência na imensidão do tempo. Alguns sustentam que viver ultrapassa qualquer entendimento, e que a razão e a linguagem não dão conta de explicar ou expressar a experiência de viver.

Na verdade, nem se nasce apenas uma vez, como também não se morre apenas uma vez. Há a morte da ingenuidade, a morte dos amigos, dos amores e parentes. Há a morte das ilusões, das crenças, das paixões e com isso vamos morrendo um pouco a cada dia. Morre-se um pouco ao despedir-se de um emprego, de um grupo e de um livro,

⁵ Natural de Fortaleza, viveu e cresceu em Pacajus, mas o coração é mineiro, onde também morou. Graduado em Letras em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas (UECE); atualmente é Mestre em Linguística Aplicada (UECE).

mas também renascemos em um novo emprego, no olhar apaixonado de um novo amor, ou numa doce fantasia de uma manhã de domingo...

Um dia, como de repente, vem a estupefação de não se estar sendo a si mesmo.

Você se olha no espelho e não se reconhece. Não reconhece a própria vida, não reconhece aquele bibelô anacrônico que insiste em fazer parte da sua mobília. Aquele penteado antiquado, aquela velha forma de ver o mundo, já não cabem mais na singularidade da sua nova e múltipla existência. Nesse momento é preciso ter coragem, audácia para pegar uma afiada tesoura e cortar os liames que te ligam àquele velho Eu.

A pele que você habita passou a ter um tamanho menor, encolheu, e adquiriu um toque áspero. Nesse momento a vida grita de dentro do teu peito: “Torna-te quem tu és”.

Irrompe então outro espanto: - “E então eu não era”?! Medo. Medo. Medo de Ser. “E se eu não me tornar isso que a vida me apresenta, me exige, fico atolado no viver”?

Naquela tépida manhã, Cleilson tomava seu café, para ir à escola. Era um menino de dez anos de idade, inocente, de olhar bondoso e voz maviosa. Seus olhos se fixaram na mãe que pintava os lábios de batom cor de rosa bebê. Era uma mulher sofrida, que fora muito maltratada pela vida, mas que se permitia esses momentos de ternura consigo própria. Criava seus filhos com dificuldade, mas num ambiente onde o amor era a doce lei.

- Tô saindo, Cleilson. Não se atrase para a escola e guarde as chaves dentro do jarro. Beijo, mamãe te ama. - Disse, saindo apressadamente de casa.



O coração do moço batia cada vez mais forte, ante a tentação de experimentar o batom da mãe. Há tempos lhe ocorria essa vontade meio esquisita. Largou a xícara em cima da mesa, antes de terminar o café e imediatamente postou-se frente à penteadeira.

Sacou o batom da gaveta e olhando com vontade esfregou o mágico objeto em sua boca.

Uma alegria que ele não experimentara até então tomou conta de si, e ele não sabia o que fazer com tanto contentamento. Fez caras e bocas, sorriu e fez caretas. “Será que cometer um delito é prazeroso?”, pensou. “Por que será que meninos não podem usar batom?”, Acossado de dúvidas e coisas por pensar, limpou seus lábios com um lenço e se deu conta do atraso para a escola, que ficava ali no bairro.

Ao chegar à escola, ele já sentia que não era mais o mesmo. Muita coisa havia mudado entre o café da manhã e o início da aula. “Como seria sua vida a partir de então?”, seria uma grande surpresa. Ele não poderia usar batom livremente, mas ele também não viveria mais sem usar batom. O som estridente da campainha trouxe-o para a terra novamente. Entrou na sala e sentou-se na primeira fila de cadeiras, como de costume. Olhava para seus colegas com a sensação de guardar um grande segredo.

Sempre se sentira diferente, mas as coisas estavam se encaixando como nunca...

Silas, um colega de sala – inoportuno e sádico-, entrou no ambiente aos berros, logo jogando sua mochila em cima da primeira cadeira que encontrou. Seus olhos fulminaram Cleilson, e aproximando-se ele gritou:

- Qual é a tua, bichinha? Deu pra passar batom agora?!

O mundo de Cleilson ruiu. Esfregou o braço na boca e lá estava o vestígio mal apagado do batom de sua mãe. A sala riu estridentemente e o professor que acabara de entrar olhava para ele com um resignado ar de reprovação por tudo o que via. Aos prantos, Cleilson sentiu-se mortalmente ferido. “De onde vem o desejo de machucar alguém?” Ele queria desaparecer, sumir da escola. Todo o bairro iria comentar...

Levantou-se, e cegamente saiu da sala de aula. Seu rosto coberto de lágrimas e desamparo: “Por que fui nascer assim?”...

A lagarta tem uma vida muito simplória, sem sonhos, que se resume a rastejar pela terra e se alimentar. Ela olha para o céu e vê as aves que lá pairam portentosas, vê árvores frondosas que tocam as nuvens, contempla tigres que desfilam pela selva e se pergunta: “por que eu tenho esta vida tão miserável?”. Então, um dia a vida ordena: “construa um casulo!”, e assim, a lagarta se prepara para construir o próprio caixão. Ela silenciosa e resignadamente inicia a tessitura de seu túmulo. Dentro de seu casulo, a lagarta passa por uma intensa crise existencial, todo o seu ser será transformado por forças sobrenaturais. Ela não entende o que se passa, e sofre. Chega o dia em que o casulo já não comporta tamanha personalidade, e ela se esforça para fugir. Aos poucos vai rompendo o féretro, dando-se conta de que ela já não é mais a mesma. Ao se esticar, percebe lindas e grandes asas que ornaram seu corpo esguio. Aquece-se, sente-se e voa. Voa alto, incrédula e cheia de energia. Mais alto, mais alto ela transcende a si mesma. A lagarta experimenta toda a glória do seu novo ser, flanando nos céus, lépida, mas não por

muito tempo: borboletas só vivem vinte e quatro horas... Cleilson passou por um intenso processo de transformação, assim como a lagarta da fábula. No início de sua vida adulta, a dor e a tristeza lhe sobrevieram intensamente.

A culpa de não aceitar o próprio corpo feria mortalmente a sua alma. Ele chorou muito, calado, baixinho, lutando contra sua própria essência que lhe exigia uma transformação. Mas aos poucos a sua nova vida foi se construindo naturalmente. Suas roupas aos poucos ganharam mais brilho e customização. Um brilho ali, um bordado acolá, ele foi percebendo que não havia nada de errado em ser a si mesmo, embora ainda não tivesse se transformado completamente. Deixou o cabelo crescer aos poucos, as unhas apareciam pintadas com mais frequência, até que ele resolveu assumir a própria essência. A mãe foi a primeira a ouvir sua decisão:

- Mãe, eu nunca fui menino. Eu sei que é difícil da senhora entender, mas eu não sou menino. Eu vou vestir as roupas que sempre quis, meus vestidos, deixar meu cabelo maior!...

A mãe enrijecida de medo e amor, e medo, muito medo, encarava o filho.

- Meu filho, Cleilson, você tem certeza do que tá dizendo? O mundo é tão perigoso, não vão lhe aceitar! - disse a mãe já não mais segurando as lágrimas.

- Mãe, eu não posso ter medo de ser eu mesma. Eu não sou mais o Cleilson, sabe, as minhas amigas me chamam de Dandara e é assim que eu gostaria de ser chamada aqui em casa também... Eu sou Dandara!

- Meu filho, minha filha, é tão difícil isso pra mim... Eu

já esperava, mas... Que deus te abençoe, mas tenha cuidado, pelo amor de deus... Falou a mãe chorando ainda mais. Ela levantou-se e foi para o seu quarto.

Dandara num misto de coragem, alegria e angústia, enxugou as lágrimas e correu para a rua para encontrar Miguel, um rapaz que ela andava encontrando às escondidas. Era seu primeiro amor. Um amor secreto. Ele não sabia de sua decisão, a decisão de tornar-se mulher, mas ela tinha certeza de que com o apoio dele e o amor de sua mãe tudo isso seria mais fácil de vivenciar.

Miguel recebeu uma ligação eufórica de Dandara. Ele já estava na pracinha, à meia luz de um poste quebrado, aguardando que novidade era essa. Surpresas anunciadas geram imbróglios. Dandara chegou por trás e abordou seu amor com um intenso sorriso, estampando sua alma:

- Miguel, eu tomei coragem e falei com mamãe!

- Sobre o quê? Contou sobre a gente? - perguntou atônito Miguel.

- Olha, Miguel, eu não posso mais continuar enganando a mim mesma. Você sabe que eu quero mudar, já passou da hora de eu colocar as roupas que tanto gosto, usar as maquiagens que amo, sabe, parar de agradar a plateia!...

- Mas, meu bem, nós já conversamos tanto sobre isso... Você não precisa disso para se sentir realizado. Fica muito mais difícil nossa vida desse jeito. Como é que a gente vai sentar num barzinho, vai todo mundo nos olhar, a gente vai correr perigo.

Você não vê na internet, na televisão? As pessoas têm raiva de gays, de travestis então.... têm ódio!..

- Você não entende que eu não sou só isso aqui? Eu

quero me tornar a mulher que eu mereço ser, e o mínimo que você poderia fazer era me apoiar!..

- Isso não vai acontecer, olha, além disso... Por que você não continua sendo normal? Fica mais fácil pra todo mundo, continue sendo um homem...

Dandara chorava, incompreendida, rejeitada, desprezada.

- Escuta, Miguel, a gente pode ir embora da cidade.

- Você não entende nada – cortou Miguel- não dá pra chegar lá em casa com uma travesti, não dá pra ir ao futebol, vendo meus amigos me zoando! Essa conversa pra mim já deu o que tinha de dar. Eu vou pra casa!

- Covarde! Você não passa de um covarde, que se nega a viver o que acredita!

Miguel bruscamente ligou sua motocicleta e sumiu na noite escura, deixando para trás poeira e mágoas. Dandara chorava copiosamente, olhando para o chão, sem rumo, seu rosto coberto de lágrimas e desamparo. “Por que uma travesti não pode ser amada?”, “O que eu sou? Um objeto?”.

Foi no banco daquela praça, que ela decidiu acompanhar a irmã na ida à São Paulo: “Vou sumir daqui. Lá, vou poder ser eu mesma”!

Na semana seguinte, Dandara foi embora, em busca de uma nova vida, com a certeza de que um dia voltaria...

O leitor precisa ser advertido de que a vida não é ideal. A vida é real. Numa vida ideal, Dandara durante os anos em que morou em São Paulo teria conseguido um excelente emprego, estaria casada com um homem maravilhoso e, neste momento, estaria em alguma viagem incrível, desfrutando tranquilamente a vida. No entanto, sua vida em São

Paulo foi uma etapa muito difícil e nublada, de privações e desilusões.

Após alguns anos, ela resolveu voltar para casa, para ficar junto de sua mãe, no seu antigo e amado bairro. Agora, vendia roupas para ajudar na renda familiar, pois morava com a mãe, na mesma casa onde passara a infância. Ela já se tornara a mulher que sempre quis ser. Uma mulher de quarenta e dois anos, cabelos loiros e de corpo esbelto.

Ela caminhava sob forte sol, vestida de blusa amarela e um short jeans, com um leve batom rosa bebê. Voltava da casa de uma cliente, e estava ansiosa para chegar a casa de sua mãe. Sempre gostou de cantar baixinho, enquanto deslizava pelas ruas, pois tinha uma alma leve e uma enorme paixão pela vida. Todas as agressões que as pessoas lhe causaram não lhe deram amarguras ou pessimismos. Ela amava viver.

Um pequeno gato miava próximo à uma lata de lixo, com fome e medo. Dandara ficou emocionada quando avistou aquela criatura necessitando de amor e carinho. “Ah, você a mamãe vai ter de me deixar criar.” Segurou o gatinho à altura dos olhos, sorrindo. O gato respondia miando, com muita fome.

Nesse momento, uma moto se aproximou de Dandara e parou. Ela olhou de soslaio e foi surpreendida por uma voz cortante:

- Qual é a tua, viado. Tá atrapalhando o trânsito, já não basta queimar o filme do nosso bairro?

Ela se afastou um pouco e colocou o gato no chão. Suas pernas tremiam e ela sentia que algo de ruim estava para acontecer. Os dois homens da motocicleta eram conhecidos



traficantes do bairro.

O rapaz que estava sentado na traseira da moto desceu e deu um empurrão em Dandara.

- É você que anda roubando aqui na quebrada?

- Eu nunca roubei nada de ninguém! Todo mundo aqui sabe disso! – Disse, com a voz embargada.

- Cala tua boca, viado. Só fala se eu mandar!

A rua estava quase deserta, e outros traficantes se aproximaram. Dandara não sentia mais as pernas e estava apavorada com aquele bando a cercando.

- Por favor, gente, me deixa ir embora, eu nunca fiz mal a ninguém, trabalho vendendo roupas...

O rapaz que parecia ser o líder do bando ordenou “filma aqui a marmota, pra gente mostrar como é que faz”.

Dandara estava cercada por quatro rapazes, que babavam de ódio. Eles estavam muito agitados e rodeavam-na. Um deles segurava uma tábua grande e isso lhe causava ainda mais pavor.

- Gente, eu tenho dinheiro aqui, olha, acabei de receber, eu posso conseguir mais se vocês me deixarem ir para casa... – Disse ela chorando.

Ela não esperava o chute em suas costas, que a fez cair no chão. Seus joelhos chocaram-se com as agudas e toscas pedras da estrada. Um dos rapazes filmava com regozijo toda aquela tortura a que ela era submetida. Ela com muito esforço tentou pôr-se de pé, mas outro chute em suas costas a atingiu jogando-a para o chão novamente. Sua testa sangrava e ela já sentia o gosto do próprio sangue em sua boca.

- Filma, filma a marmota. Aqui no bairro a gente não quer marmota não!

Um dos rapazes trouxe um carrinho de mão que estava próximo ao local e colocou ao lado dela, que tentava se levantar novamente.

- Sobe no carro que eu te levo pra casa, - disse o rapaz sarcasticamente.

Ela juntou todas as suas forças, mas foi em vão. Ele então retirou o calçado de seu pé e com a sandália desferiu-lhe um golpe na nuca, gritando:

- Vai viado fêi, sobe nessa porra, não tá me escutando não?, Enquanto isso outro rapaz chutou mais uma vez as costas dela.

Dandara não tinha mais força alguma de reagir àquela tortura. Sua alma estava em frangalhos, o seu corpo estava sendo supliciado publicamente, e publicamente outras pessoas assistiam, em silêncio.

- Sobe macho, no carrinho, que eu te levo pra onde tu quiser ir, disse um dos algozes, enquanto ela tentava subir no carrinho.

- Vamo, sobe, deixa de tá embaçando aqui a favela, - ordenou um!

- A imunda ainda tá de calcinha, - zombou o outro.

Ela em vão lutava contra a fraqueza de um corpo fatigado de surras, tentava erguer-se, quando mais um chute, agora na cabeça, jogou-a no chão. Outro rapaz se aproximou com uma tábua grande e bateu-lhe várias vezes, nas costas, enquanto alguém próximo gritava:

- Na cabeça, na cabeça!

Dandara gemia de dor, e gritou:

- Mãe!!!!

- Vamo botar ela no carrinho pra botar ela na tora. É



pra matar ela!

Os algozes seguraram Dandara pelas mãos e pés, colocaram-na em cima do carrinho e levaram-na rua abaixo, animados, sorrindo, correndo.

Após alguns minutos, eles atiraram duas vezes contra o rosto dela.

No fim da rua, o corpo de Dandara, supliciado como o corpo de Cristo, jazia ensanguentado, num carrinho de mão.

Um dos rapazes se aproximou novamente e com uma grande pedra desferiu-lhe o último golpe.

A BOLA DE FOGO

*José Diêgo Nascimento da Silva*⁶

PREFÁCIO

I. 1602 - HISTÓRIA DE NICOLAU BARRETO

Nicolau Barreto era conhecido como bandeirante do primeiro período de bandeiras e entradas no Brasil. No ano de 1602, Nicolau Barreto organizou uma bandeira com aproximadamente 300 homens brancos. Com apoio instrumental de D. Francisco de Sousa, sétimo governador do Brasil. O grande grupo de homens desceu o rio Tietê e se instalou no baixo do rio Paraná. O objetivo era descobrir metais preciosos como prata e ouro. Foi naquela região que começou os terrores. Prenderam aproximadamente 3.000 nativos, que foram cristianizados em um período de dois anos.

Esses homens que pareciam seres mais selvagens do que aqueles que viviam naquela região. Após a realização desta expedição, que foi feita de forma brutal, com dor e morte. Foram incriminados muitos de seus integrantes, como se a punição fosse equivalente ao dano feito aqueles

⁶ Nascido e criado nas periferias de Fortaleza. Formado em Letras Inglês pela UECE... Diego Nascimento é professor, nas horas vagas é artista, e nas horas de epifania da vida é escritor.

nativos. Em suas expedições, os bandeirantes relatavam em registros e cartas alguns fatos intrigantes. Nicolau Barreto, descreveu em uma carta de relatório expeditório sobre seu receio em explorar certas regiões do Tietê.

Boatos do desaparecimento de outros grupos de bandeirantes após o aparecimento de uma “bola de fogo”. Diziam que “consumia os homens sem queimar”. Em outras palavras, tal “fenômeno” fazia com que os homens sumissem num piscar de olhos, como se pulverizassem, todavia, não incendiava nada ao seu redor. Diziam que era o sangue das bruxas nativas que atraía a “coisa”. Não sobrou nenhum documento oficial que relatasse sobre a morte de Nicolau Barreto, restou somente um documento datado de 1664 que comprovava que Juliana de Oliveira com quem era casado, herdou todos os seus bens em seu inventário numa vila de São Paulo.

II. 1730 - HISTÓRIA DE M'BAKU

Parecia que a maldade neste mundo não tinha fim. Fizeram escravos que trabalhavam de sol a sol e eram castigados com violência quando não cumpriam ordens, erravam no trabalho ou tentavam fugir. Tinham que executar todos os trabalhos solicitados por seu “dono”. As mulheres escravas também trabalhavam muito, porém algumas tinham a “sorte” de realizarem serviços domésticos (limpeza, culinária, cuidar das crianças). Essas tinham uma atividade menos penosa. Os filhos dos escravos trabalhavam desde muito cedo. Por volta dos oito anos, já eram obrigados a executar trabalhos de adultos e praticamente perdiam sua infância.

A partir da metade do século XVIII, com a descoberta das minas de ouro, os escravos de origem africana passaram a trabalhar também na mineração. Faziam o trabalho mais pesado: quebravam pedras, carregavam cascalho e atuavam na busca de pepitas de ouro nos rios. Um dia os bandeirantes daquela região, se viram cansados da exploração sem fim e se fixaram às margens do rio Coxipó-Mirim, mas por acaso encontraram o tão desejado ouro. Fizeram dos escravos ferramentas vivas e dormentes da dor e da fome. Ao pôr do sol de cada dia, um homem amigo enfim surgia, era chamado pelo nome de M' baku pela "bola de fogo. Era o mais forte dos escravos, conhecido por ir mais longe pelo ouro, e com ele sempre trazia escondido frutas para matar a fome daqueles com quem compartilhavam a mesma dor. Um dia a bola de fogo se mostrou vaidosa e falou para M' baku que lhe mostraria o ouro para poupar ele e mais vidas das dores e da violência, mas queria em troca uma tiara. M' baku fez uma tiara de palha de coco e assim no próximo sol, a bola de fogo guiou M' baku até uma mina onde garimpou o dia todo e trouxe para seu dono o ouro equivalente de um trabalho de sete semanas. O bandeirante Moreira Cabral era seu dono, achando suspeito o seu feito pediu para que lhe mostrasse onde era tal fonte de ouro, e M' baku não abriu a boca por dois dias e por dois dias foi torturado, resolveu falar pois se morresse não conseguiria ajudar mais ninguém. Guiou seu dono e sua tropa até uma mina e ao longe no riacho, M' baku ficou deitado na correnteza da água na esperança que o riacho levasse suas dores da tortura. Moreira Cabral adentrou a mina e só teve tempo de ver um flash de luz, a bola de fogo soterrou todos os bandeiras na expedição.



M' baku levou essa história por gerações, e a bola de fogo se apresentou nas histórias contadas como mãe de ouro.

III. 1788 - HISTÓRIA DE ALESSANDRO VOLTA

A substância conhecida como metano foi primeiro identificado por Alessandro Volta em 1788 nos pântanos da Itália. Atualmente existem algumas explicações científicas para tal fenômeno. Alessandro afirmou que as “bolas de fogo” que emergiam da terra nada mais eram que depósitos de metano que entraram em combustão. Outros falam sobre “energia condessada”, um fenômeno que seria muito semelhante ao “Raio Bola”, o qual existe muitos relatos, mas ainda não foi reproduzido em laboratório ou comprovado com nenhum outro tipo de prova.

IV. 1860 - HISTÓRIA DE BERNARDINO GOMES BEZERRA

Bernadino tinha 16 anos quando chegou no terreno de casa e viu sua mãe chorando no chão diante de seu pai. Pela primeira vez na sua vida viu as lágrimas de sua mãe, que para ele era a pessoa mais forte desse mundo. Foi quando que sem reação fugiu de casa. Não queria entrar em casa. Não sabia o motivo. Saiu correndo pelo meio do sertão de terra seca e rachada. Era tarde da noite, e o que clareava seu caminho era a lua, havia de ser a lua. Procurou no céu o sorriso lunar, mas o que viu foi uma bola de fogo, que logo o fascinou. Não teve medo, algo nela acalmou seu coração, ele sabia que tudo ficaria bem mesmo que sem expli-

cações. Sentiu algo cravado no seu pé, provavelmente seria um carrapicho, não sentia nada até se acalmar pela agitação de sua correria. Era uma pedra dourada e pontiaguda no seu dedão. Quando olhou para o céu, somente o sorriso da lua no meio das estrelas e nenhuma nuvem sequer. Voltou mancando para casa, e na varanda apenas sua mãe. Seu pai o viu correr pelo sertão adentro e tentou procurá-lo, segundo pelo o que sua mãe lhe contara, e nunca mais seu pai apareceu. Quando Bernadino cresceu ficou conhecido como mestre, e junto com os outros moradores da vila que morava, lançaram a pedra fundamental para construção de uma capela dedicada ao culto de Nossa Senhora da Conceição. A povoação localizada a poucos metros da junção dos rios Canindé e Curu, deram-lhe o nome de “Barra da Conceição” ou “Conceição da Barra”. Rezou-se a primeira missa naquelas paragens, no domingo de Pentecoste de 1864. Esse fato singular da vida Cristã naquela incipiente comunidade marcaria o início de sua gradativa emancipação, além de lhe conferir a bela comunidade a denominação – Pentecoste. Para Bernadino a bola de fogo havia de ser Nossa senhora. E assim a homenageou na criação de uma cidade.

...

Anos se passaram sem relatos sobre a bola de fogo, não se sabia nada sobre ela, mas com certeza ela existe em algum lugar, mesmo sem escritas, sem fotos, apenas histórias.

2012 – HISTÓRIA DE AMANDA HEPIRA

Naquela manhã acordou com muitas dores, parecia que o estresse do trabalho havia se acumulado na sexta-feira. A

rotina era corrida, ainda era de madrugada quando no escuro de sua casa procurava o caminho do banheiro, sem fazer barulho para não acordar seu marido e sua mãe. Estava a caminho da fábrica de sapatos Paquetá onde trabalhava, e não conseguia distinguir em seu corpo o que era cansaço, cólica ou algo mais. Ainda assim o sentimento que Amanda Hepira tinha em sua cabeça era de orgulho, pois tinha um trabalho que ralou muito para conseguir.

Amanda somente após a morte precoce de seu pai, conseguiu esse trabalho. Seu pai e sua mãe no passado brigavam muito, não entendiam direito o que Amanda quando jovem tanto fazia no centro da cidade de Pentecoste, de segunda a sábado. Agora adulta e depois dos estudos, a mãe ainda achava que ela era só mais uma Chiquinha na rua. O sonho de seus pais era que ela se casasse e tivesse muitos filhos, e Amanda sempre respondia que estava indo de acordo seu plano para isso acontecer de fato um dia. Após uma caminhada de mais ou menos uma hora, passando por estradas sem asfalto de terra batida e empoeirada e caminhos com cercas de arame farpado; chegando na fábrica com a bairrada da calça cheia de carrapichos, mas como sempre, com muita calma tirou um a um. Recebeu um bom dia do dono da banquinha de café que sempre estava de frente a fábrica e oferecia aos funcionários que entravam as seis horas da manhã. Como de costume Amanda pediu um café grande com leite, fazia parte do seu ritual matinal.

Sempre se sentia culpada por não ter tempo de tomar o café de sua mãe pela manhã, pois sempre era a primeira a levantar da casa. Isso a fazia lembrar da mulher independente que tinha se tornado, mas era feliz por trabalhar e

proporcionar a sua mãe uma casa e conforto.

Na fábrica trabalhava na máquina em que controla a densidade exata da cola para a colagem dos sapatos, conhecia todos os compostos químicos presentes na mistura, as vezes metia a mão na massa, mesmo sabendo dos riscos. Por conta dos odores e das reações dos químicos era a mais mimada da fábrica, pois uma vez ou outra chegava a perder o equilíbrio e nos dias mais grave a desmaiar. O cheiro da cola era muito forte em toda fábrica, principalmente para ela que trabalhava diretamente com os produtos. Tinha o apelido de sapateira maluca, que mesmo com as tonturas e desmaios trabalhava sorrindo, e ninguém sabia ao certo se pela sua devoção ao trabalho ou se pelos efeitos da cola.

Trabalhava sempre com muita dedicação, não se atrasava, não faltava, mas tinha acordada com o corpo tenso, estava dolorida e no meio do expediente já se sentia exausta. O som das máquinas em seus ouvidos parecia pancadas sem fim, o cheiro da cola parecia entrar em seus pulmões e arder como tapas certos, não estava no seu ritmo diário, foi quando percebeu suas pernas bambearem; o desmaio veio logo em seguida. A consciência só retornou no final do dia, estava em repouso e ao redor de seus colegas mais próximos com muita preocupação. Os colegas afirmaram que mesmo inconsciente não queria ser levada para o hospital, só afirmava descansar um pouco longe das batidas das máquinas.

Seu chefe achou que a cola havia lhe causado um dano maior que o esperado, pediu que tirasse o final de semana todo para repousar e que só retornasse a fábrica na segunda feira. Amanda sentiu-se decepcionada consigo mesma, se

culpou por não aguentar um dia de trabalho, mas no fundo ela sabia que não era só isso, também pensou na cola e nas pancadas que a atordoaram. Saiu da fábrica faltando dez minutos antes do fim do expediente. O sol tinha acabado de se por. Lembrava que no final do dia uma colega lhe dava carona, pensou esperar mais dez minutos, mas resolveu ir caminhado pois colocaria os pensamentos em ordem na cabeça.

Se distanciando das ruas mais movimentada do centro, seguiu seu caminho para casa, voltando para a estrada de terra que tem que percorrer, é uma caminhada longa e meio escura, não tão diferente quando acorda na ida do trabalho, a escuridão parecia ser a mesma.

O cheiro da cola impregnava em suas roupas. Na volta na estradinha de terra com postes tão distantes uns dos outros sempre deixava a imaginação fluir nos ruídos de seus passos e da mata ao seu redor. Estava sentindo um peso em seu corpo lembrando de como foi puxado o dia e da sua noite de sono que foi pouca. A noite estava fria, mas sentia seu corpo quente. Pensou que vir caminhando foi bom para ela. Já se sentia até mais leve, mas seu corpo continuou mais quente, quente o bastante para caminhar se abanando com as mãos. Percebeu que a noite havia ficado mais clara, percebeu que logo abaixo dela sua sombra estava enorme, pensou no último poste de luz pelo que passara e que já fazia muitos passos. Criou até uma certa animação para olhar para cima e esperar ver uma lua cheia.

Quando Amanda virou, seu corpo paralisou. Viu uma grande bola de fogo no céu, a encarou até criar coragem para mover o primeiro músculo. Sua reação foi correr.

Percebeu que ela era o motivo por estar tão quente. Quando correu, a bola de fogo chegou a encostar no seu corpo todo, e sua única reação foi gritar. Corria o mais rápido que podia, quando enfim chegou no terreno de casa, tudo cessou. Ela estava tão agitada pedindo socorro que sua mãe só teve a reação de a agarrar forte e colocar para dentro de casa. A mãe não acreditava nas palavras da filha, mas a confortou dizendo que agora estava tudo bem. A mãe já havia visto outros episódios como esses de alucinações, detestava a ideia de a filha trabalhar com a cola que a lhe deixava tão louca em certos dias.

A mãe de Amanda Hepira perguntou se ela havia se machucado, se a coisa havia lhe atingido. E Amanda muito surpresa se sentia muito bem. Nenhuma dor, nenhum peso e mais nenhum medo. Estava perfeitamente bem, só precisava de uma noite de sono.

Acordou no sábado muito bem, pensou bastante se devia escutar as ordens de seu chefe sobre ficar em casa no dia anterior. Estava realmente bem, nenhuma dor nem nada. Decidiu ir para o trabalho. Percorreu o caminho de sempre e logo na frente da fábrica uma surpresa, o dono da banquinha de café não estava lá, ficou triste por não poder tomar o seu café. Entrou na fábrica e tudo estava um caos, um terço dos homens na fábrica haviam faltado, nenhuma falta justificada. O chefe ficou feliz por Amanda não ter ouvido as ordens pois precisava de muita ajuda já que vários homens haviam sumido naquele sábado. O chefe decidiu acabar o expediente ao meio dia, a fábrica sem homens para ele não servia de nada. Mandou avisar que todos voltariam ao normal na segunda.

Amanda Hepira saiu da fábrica e só o que se falava no centro da cidade era dos desaparecimentos, que os homens saíram na sexta à noite e não retornaram no sábado.

Ouviu também a história de alguns homens queimados de um fogo que caía do céu, isso fez com que ela se arrepiasse, lembrou do ocorrido da noite passada, lembrou que não estava louca. Foi direto para casa contar para sua mãe.

Quando chegou em casa, uma tragédia havia acontecido. Sua mãe estava irreconhecível, parecia que tivesse sido espancada, estava inconsciente. Seu marido estava cuidado dela. Amanda voou para cima de seu marido com tapas e socos desesperada e preocupada. Seu marido a acalmou e falou que havia sido uma bola de fogo que havia ferido sua mãe daquele jeito. Ela ficou sem voz, tudo aquilo era real.

Para ela só poderia ser o fim do mundo, não teve consciência bastante de levar sua mãe para o hospital, ninguém acreditaria que ela fora machucada por uma bola de fogo.

Decidiu passar o resto do dia no quarto da sua mãe cuidando dela. Logo após do pôr do sol sua mãe recuperou consciência, Amanda estava sentada no chão ao lado da cama de sua mãe. E seu marido dormindo no quarto ao lado. Primeira coisa que Amanda fez foi perguntar o que de fato havia acontecido. Sua mãe segurou sua mão com bastante firmeza e lhe contou tudo. Ela contou do início, que havia escutado abrigo de Amanda e seu marido na quinta noite após ele ter chegado bêbado, e que não foi fácil para ela escutar sua filha ser espancada no quarto ao lado sem poder fazer nada, sua mãe estava com medo de passar o dia em casa com um louco. Amanda chorava sem parar, pedia desculpas a sua mãe sem poder abraça-la pelo seu estado.

Sua mãe contou que criou coragem para pedir que seu marido fosse embora de lá e nunca mais voltasse. Ele enfurecido acabou espancando a mãe de Amanda, achando que se safaria com a história que havia contado sobre a bola de fogo. Pois ele mesmo não acreditava.

Um flash no céu iluminou a casa, cortando a conversa da mãe e da filha. Elas ainda esperaram por um trovão. Achando que talvez viria a chuva enfim. Mas o que ouviram foi um estrondo de telhas e caibros sendo quebrados e arremessados. Parecia que alguém estava invadindo a casa por cima. Amanda pediu que sua mãe não se mexesse e que iria olhar o que acontecera.

O barulho enorme era do quarto do casal, Amanda criou coragem para a abrir a porta. Deparou-se com uma mulher dourada encarando seu marido, que estava contra parede de olhos fixos nos olhos da mulher dourada. Tinha os traços mais delicados, seus cabelos não obedeciam ao vento e seus pés não tocavam o chão, e em sua cabeça uma linda tiara. A mulher dourada tocou no homem, e ele como faísca se consumiu como uma chama que se apaga com um sopro. Amanda perguntou quem seria essa mulher. A mulher dourada retornou a forma de bola de fogo, mais tão pequena e tão concentrada, parecia estar mais luminosa do que o último encontro das duas. Uma voz ressoou pelo quarto “Eu sou mãe-de-ouro” ela protegia o verdadeiro ouro das terras, as mulheres. A bola de fogo planou até o quarto de sua mãe, e sua mãe foi curada de todas as dores. A mãe de ouro assim sumiu num último feixe de luz...

MAREZIA, POR FIM

Larissa Moura⁷

Até o começo de minha vida adulta, fui um homem sem muitas emoções.

“Confortavelmente entorpecido”, como gritava Pink Floyd. Vivia em uma realidade, mas optava por me cercar de outra, enquanto cerceava o que acontecia ao meu redor.

Parte dessa apatia surgiu em decorrência do cinismo dos mais velhos e do sistema em que insistiam que eu deveria ser bom. Mas eu o desprezava.

Cheguei à faculdade com vinte anos, no curso de geografia, sem muito interesse.

Fazia a prova todos os anos, como uma obrigação prepotente imposta por meu pai, e a cada ano que passava estudava menos para tal. A bem da verdade, devo afirmar que passei no vestibular por puro golpe de sorte do destino. Me matriculei, conheci outras pessoas como eu e pude experimentar algumas das sensações mais diversas. Durante o passar dos anos, aos poucos me validei.

⁷ Natural de Fortaleza, 29 anos, mora em Caucaia, região metropolitana de Fortaleza. Apaixonada por histórias. A autora encontrou nos contos uma forma de dar vida às ideias que absorve como leitora ávida. Graduada em espanhol pela UECE, sempre foi fascinada por culturas, línguas e a complexidade das emoções humanas. Embora a escrita não seja sua grande paixão, ela vê nas palavras uma ponte para expressar suas reflexões e experiências. Quando não está mergulhada em uma nova leitura ou explorando novos aprendizados, Lari busca equilibrar a vida com leveza (e uma boa dose de café).

Aprendi diversas coisas, em todos os âmbitos de conhecimento possíveis.

Andava majoritariamente com os estudantes da filosofia, e desdenhava um pouco dos meus semelhantes bem-nascidos, colegas de curso. Se atualmente, uma universidade pública é luxo para poucos, em uma época pouco distante, era para a nata. E isso me enojava, dando corda para que um enfant terrible pudesse reinar. O campus era minha corte e a cidade, minha vadia.

Não foi até o quarto semestre que ouvi falar na professora Irene, ou que a ouvi falar. Em meio a tanto atrito, já se pode deduzir que eu não era o melhor estudante, e tampouco pegava muito em livros -- à exceção das vésperas de prova. Mas eu gostava da aula dela, e de como, do alto de sua idade jurássica, ela parecia conhecer com propriedade cada aspecto relevante do curso dentro do estado. Não era o suficiente para me dar orgulho de ser cearense -- logo eu, geração Coca-cola --, mas hoje enxergo que era uma semente.

Ela era negra, e tinha um pouco de dificuldade para andar, o que para mim poderia ser atenuado se evitasse os tamancos coloridos que sempre usava, mas eu também era adepto ao individualismo: se lhe era confortável, à vontade. Professora Irene era séria, do jeito afetado e cômico que apenas os anciões nordestinos dominam, e isso me impunha admiração. Em um planeta de burgueses que ganhavam carros aos dezoito e casas à formatura, aquela mulher era como uma falha na Matrix. Mulher, negra, e com rugas que marcavam não apenas idade, mas o quanto havia ambos: sofrido e sorrido.

Não cheguei ao resultado destas conclusões de imedia-



to, tendo refletido muitas e muitas vezes sobre o que saía de sua boca. Não agia como se fosse, mas era adepta ao ensino democrático, uma vez que nos permitia a todos sugar o máximo de conhecimento possível, desde que mostrássemos interesse. Era erroneamente interpretada às vezes.

Certa manhã, em sala, Irene estava pálida. Chegou assim, tentou dar aula, mas algo a impedia.

Alguém a perguntou o quê.

Veio do sertão, de cidade cujo nome não lembro, e quase se tornou mais uma estatística, embalada em rede com cruz de pau no solo quente. Estudava em um município vizinho, e às vezes não havia pau de arara, tendo reprovado duas vezes por desinteresse. Sua irmã mais velha, Iracema, se importava com ela. Lhe ensinou a ler e lhe dava livros. Me fascinava pensar em como essa literatura viajava -- tanta dificuldade, suor no batente sob o sol quente intermitente, mas ainda assim, felizes ao poente.

Nossa mestra era uma mulher vaidosa. Floreava seu discurso, que em realidade nada era senão uma coroa de flores sombria.

A irmã foi prostituta. Rapariga. Sonhava sentir o mar. E precisou de muitos anos para que Irene entendesse a realidade e começasse a estudar. Nos disse que era jovem, e que não cria que estudo pudesse melhorar sua condição de vida, mas que por golpe mudou sua abordagem quando a irmã caiu doente de tuberculose e, sincrônico ao término do semestre, foi para a rede.

Alguns alunos estavam irrequietos, e reinava no ar a apatia de outros. Classe boa, divertida, mas que dificilmente teria feito o que a professora fez para sustentar uma vida

universitária: vendeu cordel. No sinal, principalmente.. Demorou dez anos para se formar e não pôde pagar pelas fotos de formatura, mas estava feliz.

Testemunhou a desgraça de Iracema, e seu negócio era cordel, não bordel. Havia sido abordada pela cafetina da irmã, mas preferiu passar fome. Iracema não teve opção -

- órfã aos catorze, com uma criança de cinco para criar --, mas ela tinha, e devia isso à irmã. Demorou alguns meses para que tivesse a ideia, e mais um ou dois para conseguir colocá-la em prática depois que chegou à Fortaleza. E aquela realidade lhe era dura. Em plena ditadura militar, viveu nas ruas com apenas dois vestidos e seu par de chinelas -- que mais pareciam feitas de papelão tamanho o uso.

Apanhou da polícia, e sabe Deus de quem mais, mas conseguiu levantar dinheiro o suficiente, pedindo na praia. Gostava de lá, a estátua era imponente como sua homônima, Iracema, e lhe fazia bem. Mesmo depois de juntar o montante e sair das ruas direto para uma pequena casinha, comprar seus materiais e começar a produzir.

Nunca soubemos realmente o que a importunou aquele dia, mas nos ensinou o passo-a-passo do cordel, e falou um pouco mais sobre sua vida. Iracema lhe ensinou sobre os dois.

Tenho comigo que foi por pena.

Por desprezar aquela classe particularmente difícil, por ser subestimada e posta à prova diariamente, por tudo o que viveu e sua honra ao passado.

Era triste estar ali na frente daqueles meus colegas. De mim. Pessoas que frequentavam os clubes chiques que estavam abrindo na cidade, turistas de sua própria terra, alheios



aos fantasmas de seu povo. O sol nos bronzeava. Mas outros, ele queimava.

Alguns refletiram, conquanto outros arquivaram aquele momento fundo na memória. Eu, eu li Iracema e estudei sobre José de Alencar. Tudo muito gradual, mas aconteceu, e terminei meus anos na universidade sem mais muitas aulas com as da professora Irene.

Soube que alguns anos após minha graduação, faleceu e teve suas cinzas derramadas aos pés da estátua.

Assim como ela, eu passei a ir à praia meditar, olhar os turistas reais admirarem o mar, e começar a me questionar: o que existe do lado de lá?

O HOMEM QUE FALAVA COM OS CLARINETES

*Jurandir Alberto de Sousa Júnior*⁸

Era uma vez ... Não, assim parece um conto de fadas e, apesar de essa ser uma história sobre um menino, não é uma só para história para crianças. Certa vez, havia um garoto, que possuía ouvidos e mãos mágicos. Ele podia ouvir a voz das coisas e fazê-las cantar maravilhosamente. O menino nasceu em Iguatu, Ceará, em 1912 e o pai, militar, logo tratou de mandá-lo para a marinha, ainda novinho, com apenas 11 anos de idade, para ver se dava jeito na criatura. Mas que nada! Foi lá que ele descobriu o dom que daria sentido a sua vida e impulso para perseguir seus sonhos.

Mas lá vou eu me adiantando de novo!

Como disse antes, ele conseguia ouvir as vozes das coisas e foi assim que ele escutou uma conversa entre dois instrumentos musicais. Um deles reclamava que seu usuário estava tão gordinho, que não conseguia utilizá-lo com

⁸ É Professor de Língua Portuguesa e empregado da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafo - ECT, na qual atua como auxiliar administrativo e revisor de texto. Natural de Fortaleza e residente em Maracanaú- graduou-se em Licenciatura em Letras Português-Literatura pela UECE e Pós Graduou-se em Revisão Prática de Texto pela UNYLEYA. Amante da música e da poesia; Foi no curso de graduação que lhe foi oportunizado desenvolver habilidade de escrita de gêneros narrativos, o que resultou em projeto de publicação dos resultados alcançados na disciplina Literatura Infanto-juvenil, em pareceria com o corpo docente e discente.

a destreza habitual e isso o deixava frustrado. O pobre instrumento completou dizendo que a culpa era da cozinha da escola, que servia um cardápio bem mais saboroso aos componentes da banda.

Nosso garoto ficou muito curioso e tentado a provar os supostos quitutes servidos aos integrantes da banda já que, apesar de ser uma escola, o lugar lembrava mais um quartel e não sei se você, prezado leitor, teve alguma experiência com comida de quartel, mas se não teve, não perdeu nada.

Assim, com esse objetivo não muito republicano, ele ingressou na banda e lá, além de se alimentar melhor ele descobriu o verdadeiro propósito do seu talento.

Como entendia os instrumentos, conseguia extrair deles os mais belos sons e percebeu a maravilha que era quando todos soavam em conjunto, somando o melhor de cada um para formar uma harmonia perfeita.

Um dia, observando o oficial que conduzia os trabalhos da banda de música, percebeu que, apesar da extensa experiência como regente e de todo o conhecimento teórico acumulado ao longo da carreira, o maestro não obtinha dos instrumentos tudo que eles tinham capacidade de fornecer.

Como ele era o mais “moderno” na banda, foi nomeado arquivista, responsável por organizar as partituras e, também, por guardar os instrumentos após os ensaios. Em uma dessas ocasiões, após um ensaio no qual trabalharam trechos especialmente difíceis da ópera O Guarany, de Carlos Gomes, ele percebeu que alguns músicos não conseguiram articular as notas com clareza e o maestro pareceu nem perceber. Foi aí que ele ouviu o seguinte:

- O que você achou do ensaio de hoje? - perguntou a

Flauta ao Clarinete Spala.

Nosso menino então, fiel a seu caráter impetuoso, nem deixou o Clarinete se pronunciar, foi logo dizendo: “Muitas notas deixaram de ser executadas como deveriam, e, por isso, no trecho principal a falta de afinação entre clarinetes e flautas foi perceptível.”

- Que interessante! Você nos compreende perfeitamente, que bom se fosse nosso maestro, mas sabemos que, infelizmente, isso nunca acontecerá! - argumentou o Clarinete.

As conversas se repetiam após todos os ensaios, e ele aprendia muito, diretamente dos instrumentos. Em umas dessas conversas, o Clarinete admoestou o menino a procurar desenvolver seus talentos fora das forças armadas, porque devido a hierarquia militar ele jamais chegaria à posição de oficial regente, pois ingressara nos quadros da marinha como aprendiz de marinheiro.

Sobre o período logo após a saída da marinha, há controvérsias. Uns dizem que ele tocou em cabarés, cassinos e até circos, outros, que deixou as forças armadas somente depois de ser aprovado no concurso da orquestra do teatro mais importante da capital do país. O fato é que ele estudou com Francisco Mignone no Instituto Nacional de Música e lá aprimorou seus estudos em regência e composição, sendo que em 1939, quando ele contava apenas 27 anos de idade, estreou uma ópera, de sua autoria, sob sua regência no Teatro Municipal, ocasião em que os instrumentos responderam à sua regência como nunca haviam feito com nenhum outro maestro, e a plateia ficou embevecida não só com a condução da orquestra, mas também com qualidade de sua composição.



Mas a consequência mais importante dessa apresentação foi a mudança operada nele próprio. Até aquele momento, ele gostava de música, claro, mas o estudo e a execução era encarado quase como uma obrigação. Algo que exigia método, regularidade e, até aquele momento, não identificado com diversão pura e simples, com alegria. No entanto, quando se viu perante a orquestra, no controle de todos aqueles instrumentos que respondiam a cada movimento de sua regência, sentiu uma enorme alegria e ficou com vontade de que esse momento não acabasse.

Ao final da ópera, na sua habitual conversa com os instrumentos, ele revelou como desfrutara daquele momento mágico e que estava muito satisfeito com o resultado obtido dos instrumentos, que responderam perfeitamente aos seus comandos. Foi então que o Oboé, o primeiro a falar por ser o mais respeitado, já que era o instrumento responsável pela afinação de toda a orquestra, respondeu:

- Se você ficou satisfeito com o nosso nível, que temos poucos recursos para manutenção, imagine como se sentiria se regesse uma orquestra de primeira linha?

- Você deveria reger uma orquestra americana, elas sim têm dinheiro! - Disse a Tuba.

Depois dessas palavras ele se pôs a pensar e a elaborar um plano que o permitisse ascender à posição de maestro titular de uma orquestra reconhecida mundialmente. Foi então que pensou consigo mesmo: “Vou para os Estados Unidos reger uma das três grandes orquestras americanas: Boston, Filadélfia ou Nova Iorque.”

Em 1946, finalmente chegou a fase do seu plano de ir para os Estados Unidos.

Não foi fácil, claro e após muita insistência, conseguiu uma oportunidade para reger no Carnegie Hall, em Nova Iorque. Mas, se você, caro leitor, pensa que deu tudo certo, está muito enganado. Na verdade, só permitiriam que ele regesse se pudessem divulgar o espetáculo como que regido por um índio, pois seriam divulgadas fotos dele vestido com roupas características. Ao que ele respondeu:

“Não aceito, há muito tempo não visto tanga.”

Foi então para a segunda opção, a Orquestra Sinfônica da Filadélfia. No entanto, nosso garoto ouviu do regente Eugene Ormandy, que ele necessitaria de pelo menos mais 20 anos de estudos de regência para ficar à frente de uma orquestra no nível da sua.

Mas, como um bom brasileiro que não desiste nunca, ele decidiu que a terceira vez daria certo. Então, foi procurar Sergei Koussewitzky, diretor musical da Orquestra Sinfônica de Boston.

Quando chegou lá já haviam acabado as inscrições para o curso de regência promovido pelo maestro e foi necessário elaborar uma estratégia para conseguir uma audiência. Ele então inventou que tinha uma mensagem do presidente do Brasil e que a mensagem deveria ser entregue pessoalmente. Mas isso não era tudo!

Ainda precisava convencer o maestro a aceitá-lo no curso, e, para isso, resolveu aproveitar a sua origem indígena, que fora motivo de chacota para os nova iorquinos.

Disse então a Koussewitzky: “Dê-me apenas 5 minutos a frente da orquestra, se não convencê-lo voltarei e viverei da caça e da pesca no meu país.”

Os cinco minutos foram suficientes, e, apenas um ano



depois Eleazar de Carvalho enviava a Ormandy uma cópia do seu contrato, dois ingressos para sua estreia como regente da Orquestra de Boston e um cartão dizendo: “Veja onde já estou!”

BORDANDO A VIDA

*Rebeca Pierre Oliveira*⁹

06h da manhã de uma segunda-feira quando Márcia, ainda acordada, planejava em silêncio como seria mais uma semana. Seu marido morrera recentemente, deixando na responsabilidade da esposa três filhos e uma saudade que, quando não cabia no peito, externava pelos olhos. Carlos trabalhava como pedreiro e foi vítima de um acidente de trabalho. Ele se distraiu por alguns segundos e caiu drasticamente do andaime da constituição em que estava trabalhando, o homem ainda ficou alguns dias no hospital, mas infelizmente não resistiu.

Passando alguns meses do desastre, Márcia foi despedida, com as crianças da humilde casinha onde moravam, por falta de pagamento. A mulher se viu desesperada sem ter para onde ir, foi quando conheceu Sônia, uma simpática senhora que morava no centro de Fortaleza e que a levou para trabalhar em sua casa. Sônia era também viúva e vivia apenas de uma pequena pensão que o marido deixara e de seus artesanatos, o que não era muita coisa, mas dava para o sustento.

⁹ É graduada em Língua Portuguesa e Literatura, redatora e escritora. Nasceu em Fortaleza, onde mora desde cedo. Durante a adolescência, gostava de ler autores regionais e foi na disciplina de Literatura Infanto-juvenil que descobriu o desejo de colaborar na escrita de um livro. No ano seguinte, após ter finalizado a disciplina, iniciou o projeto de publicação de uma coletânea juntamente com outros colegas de turma.



Sônia era conhecida por ser uma das principais artesãs da região, tinha feito do artesanato uma forma de reexistir. A mulher tinha um olhar de coragem e gostava de sentar ao fim da tarde na calçada em sua cadeira de balanço, acompanhada por sua xícara de café e por suas linhas de bordado de inúmeras cores, as quais ela usava para fazer seus artesanatos. Todas as pessoas que por ali passavam, cumprimentavam Sônia e contemplavam a calma em que transpassava seu rosto e os seus fantásticos movimentos com as mãos. Não tinha ninguém que passasse que Sônia não lhe chamasse a atenção com suas belas linhas coloridas dando novas formas aos seus tecidos de onde logo se via nascer um belo bordado.

Márcia ajudava-a em seus afazeres domésticos e no que mais precisasse. Os filhos de Márcia moravam com elas e estudavam no Liceu do Ceará, uma escola que ficava próxima a casa. Márcia admirava muito Sônia por ser uma mulher de garra tão batalhadora e por sempre procurar ver as coisas do melhor ângulo, ela achava os bordados de Sônia lindos e ficava extremamente encantada com a paixão com que a mulher produzia tudo; passava horas e horas observando como ela fazia aquilo. Sônia percebeu o interesse de Márcia pelo bordado e então perguntou se ela gostaria de aprender a fazê-lo também. Márcia sem pestanejar respondeu que sim. Sônia tinha Márcia como uma filha que a vida não a concedeu e fazia sempre questão de lhe ensinar tudo o que sabia. De repente estavam bordando juntas.

O tempo passava, a cidade crescia e a procura pelas belas peças de artesanatos que as mulheres faziam começou a ser constante não só por moradores da região como tam-

bém por turistas. E foi aí que as mulheres viram a oportunidade de expandir o negócio e montaram uma belíssima loja no mercado central. O estabelecimento começou pequeno e em poucos meses já era uma dos maiores do mercado central. Com muito esforço, Márcia e Sônia saiam de suas casas para construir juntas o sonho de levar suas obras feitas à mão para o mundo. Mesmo cansadas e sempre levando trabalho de casa para o trabalho e vice-versa, tudo valia a pena no final do dia quando os clientes se mostravam satisfeitos com o artesanato genuinamente cearense.

Márcia, feliz pelos rumos que a vida tinha tomado, abria um sorriso todas as vezes que o cliente levava um pedacinho do Ceará para casa e sentia um fraterno sentimento de gratidão por Sônia, que foi a responsável por lhe mostrar a beleza do trabalho feito à mão. Sônia, que muitas vezes se viu perdida e sem companhia, encontrou em Márcia uma fiel escudeira para realizar o que de mais bonito sabia fazer.

As duas mulheres, que na época nem sabiam o que era o significado de sororidade, exemplificaram muito bem em atitudes o que isso representa e tornaram do artesanato não apenas um meio de vida, mas uma forma de amar.

AJUDA, VIRGEM MARIA

Andressa Victor Bezerra¹⁰

A família era humilde. O pai trabalhava pesado para garantir o sustento de todos.

A mãe cuidava do filho menor e de mais dois. Todo dia era quente em Salitre. A chuva era um evento especial, acontecimento digno de festa. A vida no Sertão era dura, mas a família ia como dava e era feliz sem saber. Até que num ano não teve chuva. Nem no outro. Nem no outro. E no outro também não teve nenhuma gota sequer. Os bichos secaram e um bocado morreu. A dona da fazenda mandou o pai soltar o resto que havia sobrado, pois ela não queria vê-los morrer perto dela. Depois ela foi embora, e a família teve que ir também. Iriam para a casa de uma tia da mãe.

A mãe fez as trouxas, o pai pegou os mantimentos e os meninos esperavam na carroça. Botaram tudo amontoado e foram. Mais na frente, deixaram a carroça e o burro na casa do tio Zé, e seguiram o resto do caminho a pé mesmo, com as trouxas, os mantimentos, os meninos caminhando a três passos atrás com uma tristeza grande no olhar. Na estação, o pai não conseguiu as passagens de trem. O homem comprido de nariz em pé disse para o pai que não tinha mais

¹⁰ Nasceu em Fortaleza-Ceará, em 27 de julho de 1994; Formada em Letras Português na Universidade Estadual do Ceará; Atualmente, trabalho com revisão de textos. Descobriu-se contista num projeto de escrita na disciplina ofertada por Sayure Matsuoka.

bilhete e, depois, uma família rica embarcou no lugar da pobre. Horas de espera. Na manhã seguinte, conseguiram embarcar. O caminho era longo. Chegaram ao destino depois de um dia e meio de viagem. Seguiram o resto do caminho a pé. E o menino menor chorava, enquanto o maior tentava consolá-lo. O outro também chorava, mas não caía lágrima alguma. O menino maior chorou mesmo foi quando o menor morreu. O coitadinho estava se doendo de fome e comeu uma erva venenosa. Aí a barriga dele inchou tanto que o coração parou, e ele foi embora. A família deixou ele no caminho mesmo, sete palmos por debaixo da terra. Logo depois seguiram.

Numa noite, em meio ao relento, o menino maior acordou com dor, muita dor mesmo. A dor do coração pela perda do irmão já tinha aliviado, o que ele tinha era dor de fome. Levantou e foi ver se achava um bicho ou um resto de farinha para botar na boca. Procurou e não tinha mais farinha. Nem bicho por perto. Resolveu caminhar para ver se encontrava. Procurou tanto pelo bicho que foi para longe do pai, da mãe e do irmão. Encontrou uns moços que estavam acordados conversando baixo, perto de uma fogueira enorme. A barriga do menino doeu ainda mais quando viu que eles estavam comendo. Resolveu se aproximar dos homens e perguntou se tinha comida. Um deles deu um pedaço de pão sem perguntar nada para o menino. Depois esse moço bom deu mais outro pedaço e deu água boa também. O menino agradeceu ao moço bom. Outro moço, o magro, perguntou se o menino tinha o que comer no outro dia. Ele falou que não. E esse moço disse que podia dar mais pedaços de pão se o menino aceitasse ir com eles para a fazenda. Lá,

o menino ia ajudar no trabalho e podia ganhar dinheiro. O menino disse que não podia deixar sua família, precisavam dele... O moço magro disse que era rapidinho e que depois falava com o pai para ir buscar o menino. Mostrou outro pedaço de pão, mas disse que só era do menino se ele aceitasse. O menino se lembrou da mãe, que já estava só pele e osso, e do irmão, que chorava o tempo todo. Aceitou, então, o trabalho.

Depois que o dia raiou, os moços colocaram o menino numa carroça grande com mais outros meninos também maiores, que, certamente, também tinham um pai, uma mãe e irmãos menores. A carroça levou os meninos para a tal fazenda. Logo que chegaram, o menino e outro foram levados para cortar cana. Os outros garotos foram levados para outra parte da fazenda. O menino cortou rápido para ver se ganhava muito dinheiro. Cortou e cortou. Depois comeu um prato de pirão com carne e se lembrou do pai, da mãe, dos irmãos. O moço bom mandou o menino parar o trabalho, disse que era o suficiente e deu mais um bocado de comida para ele. O menino perguntou se podia pegar o dinheiro e ir embora. O moço disse que só podia deixar o menino ir quando o pai chegasse para buscá-lo. Disse que já tinha avisado e que o pai já estava indo, só que podia demorar uns dias. Enquanto o pai não ia, o menino podia dormir lá, comer e trabalhar. O menino não tinha como sair de lá. Então ficou.

Ficou lá uma semana. O pai não apareceu, não dava notícia nem para dizer que estava perto. Aí o menino ficou esperando. Esperando e cortando cana, e comendo pirão, e se lembrando do pai, da mãe, do irmão. O menino cortava

tanta cana que a mão doía, já estava calejada, e às vezes sangrava. O pai não apareceu, e o moço bom que prometeu trazê-lo sumiu. No lugar do moço bom, veio outro que não gostava do menino. Sempre que o menino perguntava pelo pai, o moço ruim brigava. Uma vez, o menino quis ir embora e o moço ruim bateu no rosto dele, com tanta força que o coitado caiu no chão. Três dias com o rosto inchado. Só se lembrava do pai, da mãe, do irmão.

O moço ruim mandou o menino trabalhar. O menino saiu correndo, mas o diabo o pegou pelo braço. “Me solta, desgraçado dos inferno.” E apanhou de novo, que a boca até sangrou. Depois o moço ruim trancou o menino num quarto escuro e disse que não ia ter comida naquele dia. Daí o menino pediu para a Virgem Maria trazer o pai para ele, mas ela não trouxe, e o menino ficou no quarto chorando e se lembrando do pai, da mãe, dos irmãos...

O menino foi para o quarto mais vezes e apanhou mais vezes. Sempre o menino pedia ajuda para a Virgem, mas ela não escutava. Ele gritava e incomodava os outros meninos que também estavam no quarto. Quem sempre estava lá era Pedro, um garoto que sempre defendia o menino do moço ruim. Ele era bom. Sempre que o menino ficava sem comida, Pedro separava um pouco para repartir.

Não se sabe quanto tempo passou, só que o pai nunca apareceu quando o menino pedia para a Virgem Maria. Depois que o menino parou de pedir para Ela, nem da cara do pai se lembrava mais. Um dia o moço ruim quis bater em Pedro, mas o menino não deixou e quis defendê-lo. Daí o moço ruim puxou uma faca. O menino não ia deixar aquele moço fazer mal a Pedro, e pulou em cima do moço. O moço

ruim rebuliu-se todo, mas o menino não caiu. Então veio o barulho de um tiro e foi Pedro que caiu no chão, com uma mancha de sangue no peito. O menino virou a cara e viu o moço bom que tinha levado ele para aquele lugar, o moço estava segurando uma espingarda.

Depois foi tudo muito rápido. O menino de repente foi parar no chão, sentiu a lâmina fria da faca entrar na sua barriga, que não tinha mais fome. Viu os raios de sol entrar pelas brechas daquele quarto escuro, os raios brilhavam mais forte. Sentiu a cabeça pesar. Lembrou-se do..., da mãe..., dos irmãos... e da Virgem – como que lendo os pensamentos do menino, levou-o para perto do irmão menor, para eles poderem brincar.

O DISFARCE

Maria das Graças Rodrigues¹¹

No ventre da mãe, ela já apresentava sinal de força. Chutava forte na barriga de sua genitora e não demorou muito, veio ao mundo. Se soubesse que logo ficaria órfã, talvez demorasse um pouco mais para nascer e sentir por mais tempo o calor daquele imenso barrigão. O lugar em que nascera não era o lugar ideal para o crescimento daquela criança, mas foi embaixo de uma choupana que Antônia deu seus inúmeros choros e passos.

Crescia muito rápido e já se mostrava diferente. Corria atrás dos jumentos que por ali passavam até subir e sair desbravando pelas capoeiras do sertão disputando corrida com os meninos. Claro, ela sempre ganhava. Não queria conversa com serviços de casa. Quando se deu conta estava sem a mãe que partira de uma doença infecciosa e nem sequer conseguiu se despedir da filha. A moçoila passou a fazer as atividades da casa, que era um grande fardo para uma menina de pouca idade. Não foi por muito tempo. Fu-

¹¹ Nasceu em Luzilândia Piauí, em 1976, mas reside em Fortaleza desde 1989. De família humilde teve pouco acesso aos livros paradidáticos, pois, em sua essência priorizava a leitura e a escrita. Desde a adolescência sentia um desejo de ser escritora e criou algumas histórias e poesias. Escreveu durante a sua graduação no curso de Letras 20 crônicas ainda não publicadas. E durante esse período no mesmo curso, na disciplina de literatura tomou gosto pela escrita com o conto “O disfarce”, Tendo como incentivadora A professora Sayuri Gregório. Hoje possui Especialização em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura pela UNIASSELVI.



giu de casa e saiu em direção ao desconhecido.

Mandou uma carta ao padrinho que morava em Ouro Branco. A pergunta era certa, necessitava de um lugar para por em prática tudo que imaginava. O sonho era ser militar. Suspirava quando via aqueles cabras passarem fardados em frente ao riachão para dar água aos cavalos.

– Só pode ser doida Tonha.

– Doida eu? Pois fique sabendo Felisberto, quando eu chegar aos 20 anos você vai ter notícia.

– Vosmicê ainda há de ver, escute e não esqueça. Era uma vontade imensa de descobrir o mundo que passou meses indo à casa das cartas. A grande notícia foi trazida pelo Zé bola. Nesse dia ela acordara cedo e tirava leite da peteca quando ele bateu palmas. Pulou de alegria. Ela não cabia em si e cuidou logo de arrumar sua bagagem em um saco de açúcar. Colocou a rede de tiras de tucum e calças e camisas que tinha surrupiado de Felisberto. Nenhum parente podia saber, jamais aceitariam esse disparate, imagina uma mulher querer fazer serviços de homem.

Pediu sigilo absoluto ao padrinho e aos amigos de infância. Naquele dia chovia muito e ela partiu antes que alguém da casa chegasse, estavam todos na colheita de cana. Só retornavam a noite.

Por um momento pensou em desistir, era tarde. Não teria outra chance.

Foi no curral, subiu no cavalo e sumiu no horizonte. Durante a viagem se alimentava de carne de pássaros e farinha. Pelo caminho se deparou com coisas estranhas. Mulheres esquisitas se embrenhavam pela mata. Não imaginava, eram homens fugindo do confronto armado. Após dias,

chegou. Avistou a grande cidade.

Percebia a diferença do seu lugar. Vestia-se como homem, há pouco havia cortado os cabelos com uma peixeira. Usava o chapéu de Zé bola e as roupas de Felisberto. Viu a casa de longe. Bateu palmas e ninguém, ouviu um tiro. Empurrou a porta devagar e entrou.

Seu primeiro contato ali foi com as armas. Não perdeu tempo, queria aprender.

O Padrinho não se recusou e ensinou tudo que sabia. Tudo se encaminhava bem. A guerra agora era seu alvo, tinha que ir. Não estava conformada com tanta gente de sua terra se acabando. Queria ajudar. Infiltrou-se entre os homens e se inscreveu. Percebia olhares diferentes em sua direção, a aparência denunciava. Não deu atenção. Nos treinamentos era a melhor. A ida à guerra se aproximava, cuidou em ser discreta. Não encarava as pessoas direito, a boina cobria metade da face.

Não podia ter surpresas, mas nem sempre é como queremos. Havia dias que Felisberto a procurava. Era um risco, ela não poderia cometer a loucura de ir à um confronto armado. Ele a amava e planejava impedir a viagem embora percebesse que a militar se interessava por um formoso soldado. Antônia feliz, conversava com seus colegas aguardando a saída. Alguém observava de longe. A partida estava marcada para as duas horas. No balcão do batalhão uma carta sem assinatura fazia uma denúncia.

Parecia descabida, porém precisavam tirar a dúvida pois já desconfiavam. Um grande alarme fora acionado e todos já sabiam que alguma coisa estranha acontecia.

Estavam alí organizados quando ela foi chamada para



uma averiguação, Ela sentia que estava tudo perdido. Teve que dizer a verdade, foi um espanto, ninguém acreditava. Sabiam da especialidade dela para usar armas, coisas que somente os homens que eram enviados para treinar longe dali sabiam. Não havia o que fazer, logo a convidaram para treinar aqueles os soldados. Acabara seu sonho ali, todavia agora era chefe de guarnição e viajava onde havia confrontos e organizava as estratégias para as lutas.

Ela tinha agora um batalhão de inimigos, inclusive Felisberto. Ele não aceitava o romance secreto da jovem. Ela enfim descobrira o amor estava apaixonada, porém pouco correspondida e não podia declarar a todos. Certa noite se encaminhava para um encontro em um alojamento e resolveu dormir ali mesmo. Seu namorado chegou depois embriagado e houve uma grande discussão. O homem dormiu chateado, não aceitava ser mandado por mulher. A meia noite ela viu uma fumaça esquisita e percebeu que o companheiro não respirava, o vestiu com suas roupas e pôs uma pulseira no pulso dele.

Saiu desesperada e rápido. Ninguém viu. Alguém no alto de uma árvore observava tudo olhando apenas a frente do lugar. Era um homem que saiu de cena cabisbaixo. No dia seguinte, encontraram um corpo queimado.

Todos afirmavam ser da moça. Porém meses depois davam notícia de uma mulher que levava nas costas, soldados durante fortes combates e que fora abatida por engano.

UMA ESTRELA QUE NÃO BRILHOU

*Antonio Oliveira de Sousa*¹²

O trabalho como professor de um centro socioeducativo para adolescentes em conflito com a lei proporcionou ao professor Fernando diversas experiências agradáveis e outras nem tanto.

No exercício de suas atividades como docente, Fernando mergulhou, sem pestanejar, nas histórias de vida daqueles adolescentes, histórias que se confundiam, ora pelo contexto social no qual aqueles jovens estavam inseridos, ora pela semelhança dos seus atos infracionais. Contudo, em meio a tantos adolescentes com vidas tão parecidas, um jovem, que sonhava em ser arquiteto, lhe chamaria a atenção, resignificando, assim, seu ofício de professor.

Era setembro, município de Baturité, interior do estado do Ceará, a primavera chegando, estação das flores que para muitos simboliza renovo, esperança, vida. E eis que naquele momento, em vez de uma flor, nascia Luiz, uma estrela, e como todas as estrelas, pronta para desempenhar seu principal papel, que é brilhar.

¹² Nascido em 1974 na zona rural do município de Mombaça, é professor de Língua Portuguesa e Literatura, desde criança tinha um sonho de ser professor e, se possível, escritor. Escreveu um conto na disciplina de projetos que trouxe a oportunidade de aproximar talentos e foi possível, durante o curso de graduação na Universidade Estadual do Ceará, instituição na qual se graduou.

Rejeitado por seu genitor ainda no ventre de sua mãe, naquele momento Luiz tinha seu destino selado, não pela atitude do pai que jamais o conheceria, mas por tudo que aquilo iria refletir posteriormente em sua vida, a partir da interpretação de sua mãe.

Além de ser rejeitado pelo pai, Luiz ainda sofreria as consequências e seria responsabilizado por sua mãe pelo fracasso de um relacionamento que nunca existiu de verdade, o que lhe traria o carma de ser desprezado pela segunda vez, dessa vez, por sua genitora.

Aos seis anos de idade o menino foi acolhido por sua avó, quando voltou do hospital, após ser socorrido por vizinhos quase em estado de coma, a criança fora surrada severamente por sua mãe, que era usuária de drogas e nunca soube lidar com o filho, principalmente quando ele tinha crises de ataques epiléticos. Agora, Luiz, que já não tinha nenhuma referência da figura paterna, sofria outro abandono e perdia o “carinho” de sua mãe. Mesmo com os maus tratos que sofria por parte da pessoa que deveria lhe dar amor, talvez pela carência afetiva ou simplesmente por não ter idade suficiente para ter discernimento do tamanho da violência da qual era vítima, Luiz não mensurava as agressões, o que importava para ele eram as raras demonstrações de carinho que recebia de sua mãe, quando essa recobrava seu lado humano, momentos insólitos que aconteciam nos intervalos entre o uso de uma pedra e outra.

Agora, amparado pela avó, que praticamente não tinha condição de cuidá-lo, aos treze anos de idade ele comete seu primeiro delito, depois disso se sucederia uma série de eventos delituosos até ser capturado pela polícia e levado

para uma unidade de ressocialização. Foram várias passagens por esses centros socioeducativos sem obter sucesso algum. Certamente o Estado tem sua parcela de culpa, pois se aplica uma punição sem que haja uma preocupação com o indivíduo para além das grades que o detêm.

Passados alguns anos e depois de ter conhecido várias unidades de internação, Luiz conhece o professor Fernando. Não acostumado a ter a atenção de alguém, enquanto ser humano, logo se rende ao zelo do educador, que por muitas vezes fazia o papel de psicólogo e não somente de professor, o que lhes garantiu uma relação de confiança.

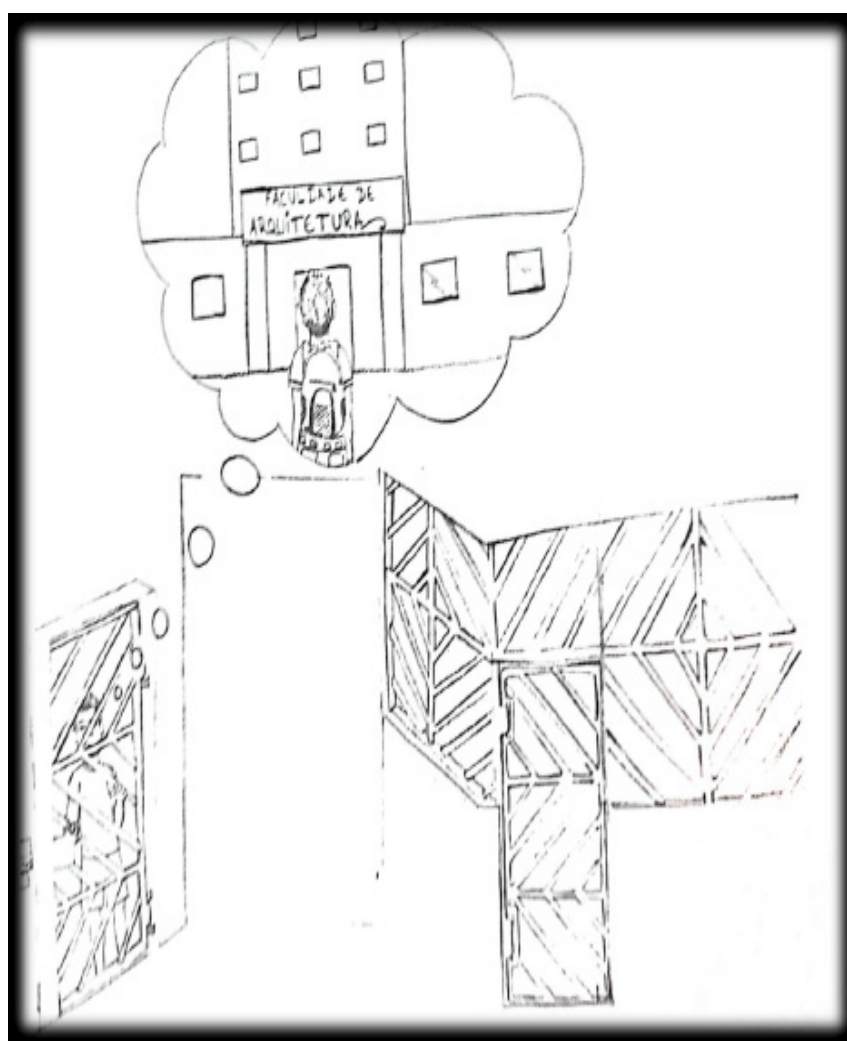
Certa vez, em sala de aula, recuperando-se de uma sequência de três ataques epiléticos, ainda fraco por causa do esforço físico que fizera, com lágrimas nos olhos, Luiz confiou ao professor Fernando, que o amparava naquele momento: “professor, eu não quero o mal dela, mas doía tanto quando ela pisava na minha cabeça, e tudo que eu queria era ser amparado pela minha mãe, assim como o senhor está fazendo agora, e se eu morrer, professor, eu irei tranquilo, pois alguém olhou para mim como gente e não como bicho”.

Autodidata, o jovem prodígio sonhava em ser arquiteto e mostraria seu talento como desenhista. Após atender um pedido do professor para que fizesse um desenho no qual ilustrasse seu presente e perspectiva de futuro, Luiz deixou aflorar toda a sua desenvoltura para desenhar e mostrou que a estrela que nascera naquela primavera ainda estava pronta e disposta a brilhar.

Luiz passou por momentos tenebrosos durante sua curta caminhada, e na medida do possível seguia seu cami-



nho superando os obstáculos. Entretanto, um desses contratempos o deteria: o descaso do Estado com seus jovens que vivem à margem da lei. Luiz cumpriu sua última pena imposta por um sistema que sempre o puniu sem se importar com seus sonhos e anseios e sem valorizar seu talento, foi solto para se apresentar à sociedade, mas a sociedade não o recebeu e pouco tempo depois uma estrela deixou de brilhar.



Fonte: Figura produzida pelo autor.

BENTO CHICO

*Felipe Lopes*¹³

Não se sentia bem, então saiu mais cedo do trabalho. Desceu os três andares, despediu-se do porteiro e, ao sair, deparou-se com um centro levemente movimentado e uma manhã cinzenta. Sentiu o celular vibrar e atendeu.

– Alice? – Diz a voz do outro lado. – Tá no trabalho?

– Beca? Não, não fiquei muito tempo, não tô me sentindo muito bem. – Respondeu

– Mas tá pelo centro? – Insistiu Rebeca. – Tô indo comprar umas coisas pra mãe.

Quer me acompanhar?

– Tá bem. Tá perto? – Perguntou Alice

– Tô sim, me encontra na praça, tá? Até já.

E desligou. A Praça do Ferreira não ficava tão longe dali. Pôs-se a caminhar.

Fitou por algum tempo aqueles poucos transeuntes. Todos com seus problemas, defeitos e traumas. Protagonistas de seu próprio romance, mas que, para ela, pouco mais eram que coadjuvantes.

Quando se deu conta, havia chegado à praça, mas Beca não estava lá, sentou-se, então, e viu lojas e seus funcioná-

13 Estudou e é graduação no curso de letras Língua Portuguesa e Literatura. Mora em Fortaleza e foi na disciplina de Literatura Infanto-juvenil que descobriu o desejo de escrever em conjunto uma coletânea de contos aqui reunidos, num projeto da professora Sayure Matsuoka.

rios, alguns velhos conversando enquanto liam o jornal em uma banquinha próxima. Um velho com aspecto de morador de rua caminhou lentamente na direção do banco e sentou, aparentemente, sem se importar com a presença da jovem garota.

Mexeu na mochila, a fria tela de seu celular marcava 8:15. Olhou de relance aquele senhor ao seu lado e percebeu um olhar vago, um semblante vazio perdido em meio às linhas do tempo marcadas em seu rosto. Conhecia aquela expressão, conhecia o olhar.

– O senhor tá esperando alguém?

O homem se espantou, pareceu despertar de um sono profundo.

– A moça tá falano cumigo?

– Sim, sim. Tá tudo bem?

– Ah, moça. A sinhora mi discupe, é que faz tempo que ninguém fala cumigo.

Aqui na cidade é todo mundo tão ocupado, né? Às veis eu até tento cunversa, mas ninguém responde. Parece que ...

– Ninguém te nota ... – completou a garota em pensamento. – O senhor mora aqui por perto? Quer ligar pra alguém?

– Ah, eu num sô daqui, moça. – E naquele momento, a garota percebeu um pequeno sorriso, perdido na barba desgrenhada do pobre homem, que escondia uma dor aguda. E o velho continuou. – Or meu fi deve achá qui eu murri ou que até que esqueci dar canção de niná que eu fazia prá eles.

– O senhor tá aqui faz tempo?

– Tempo por dimais. A moça tá vendo aquele prédio

chei de gente bem vistida ali? Eu ajudei na construção. Eu e uns pessoal do meu interior.

– Então o senhor tem conhecidos aqui?

– Não, num tem não moça. Num vejo uma alma cunhida há uns anos. Uns ome dissero qui precisava de trabalhado na capital, um negócio de um prédio. Arrumaro um pau de arara e nós vinhemo, sabe? A gente achamo qui ia conseguir fugi da seca e vivê aqui na cidade. Eu queria trazê minha patroa, as criança, mais os ome pagaro muito pouco, mal dava pro di cumê. Acabô qui fizemo o trabaio e num consegui trazê eles ... E nem voltá, né? ... – O velho pareceu se perder em seus pensamentos – A saudade dói mais que a fome.

O celular vibrou e a mensagem dizia: "Cheguei, vem pro São Luiz." Por um segundo. o mundo emudeceu. Nada podia fazer por aquela pobre alma. Ao levantar o olhar, viu que o dele havia se perdido novamente, como se há tempos não estivesse mesmo ali. Abriu a boca, mas o som não saiu. Levantou-se. O bento senhor sequer se moveu. Quando a garota reuniu forças para deixa-lo e deu as costas, poda ter certeza que havia visto um úmido rastro em seu rosto.

FORTALEZA DE BABEL

*Nadiedja Tavares de Azevedo*¹⁴

Sentado, em cima de colchão, eu estava dobrando jornais, são coisas que se aprende na rua, folhas de jornal são isolantes térmicos. Era noite, dessas atípicas na cidade de Fortaleza, chovia sem parar há um longo tempo. Joguei o colchão no chão embaixo da marquise, de um ponto que dá para ver os andares de cima do Lord Hotel.

Fiquei ali sentado, o comércio estava fechado e eu assistia os carros que passavam na Tristão Gonçalves. Eu estava com fome, as moedas de hoje não haviam sido suficientes para comprar uma quentinha. Com certeza, os crentes iam passar distribuindo sopa, acho que mais cedo por causa da chuva. Aquela sopa com arroz duro com gosto de barata, que a gente sabe que não cozinhou direito e só serve mesmo para esquentar o bucho vazio numa noite chuvosa. Eles vêm em grupos de dez pessoas numa Combi, abrem as

¹⁴ Nascida em Campina Grande Paraíba, de ascendência judaica, desde criança foi dada a ler a Torah e o Tanah, Machado de Assis, Ariano Suassuna, Kafka, Clarice Lispector entre outros, com forte influência da Kabbalah judaica em sua vida, passou a estudar filosofia alemã de Schopenhauer, Nietzsche e Hannah Arendt, graduou-se em Filosofia na UEPB em 2014. Ao migrar para o Ceará, em 2015, terra apaixonante onde cursou Letras Inglês mas não concluiu o curso, os únicos frutos gerados foram as amizades e o conto deste livro, fez mestrado em Filosofia (UFC) em 2021. Por causa da pandemia de Sars-Cov-2 voltou a sua terra natal. Graduanda em Letras Português na IFPB (João Pessoa) está em conclusão na Especialização em Tutoria em Educação à Distância - UFMS, possui interesse em Literatura, Filosofia, Educação, Antissemitismo e Totalitarismo.

portas e saem distribuindo a sopa refeição. O requisito é pegar sopa, pão e o panfleto. Ah, os crentes! Louvados sejam os crentes, hoje só tem a comida deles para escapar feito gás de cozinha. Alimentam a nós, mendigos, prostitutas, drogados, os cachorrinhos que comem as migalhas que caem de suas mesas. Eles não ligam para nós!



Eles querem fiéis, que a gente viralize em suas redes sociais, apareça em seus slogans como resgatados do mundo, tornando mais um teleguiado que não tinha nada e agora tem carro, empresa, família, e bicho de estimação. Alguns acham que escolhemos estar na rua, que escolhemos estar à margem. Nos olham como insetos na sarjeta, que só têm valor quando estendemos as mãos para pegar os panfletos. Sacrifícios terrenos e promessas de alívio na eternidade. Não acredito nisso!

Fiquei com o olhar distante, vendo os pingos da chuva na marquise, pensando nos crentes. De repente, um se aproxima de mim. Com aquela voz esganiçada que a gente vê na televisão, e fica se perguntando: por que eles falam todos da mesma forma?!

Chegou com um terno maior que ele e perguntou:

- Foi craque, irmão?
- Não! Não foi craque, eu perdi tudo foi numa rasteira.
- Vamos fazer uma oração por você, entregue sua vida a Jesus, ele pode transformar sua vida. Veja meu exemplo, irmão, eu vivi uma vida de devassidão e hoje sou servo do Senhor.

- Não, hoje não. Hoje esse joelho não se dobra.

Dei-lhe um sorriso de canto de boca, e ele com cara de resignação contraiu os lábios. Peguei o pão sovado e o copo descartável de sopa fumegante. Depois estendi a mão e peguei um panfleto onde dizia que eu iria herdar o reino dos céus. Os crentes saíram com cara de dever cumprido e eu fui comer, pensando que eles não tinham feito nada demais, as palavras deles não surtiam efeito. Comi tudo, o gosto de barata hoje nem foi problema, depois agradei a mim mesmo por deitar num colchão que disputei as tapas com outro morador de rua. Fui bem corajoso, ou suicida, porque esse cara é conhecido no centro por querer tudo que pode ser útil no lixo. Da Pedro Pereira até a Duque de Caxias ele faz questão de dizer que é o seu território. Só que dessa vez ele saiu perdendo e eu sai arrastando o prêmio da Major Facundo até aqui. Ele ficou lá meneando a cabeça, proferindo palavras, com os braços para cima, me ameaçando de morte.

Me preparei para chuva. Hoje a noite vai ser fria. Adormeci pensando nas construções, na torre de babel, na confusão das línguas, de em como o prédio do Lord Hotel era um dos prédios mais altos na época da sua construção, vendo os pingos caindo na calçada e vendo o reflexo das luzes dos postes nas vidraças das janelas. Dormi num sono denso e sonhei que subia acima das estrelas. Meus joelhos vacilavam e eu caía. Por que eu não tinha forças para levantar? Olhava para cima via um imenso buraco no céu, com partes que lembravam uma nebulosa dos livros de física. Gosto amargo na boca, um remorso rasgando-me o peito. Acordei subitamente como quem cai num precipício, suado, com sede e o dia ainda não tinha amanhecido. Ainda ofegante, as lembranças surgiam na minha cabeça como uma enxurra-

da. Lembrei do meu pai, da minha mãe, de quando eu vivia uma vida dentro do que eles chamavam a Casa do Senhor. Depois, senti uma revolta, olhando ao meu redor, eu estou na rua. Que casa? Que Senhor? Meu pai era pastor, era meu primo, até aquele maldito dia, que eu ouvi voz dele em meio a sussurros. Como de costume entrei de vez no seu gabinete sem bater na porta e vi o diácono lhe prestando um favor, enquanto meu pai lhe mandava sugar tudo.

Saí da igreja cego, com as têmperas latejando, vaguei por horas nas ruas. Voltei para casa à noite, não sentia mais aquele lugar como lar, era só uma casa. A relação ficou insustentável, eu sabia do maior segredo do meu pai. Os sermões não faziam mais sentido, toda aquela vida era feita de mentiras. Eu já nem olhava mais para cara do velho, não lhe dirigia a palavra. Eu só pensava no que tinha visto, ele mentiu a vida toda. Às vezes a raiva era tanta que subia na garganta refluxo, junto com as palavras que eu não lhe berava na cara: Velho veado! Velho charlatão! Coitada da mãe, bemaventurada seja a morte, ela nos livra das dores! Livrou minha mãe desse desgosto.

Fico pensando na ironia divina, ela era tão devotada e um câncer lhe comer por dentro até morrer foi melhor do que ver uma desgraça dessa.

Saí de casa com destino certo, e foi aí que começou um abismo puxando outro abismo.. Desci do ônibus, parei na Duque de Caxias e entrei no Disney Lanches, na frente funciona a lanchonete e por trás um privê. Tirei um dinheiro do bolso e o garçom me serviu uma dose de uísque falsificado. Há um ditado que diz que quando você abre uma garrafa de uísque falsa o diabo ri no canto do bar.

Sorvi a bebida à caubói, em gole rápido e pedi outra dose. Relaxado na cadeira junto ao balcão, senti mãos femininas que massageiam meus ombros, viro a vejo, ela me puxa pelo braço, pergunto seu nome e ela não responde, entrei por um corredor longo e fiquei achando peculiar os jarros de plantas suspensos em uma grade da parede para o teto. Perguntei seu nome, e ela me respondeu dando uma risada jogando o pescoço para trás, se aproximou e disse no meu ouvido, me chamo Babilônia. Perguntei quanto custava o programa e ela não respondeu, me levou para dentro de um salão, mesa com toalha vermelha, e os velhinhos aposentados jogando baralho, me serviu uma boa dose de uísque, e me colocou no jogo.

Passsei o resto da tarde no carteadado, a noite chegou e eu não vi o tempo passar.

Joguei tudo que eu tinha no bolso, voltei com um pouco mais do que tinha na carteira.

Na semana seguinte voltei e toda sexta-feira fazia ali meu lugar preferido no mundo. Ao mesmo tempo fui fazendo os gostos daquela mulher, fui deixando trabalho de lado e passei a jogar cartas outros dias da semana. Minha obsessão era ela, só pensava em usufruí-la, me apaixonei perdidamente, sabendo que era uma relação que eu pagava para possuí-la rapidamente, e onde as minhas forças se esvaíram, consumi tudo dessa paixão de uma só vez como numa carreira de pó. Aspirá-la aos poucos para receber e dar prazer. Mas acontece que a mesa de carteadado não insinua e a minha carreira de jogado do seguro desemprego para o jogo, o fgts e muitas coisas que eu possuía. Perdi tudo, e a Babilônia me trocou por outro. Não voltei para

casa, fiquei apenas com a roupa do corpo, uma noite na rua, uma semana, já faz seis anos.

O dia amanheceu rápido, olhando para minhas mãos, notei-as enormes, percebi que estavam enrijecidas, com os dedos juntos, que lembravam cascos. Fiquei pensando se estava doente, eu devo estar doente. Sentei no colchão, me preparava para levantar e senti náuseas, o mundo rodando como se eu tivesse andado a terra toda, caí desmaiado.

Não sei se dormi por dias ou por horas, mas abri os olhos e novamente era manhã.

Estava confuso, tinha comida do meu lado, não sei ao certo quantos dias se passaram e eu permaneci deitado, minhas pernas endurecidas. Levantava apenas para minhas necessidades, me arrastando, sentindo dores terríveis pelo corpo. As pessoas ignoravam a minha condição, até que resolvi atravessar a rua e foi uma péssima ideia. O hospital César Cals era apenas duzentos metros de distância que se tornaram uma milha.

Chegando lá, depois de horas fui atendido, segundo o médico de plantão não havia motivo aparente para as minhas dores, já que não apresentava nenhum sintoma. Tentei dizer que minhas mãos estavam enrijecidas, as costas curvadas, e meus calcanhares não aguentavam o peso do meu corpo, que eu precisava andar me apoiando na ponta dos pés. O doutor disse que os sintomas pareciam ser psicológicos e me encaminhou para um atendimento no Caps, lamentando muito, disse que não poderia me ajudar. Rasguei a consulta na cara dele e sai me esgueirando nos corredores, voltei ao meu colchão, voltei para deitar de volta no meu túmulo. Todos os dias jogavam moedas em cima do colchão, eu



dormia e acordava e já tinha comida do meu lado. A necessidade de pedir já não era tanta, porque o ser humano é um bicho podre que sente pena, sentimento medíocre, oferece o que lhe resta ao outro, sai de peito arregalado como um pombo, se achando justo, bom e cristão. Semanas seguintes, passava o dia todo deitado, e não conseguia mais dormir, as noites de insônia vieram bravas, secando os meus olhos, me deixando constantemente em estado de alerta. Nas madrugadas urrava de dor com a boca enfiada no travesseiro, as dores lancinantes, as unhas grandes, duras e curvas, já não conseguia pegar o alimento como antes, e isso me causava uma angústia que me fazia chorar até adormecer.

Notei que meus braços e pernas já não eram mais os mesmos, como se as partes do cotovelo, dos joelhos tivessem virado de trás para frente. Pernas e braços que mais as pareciam patas, onde a junta dos joelhos deslocados tomavam outra forma que não era humana. Numa dessas madrugadas, me dei conta que nasciam na minha testa cornos, peguei com dificuldade um pequeno espelho de moldura laranja e constatei que eu estava me transformando em um bicho, eu estava me transformando num bode. Me desesperei, já não podia ser visto nas ruas daquela forma, então resolvi correr para o prédio abandonado do Lord Hotel antes que o carro do lixo passasse e a rua ficasse movimentada pelos garis. Levantei, sai correndo nas duas pernas, mas caí, me ralei no asfalto frio e molhado. Foi aí, que me dei conta que já não podia andar com duas pernas, teria que usar minhas patas dianteiras, ganhando agilidade, levantei e andei, entrei no prédio com o som dos cascos batendo na calçada ecoando em loopin' nos meus ouvidos.

NÃO SOLTA A MINHA MÃO

Cleysla Rego Carvalho¹⁵

*Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver*

Cartola

O dia raiou na janela do quarto frio, levanto-me, tomo um banho gelado, preparo um café expresso, ao final do corredor uma sombra preta de quatro patas aparece, chega até meus pés, me olha e diz que quer comer. Coloco seu café da manhã em sua bandeja, aliso seu pelo de felino, tomo um gole de café e me disperso:

¹⁵ Natural de Fortaleza, 28, mora em Fortaleza. Cursei Letras na UECE. Atualmente trabalho como revisora de texto e designer freelance (ilustração e arte capista). Curso Design. Tenho um sonho de desbravar o mundo.

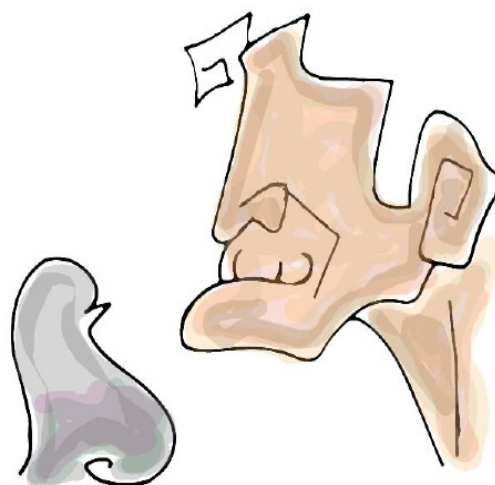
— Até mais tarde, Isis.



Ando pelas ruas, as pessoas começam a surgir indo e vindo dos seus lugares, com rostos cansados, porém, determinados a vencer mais um dia. Todos os

dias preciso fazer o mesmo caminho, passar pelos mesmos lugares.

Avisto a praça (paraliso), é angustiante fazer o mesmo caminho, o enorme relógio ao seu centro badala e diz para que as pessoas comessem seus trabalhos, pessoas indo e vindo, as lojas começam a vender os seus produtos, pessoas indo e vindo, o homem estátua se prepara para mais um dia de trabalho — talvez hoje ele tenha sorte — pessoas indo e vindo, o senhorzinho começa anunciar que hoje fez os melhores dindins de toda a cidade, rostos desconhecidos, um homem vende cana-de-açúcar com um salgado — PROMOÇÃO! — as pessoas fazem fila — É o melhor da cidade! — mais rostos desconhecidos, ando, ando, ando, ando... Mas existe alguém sentada em uns dos bancos da praça, não parece nem um



pouco preocupada com as ordens do relógio, sento-me do seu lado. (A angústia do peito quer procrastinar o caminho, eu como uma pessoa obediente, aceito.)

— Eles todos têm nomes — ela diz — Eu mesmo escolhi.

Ela joga os milhos e os pombos devora-os, faziam festejo diante da farta alimentação.

— E você sabe diferenciar cada um? — pergunto, descreditando.

— É claro, como eu poderia me confundir se cada um é diferente — ela responde incrédula.

Não entendo o porquê me sentei naquele banco com uma velha louca que diz que sabe o nome de cada pombo. São todos iguais.

— Então a senhora está dizendo que todos os dias os mesmos pombos vêm a sua procura, aqui? — pergunto.

— Nem sempre todos, pois eles sempre trazem novos amigos, eles têm uma ótima memória, você sabia? — ela indaga.

Velha mentirosa!

— Quer alimentá-los também? — ela pergunta, me mostrando um punhado de milhos nas mãos.

— Não — respondo rispidamente — eles trazem muitas doenças, a senhora deveria tomar cuidado.

Ela ri.

— Veja o quanto eles são miseráveis, foram marginalizados, roubados e esquecidos— ela joga mais um punhado de milho no chão — o mem destruiu suas casas, o chama de



rato voador e agora diz que eles são proliferadores de patologias, os seres humanos também possuem muitas doenças, e o que fazemos? Nos relacionamos.

Ela olha para mim.

— Não acha cruel demais? — ela pergunta.

Silêncio.

— É, talvez... — digo sem jeito, ela parece ofendida.

— Não pense que me ofendeu — ela ri — Só sou uma velha, avicultora, aposentada não me deve desculpas — sua voz se transforma em um sussurro opaco — mas com certeza eles se ofenderam, eu conheço o temperamento deles.

Sorrio sem jeito — E você se sentou neste banco somente para me avisar sobre os perigos que estou correndo aqui? — ela pergunta — Está esperando alguém?

— Não — digo — Estou indo encontrar alguém.

Abaixo a cabeça



— É complicado? — ela pergunta.

— Sim, muito — digo.

— Posso entender?

— Acho que não tentaria — afirmo sem verdade.

— Por que não? — ela sorri.

— Grou, grou! gru, ru, gru ru! ru lu! — diz um pombo, perto dos meus pés, murmurando algo que não compreendo

[...]

– O de sempre – digo à recepcionista.

– Um café expresso – ela diz.

– Sim, mas hoje não é para viagem, vou tomar aqui mesmo. – sento-me no balcão.

Minha barriga ronca – E um pão com manteiga para acompanhar – ressalto.

Noite passada não comi nada, nem um petisco se quer, estou com fome de onça.

É, com certeza tudo é culpa do concerto que logo acontecerá à noite, ensaio dias e noites, tudo precisa ser perfeito, isso é muito importante para mim.

– As pessoas parecem animadas com o evento que vai ter no teatro – Ângela, a recepcionista diz – semana passada vieram algumas pessoas entregarem panfletos do evento, tinha outras tocando na praça.

– A companhia está muito animada – digo – é um evento muito importante para todos nós, estamos nos empenhando muito.

Meus olhos encontram o teatro bem perto de mim, posso vê-lo através da janela de vidro da cafeteria, logo depois da praça, ele é grande e esbelto.

Olho para as partituras do ensaio, e as devoro, tomando meu bom café expresso.

[...]

O terceiro sinal soa, e as cortinas se abrem, vejo que o



teatro está lotado, minhas mãos vibram, olho para o teto, parece que estou flutuando no céu, a pintura de nuvens me traz calma, minha mão treme, agarro o arco e começo a tocar.

[...]

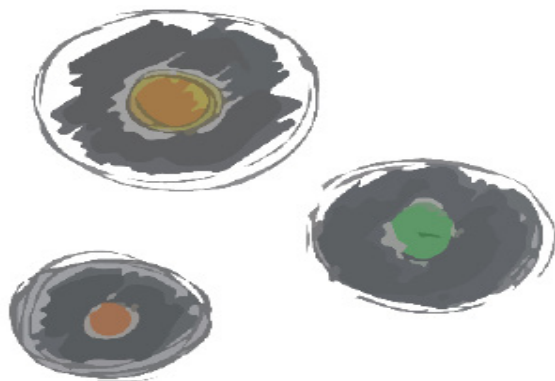
clap! plec! plec! plá! plá! clap! plec! plec! plá! plá!clap!
plec! plec! plá! plá!clap! plec!plec! plá! plá!clap! plec! plec!
plá! plá!clap! plec! plec! plá! plá!clap! plec! plec! plá! plá!-
clap! plec! plec! plá! plá!clap! plec! plec! plá! plá!clap! plec!
plec! plá! plá!clap! plec! plec! plá! plá!clap! plec! plec! plá!
plá!clap! plec! plec! plá! plá!clap! plec! plec! plá! plá!

Os aplausos acabaram e ainda posso escutar o eco do som em meus ouvidos, sinto-me feliz, meu pai estaria orgulhoso se estivesse presente. Devaneio.

[...]

Meus olhos vasculham cuidadosamente cada disco da prateleira de músicas clássicas, meu pai adorava me levar até uma loja de discos, no centro da cidade, ele falava que se perdia no lugar e que também era um grande passeio cultural, pois eu poderia escutar e conhecer a maioria dos músicos do mundo.

Sorrio



Meu olhar encontra uma moça, parada do outro lado

da prateleira, ela está com dois discos nas mãos, parada, tenta escolher um dos dois, me fez lembrar de quando eu parava e me perdia, entre o deixar e o levar.

Ando até a sua direção.

– Se está indecisa é melhor levar os dois – digo.

Seu olhar encontra os meus, ela sorrir timidamente

– Acho que vou aceitar sua sugestão – ela diz – Afinal, posso estar perdendo um conselho de uma pessoa especialista – ela brinca.

– Como adivinhou? – pergunto.

– O que? – ela pergunta seriamente.

– Que trabalho com música?

– Fala sério? – ela pergunta – Produção?

– Não exatamente, eu toco violoncelo.

– Que incrível, é um ótimo instrumento, ele parece dar força as músicas, estou falando besteira, não é? – ela pergunta com um tom de reprovação.

– Não, é exatamente isso – digo.



– Então vou levar os dois, obrigada pela sugestão – ela agradece.

Guardei o olhar daquela mulher na minha mente

[...]

Vejo o teatro, através da vitrine da cafeteria, com satisfação, tomo um gole de café e respiro.

— Parece que você anda me seguindo, não é? — uma voz surge.

— A garota indecisa dos discos — sorrio, uma adrenalina me invade sem motivo.

— O que faz por aqui? — pergunto.

— Eu moro perto — ela diz com um sorriso — Sempre venho comprar pães aqui — Eu já moro do outro lado da cidade, porém, aqui se vende o melhor café da cidade — digo.

— Preciso ir — ela diz se afastando.

— Já? Por que não toma um café comigo?

— Tenho que trabalhar — ela diz sem jeito, seriamente.

— Tudo bem — falo.

Guardei o olhar daquela mulher na minha mente

[...]

Espero ela aparecer do nada. Já faz algumas horas que estou ali, na cafeteria, esperando que sua voz ressoe do vácuo, o café esfriou, o pão continua somente com uma mordida tímida e sem vontade, uma ansiedade me invade sem motivos, ou tem motivos? Por que estou a esperando? Não, não estou a esperando! Olho para a porta, para as pessoas sentadas em suas mesas, para o balcão, a procuro, não, não a procuro!

Eu só gostaria de vê-la hoje, com aquele largo sorriso penetrante. Não! eu não quero vê-la!

Guardei o olhar daquela mulher na minha mente

E ele não para de ressurgir...

ressurgir...

ressurgir...

ressurgir...

DENTRO

de

mim

[...]

— Tick-tock! tic-tac!, tic, tac! tique-taque! — diz o relógio.

E assim, a semana se passou tick-tock! tic-tac!, tic, tac! tique-taque tick-tock! tic-tac!, tic, tac! tique-taque tick-tock! tic-tac!, tic, tac! tique-taque tick-tock! tic-tac!, tic, tac! tique-taque

[...]

— Não acha muito pretensioso dizer que Mozart começou a escrever suas primeiras músicas antes dos cinco anos? — uma voz fala.

Procuro o som

A vejo.

Seus olhos encontraram os meus

— Mais que surpresa! — levanto-me da mesa — Ele era um gênio — respondo.

Ela sorri.

— Acho que uma xícara de café é tempo suficiente para entender toda essa genialidade — ela diz, sentando-se à mesa.

— Não subestime os gênios — brinco.

[...]

A noite cai feito um véu sobre nós tick-tock! tic-tac! — há um espaço tempo — tic, tac! tique-taque! — tudo fica invisível, estático e mudo, só consigo escutá-la. É como se



ela me embriagasse todo o momento que, somente, olhasse para mim. Bebo do seu sorriso largo, que levemente traz consigo um sinal de beleza, acima dos lábios, abaixo do nariz, uma pequena dobrinha, tímida, mas inigualável.

Todos os dias, mesmo sendo corridos, cheios de afazeres profissionais, dávamos um jeito de nos encontrar e conversar, sobre o que gostávamos e do que nos irritávamos.

DENTRO

sabíamos que existia algo que nos ligava, além da necessidade de conversar

porém

não queríamos aceitar um sentimento que estava surgindo

DENTRO de NÓS

[...]

— Não podemos... — ela se afasta dos meus lábios.

— Por que você reluta tanto contra isso? — pergunto.

— Não está certo...— ela respira fundo — por favor, não me procure mais.

— Como posso me esquecer das noites em que te tive aos meus braços, que te senti profundamente, na forma mais vulnerável e bonita de uma mulher, e agora você me pede para esquecer tudo, como se nunca estivesse existido?

Suas lágrimas se derramam pelo seu rosto



— Nunca esquecerei que contigo me encontrei como mulher e como ser humano, me sinto velada e profundamente triste, mas...— ela soluça — ele vai descobrir!

— Você me ama? — pergunto.

— Profundamente — ela diz.

— Vamos lutar! Nós nos amamos, precisamos ser felizes! Eu vou estar com você para lutar contra ele — digo segurando sua mão.

— Não posso... — ela diz soltando minha mão — deixar o Pedro descobrir

E
ela
se
foi...

[...]

Tento me achar na tempestade que se pairou dentro de mim, é um furacão que me consome, que se alimenta da minha tristeza. Já faz alguns meses que não a vejo.

Só
há
VAZIO

[...]

— Ahn! eek! ic!eek! ic! — soluço sem parar.

Alguém bate à porta da casa.

— Só um instante! — enxugo minhas lágrimas.

Abro a porta e a vejo coberta de sangue;

Ela caiu em meus braços, sorriu e disse:

— Eu tive coragem... por nós.

FECHOU

OS

OLHOS

AQUELES

OLHOS

QUE

ME

AMAVAM

[...]

— Grou, grou! gru, ru, gru ru! ru lu! — o pombo diz.

— Espera um pouco, essa história está muito complicada — a senhora dos pombos admite.

— Eu disse que você não tentaria — eu digo com desânimo.

— Eu estou tentando, mas não entendo o porquê ele não a deixou ficar com você, por que não a deixou ser feliz, por que teve que machucá-la? Ele não era dono dela — ela joga mais um punhado de milho no chão — Vocês só que-

riam ser felizes, sou uma velha vivida e sei quando alguém ama um outro alguém só pela forma que fala da pessoa, e você a ama, dá para ver em seus olhos.

— É difícil de entender o que se passar na mente das pessoas — digo — principalmente quando são pegas de surpresa, ele não esperava, admitiu no tribunal que teve um surto e que agiu sem pensar.

— Covarde... — ela balança a cabeça — Ele errou muito, devia apoiar a irmã, e não a espancar por amar você, não vejo problemas nisso — ela admite.

Silêncio

— Preciso ir — digo.

— Vai vê-la? — ela pergunta.

— Sim, todos os dias — sorrio.

— Grou, grou! gru, ru, gru ru! ru lu! — o pombo diz.

Agora, entendo o que dizem! Os pombos!

Pego um punhado de milho nas mãos e jogo ao chão

Os pombos fazem festa!

Sorrio

[...]

Chego ao hospital;

Entro no quarto dela.

Ela sorri

— Olá meu bem, se atrasou? — ela olha para o relógio da parede.

— Encontrei uma amiga no caminho — digo.

Beijo sua testa

— O médico falou que logo terei alta, não vejo a hora, é tão entediante ficaraqui, sinto falta das minhas aulas de francês, dos meus alunos... — ela respira fundo — sinto falta

do meu dia a dia, da minha correria.

– Eu sei que sente, mas logo irá passar — digo.

Ela está com aquele olhar: vazio e distante

– O que te perturba?

– Não consigo esquecer aquela noite — ela admite —
não consigo esquecer o olhar dele

[...]

NARRADOR OBSERVADOR NÃO IDENTIFICADO

Estou presente em todos os lugares, dentro de cada ser vivo desta galáxia, de vastos universos e dimensões.

Gritos!

Vejo os irmãos

– Como você pôde desonrar a memória dos nossos pais? — Pedro grita — Quando eles morreram eu prometi que cuidaria de você! E cuido!

– Não, você não cuida, você aponta o dedo na minha cara e diz o que devo fazer, e assim foi, desde quando éramos adolescentes.

– Você pensa que é fácil ser um homem como eu? Preciso administrar a rede de negócio dos nossos pais, graças a mim não ficamos sem renda, não ficamos na lama, eu tenho um nome! O que as pessoas da igreja irão pensar, quando descobrirem que você... — ele coloca as mãos no rosto.

– Eu não preciso do seu dinheiro, tenho o meu! E não me importo com o que vão pensar! Eu quero ser feliz, ser feliz com ela! — ela diz olhando dentro dos olhos raivosos dele.

Pedro levanta uma das mãos e bate no vidro da mesa

— Como você pode ser tão estúpida? Essa mulher te lobotomizou... — Pedro balançou a cabeça — mas eu sei como você voltará a lucidez!

O primeiro soco não **doeu fisicamente**

doeu na alma

na minha alma

— Tolo! — digo para todos aqueles que não entendem o amor verdadeiro.

— Eu sei que ele me machucou muito e que eu poderia estar morta, mas ele é meu irmão — ela diz.

— O dever dele era te proteger, mas ele achava que podia mandar em você, e te julgar.

— Eu sei... — ela diz com o olhar triste — espero que a vida possa ensiná-lo a aceitar mais as pessoas da forma como são.

— Lis — digo o seu nome — não se culpe pelo que aconteceu, não ache que o mundo estará preparado para nós, teremos que enfrentar o universo, mas se eu estiver com você, não terei medo.

Ela sorri

— Laura — ela me puxa e beija meus lábios — tu tens meu amor inteiro e sincero, só para ti.

Ela

segura

minha

mão

forte



e

não

solta

solta

solta...

Nunca!

HISTORÍA DE NOSSAS LUTAS

*Jaylson Reis*¹⁶

Em mais um ano de seca no sertão cearense, a família de Severino já agoniza com a falta de alimentos e água. Os pobres animais de propriedade da família já morrem de fome, e agora os filhos começam a padecer. Não suportando mais aquela situação, Severino, juntamente com sua esposa Maria do Socorro decide sair daquele lugar que outra fora recinto de fartura e felicidade. A terra dava-lhes o sustento de cada dia, hoje apenas tristeza e desalento. A esperança foi depositada na ida à capital, Fortaleza.

Venderam o pouco que lhes restava por uma merreca e partiram. Não se deram ao luxo de comprar bilhete de trem, pois sabiam que o dinheiro que tinham era muito pouco.

Contavam a caridade dos caminhoneiros para pegar carona, nisto foram mais de três dias para chegar ao destino, normalmente essa viagem duraria cinco horas.

Cumprindo com o objetivo do destino, Severino e sua

¹⁶ Graduado em Letras Espanhol - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Ensino da Língua Espanhola. Membro da Associação dos Professores de Espanhol do Estado do Ceará. Atualmente é professor de língua espanhola na rede estadual do Ceará (Seduc/Ce), atuou como professor de língua espanhola no Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará (UECE) de 2018 - 2021, foi professor supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UECE). Também professor de aulas particulares de espanhol (Básico ao Avançado).

família logo desanimaram ao se darem conta de que a ideia de fuga para aquele lugar não tinha sido somente sua, e mais ainda, eles pareciam invisíveis aos “senhores e senhoras”. Era um povo miserável.

Ao puxar conversa com mais um dos seus, ele descobre que “lá pros lado da praia”

havia “comunidades dos miseráveis” e que aí poderia ocupar um terreno e construir seu barraco. Assim fez! Não destoando dos seus, Severino e sua família, muito católicos, depositavam sua fé no Padim Ciço, santo para grande parte dos nordestinos, ainda que não para a igreja católica. Rezavam ordinariamente às seis horas da noite, suplicando que pela intervenção do pseudo santo sua vida viesse a melhorar. Passados alguns dias, o dinheiro acabou e por sorte ou milagre, Severino consegue um emprego, nada demais, porém isso não impediu que a família passasse fome. Durante a labuta se toma conhecimento de uma novidade, boa e ruim, a prefeitura de Fortaleza decidira iniciar a construção de uma importante avenida “lá pros lado da praia”. Teria que remover aqueles moradores, e agora? Pensa Severino. Na “comunidade” não se falava em outra coisa, e logo decidiram protestar e exigir uma solução para os moradores daquele lugar.

O pessoal da prefeitura, de improviso, diz que vão construir um conjunto habitacional e levá-los para lá. Acordo aceito, chega o dia da remoção, são levados para as palmeiras, região periférica e quase fora da cidade. Chegando lá se deparam com uma surpresa desagradável, o dito conjunto habitacional não passava de um terreno baldio e parte inundado.

Os caminhões que os levou despejou as pessoas como lixo e foi embora. Os novos moradores daquele local, numa mistura de humilhação, tristeza, revolta, mantêm-se estagnados, nenhuma reação, como se não aceitassem acreditar no que estava passando.

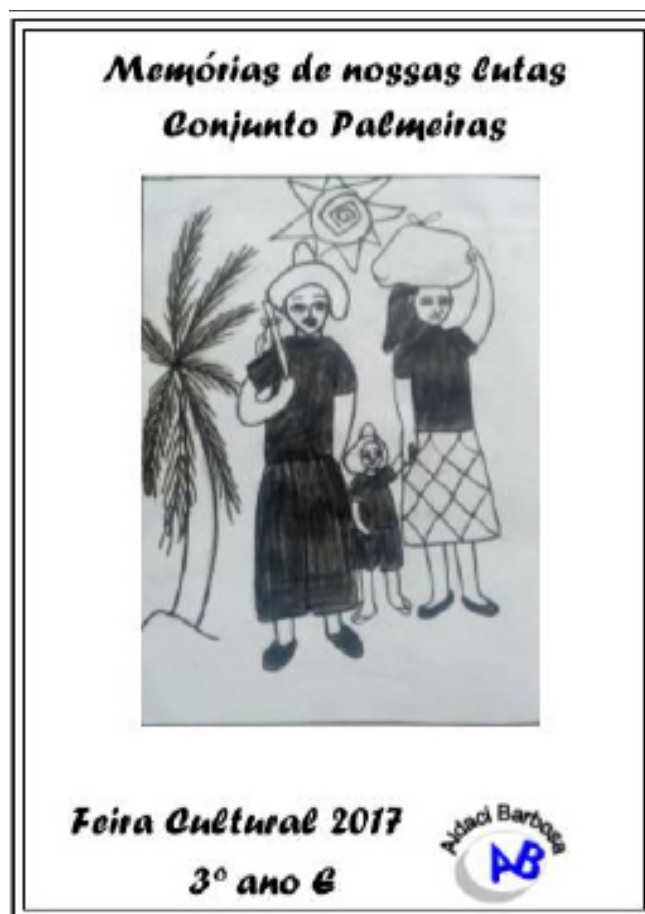
Agora a única reação possível era tentar deixar aquele lugar habitável. Severino como por impulso faz um discurso comovedor encorajando os demais a construírem sua história. Primeiro em mutirão limpam o lugar onde deveriam construir sua moradia, depois a distribuição dos lotes para cada família, nada demais, apenas pequenos metros de terra. Aquele povo que tinha sido enganado tinha dentro de si uma garra admirável para vencer, construir e reivindicar. Sustentados por essa garra, os moradores se organizam cada dia mais para cobrar da prefeitura infraestrutura e assistência.

Infelizmente mais um golpe na família de Severino, o segundo de três filhos é acometido por leptospirose, que não tratada o leva a morte. Naquele momento, comovido por uma dor imensurável, ele duvida da sua fé e se questiona o porquê de tanto sofrimento, o que fez para merecer tamanha peleja. Amparado pelos seus, dias depois, reage e decide com mais garra continuar lutando. Dá-se início uma das maiores revoltas, o pessoal da comunidade descobre que a tubulação da companhia de água de Fortaleza passa pelo bairro e ameaça quebrá-la se a prefeitura não der assistência à comunidade (água encanada, luz elétrica, posto de saúde, transporte público). Desta forma consegue o atendimento de muitas de suas reivindicações. Eles se deram conta do poder do povo quando se une. Criaram a Associação de



moradores do Conjunto Palmeiras, para ter uma representatividade mais forte frente ao governo. Uniu-se a essa luta um padre da igreja católica, do movimento da teologia da libertação, movimento apartidário que engloba várias correntes de pensamento, interpretando os ensinamentos de Jesus Cristo como libertadores de injustas condições sociais, políticas e econômicas. Junto à associação, criam também um banco comunitário, Banco Palmas, e uma moeda, Palmas, aceita nos comércios do bairro para fortalecer a economia local.

Severino e seus companheiros jamais deixaram de lutar pelos seus direitos, essa garra e essa força emanam da alma dos moradores devido ao sentimento de pertencimento que cada um tem, pois sabem o quanto custou cada conquista daí.



Meu amigo venha aqui
Que eu vou lhe contar
A história do Conjunto Palmeiras
Bairro de Fortaleza no Ceará
Uma história de gente lutadora
As dificuldades não os fizeram desanimar
Começou no interior
A história de Severino
Que apesar de toda tristeza
A vida se esvaindo
O que fazer?
Acabaria fugindo

1

Com toda aquela fome
Sua família desesperada
Com tudo isso
A esperança não abandonava
Tiveram uma ideia
Para o litoral se mudava
Chegando em Fortaleza
Capital do Ceará
Um lugar para viver
Tiveram que encontrar
Foi lá pros lados da praia
Onde foram se encostar

2

Foi em mil novecentos e setenta e três
Falando numa tal de des-fa-ve-li-za-ção
Uma avenida de leste a oeste
Iniciaram a construção
O sonho da vida melhorar
Seria uma ilusão?
Os dotô da prefeitura disseram
Para essas famílias, um novo lar
Chegando a terra prometida
Meu Deus, que lugar!
No local só tinha mato e lama
Não havia casa para morar

3

Foram logo se articulando
Já que moradia não havia
Os moradores se acomodando
O futuro eles temia
Cinco famílias por barraco
Juntos já vivia
No lixão o único meio de se manter
Pra lá ia homem, mulher e menino
Procurando uma forma de sub-sis-tir
Cada um segundo o seu destino
Lutando com todas as forças
Para que suas dificuldades fossem diminuindo

4

Gripe, pneumonia e leptospirose
Não tinha como conter
O perigo que rondava
Aquele povo ia morrer
Foi o filho de Severino
A doença veio a vencer
Lamentava o pobre Severino
- parece que nascemos para sofrer
A vida tá pior que no interior
Isso eu não posso crer
Saímos de lá pra cá
Só para vê nosso filho morrer

5

A miséria nos acompanha
Faltar água e energia em todo lugar
Meu povo,
Vamos despertar!
Por melhorias
Vamos ter que lutar
A nossa causa é justa
Não podemos ver nossas crianças morrer
Água barrenta, viscosa
Meu povo, temos que sofrer?
Indignação, luta e respeito
Precisamos disso para sobreviver

6



Com união, força e coragem
Se a água não chegar
PREFEITURA!
Fortaleza vai secar
De um jeito ou de outro
Vão ter que nos escutar
Tivemos muitas conquistas
A demarcação de lotes foi a primeira
Posto de saúde, escola e transporte
Conseguimos para o Palmeiras
Com nossas próprias mãos
Lutamos sem brincadeira

7

Um fato interessante
Devo registrar
Os dotô dizia que de luz não precisava
Mas quando caiu no buraco, começou a gritar
Éh, aqui no Palmeiras
A energia temos que instalar
O conjunto não tem mais Palmeiras
Mas o povo continua a lutar
Agora nós queremos
A água encanar
Pedimos providências
Ou Fortaleza vai secar

8

O povo percebeu
Que tinha que se organizar
Com um pequeno grupo
Uma associação puderam criar
A luta ficou mais organizada
Temos voz para reclamar
Em mil novecentos e noventa e oito
Economia solidária
Resultado de nossas lutas
Uma circulação comunitária
Com a moeda local
Para os moradores, bem utilitária

9

A luta no Palmeiras
Nunca parou
Pare, olhe e perceba
O que o povo conquistou
A luta continua
E o povo não desanimou
Vamos em busca
De melhorar a educação
Para que crianças e jovens
Nunca mais voltem para o lixão
Melhorar a segurança
Fazer uma verdadeira revolução

10



Sei que sou do Palmeiras
Por muitos considerando uma favela
Mas quero viver melhor
Porque eu moro nela
Nosso bairro
Está sob a nossa tutela
Sabe o Severino,
Não está mais aqui
Hoje vive em mim e em você
Não iremos nos dividir
São muitas lutas e histórias
Nunca vamos nos desistir

11

AO COMPASSO DO PISO DA MINHA MEMORÍA

*Rita Bezerra de Sousa*¹⁷

Filha dos campos e dos mares, tive uma infância feliz, repleta de alegria, igual a muitas crianças da minha época. Adorava brincar na rua, passei todos os estágios do meu desenvolvimento infantil junto aos pedregulhos e ladeiras que permitiam visão ampla da orla marítima, porém, para os corajosos que a escalava, residências desmuradas, paredes e calçadas construídas em tijolos maciços, portas e janelas inteiriças. Eram essas janelas disputadas pelas moças que debruçavam-se a espera seus príncipes encantados ou forasteiros e as fofoqueiras plantonistas que muito zelavam pelo ofício. Sem esquecer as frondosas árvores que abrigavam ninhos de passarinhos e cadeiras preguiçosas que serviam de dormitórios para muitos senhores fazerem a sesta.

17 Estudou em escola pública, trabalhou no setor privado antes de ser professora, estilista, ela desenhava e vestia pessoas, pois decidiu trocar a linha do tecido para dedicar a linha da educação. Ensinava no distrito de Maracanaú e era concursada como pedagoga. Adorava ensinar criancinhas, era uma contadora de histórias. Como pessoa era grandiosa, lutadora, corajosa, gentil, tranquila e inspiradora. Uma vez, queria contar histórias, e contou seu último conto nessa coletânea: “ao compasso do piso da minha memória” quando na disciplina infanto-juvenil da professora Sayure Matsuoka, mostrou que era capaz de escrever. Entretanto, foi no projeto III, que nasceu essa escrita. Estudou letras incansavelmente e concluiu a graduação no curso de Língua Portuguesa e Literatura na Universidade Estadual do Ceará em 2019. Morou em Fortaleza até seus últimos dias, quando foi ceifada pela pandemia covid 19, em março de 2021.

Era tudo tão natural, eu e minhas colegas erámos praticamente donas da rua que ficávamos cirandando durante várias horas do dia. Os nossos movimentos eram confundidos com o bailar das folhas das palmeiras que juntas comigo e das demais companheiras ornamentávamos a rua. Eu era a mais alta de todas. Ótima para ser espiã, se estava chegando alguma figura intrusa ao nosso cotidiano, como um caixeiro viajante ou uma tropa de ciganos por exemplo, era a primeira a informar.

Aos poucos fui me construindo aos alicerces de uma época, numa cidade de características bucólicas e provincianas. Não éramos sufocados pelos arranhas céus ou a temperatura escaldante produzida pelos tapetes negros de asfalto sobre os paralelepípedos das ruas. Ou não tínhamos nossos sentidos agredidos pela poluição sonora dos mais diversos ruídos, ao contrário, somente o barulho do cântico dos pássaros as vezes ofuscado pelas vozes do padeiro, leiteiro ou mesmo os rituais das procissões da igreja católica muito presente na cidade de Fortaleza, principalmente quando a cidade era marcada por um tipo moradia mesclada, campestre e ao mesmo tempo urbana.

Assim, fui experienciando os mais diversos cursos da vida urbana, desde os momentos nos quais a natureza e as pessoas tinham uma sintonia. Como também posso reportar a história dos grandes cassinos, bordeis, pontos comerciais, ensaios das primeiras indústrias. Me construí e desconstruí de acordo com os períodos históricos e vivências daqueles que moraram e que ainda moram em mim, sei que faço parte da memória ativa de muitos como também muitos todos compõem a minha história desde o momento mais alegre

até o mais sombrio.

Asseguro que sempre fui boa ouvinte, senti e presenciei muitas dores e frustrações, mas também tive a minha audição contemplada por muitas gargalhadas desde da mais discreta ou até mesmo a mais estrondosa e deselegante, sem esquecer do barulho do bater da minha porta que cada um batia do seu jeito singular. Tudo era de acordo com seu estado emocional, o que batia suave estava cansado e não queria conversa. Eu já sabia: está cansado não vai nem perceber minha companhia, vou apenas abrigá-lo. A que parecia abrir com o joelho e chutar com o pé para fechar, eu também a identificava sem dificuldades: era a dançarina, ou melhor dama da noite que gostava viver descomprometidamente, mas voltava sempre acompanhada dos seus clientes. Essa não tinha limites, a subida das escadas era composta por algazarras e pancadas dos sapatos no meu piso de tacos de madeira. O pior: ela habitava o terceiro andar, ao lado da janela que eu mais gostava de observar os movimentos das pessoas na rua, ou simplesmente ver e sentir a brisa da noite cair sobre o meu telhado ou repreender algum bêbado desavisado que urinava nas minhas paredes. Á se uma telha não fosse prejudicar a elegância do meu telhado jogara-te uma agora mesmo, para aprender respeita os pés de uma dama.

Assim, conservo no barro das minhas paredes momentos de particularidades que não pertencem a mim, mas a todos que por mim passaram, nas telhas do meu telhado levo as inúmeras noites chuvosas de fim de ano, manchadas pelo acúmulo de água ou agressões solares, no meu piso que ecoa os passos por aqui passados em um pretérito tão

distante que quando reflito entro em distonia, encontro no solo da minha existência páginas de um mundo vivido, páginas de um mundo sofrido, páginas da história de um povo que me humanizaram.

PRESSÁGIO DE DAMIANA

*Tatiane Albuquerque*¹⁸

AAqui, nesta casa que abraça as almas e não os corpos, as histórias são aterradoras. Assim, como os não- vivos são enterrados a sete palmos do chão, que meus sentimentos (Por Deus!) sejam trancados a sete palmos de minhas lembranças. Por eles sofri e por eles morri, aqui... na casa dos moribundos.

Eu e Mazé quando nos casamos, ganhamos uma parte do terreno do meu pai, no mesmo local tinha a casa da minha bisavó, que já não era habitada há anos. Lá, era bom para plantio e perto tinha um poço. Nos instalamos, começamos a arrumar a casa, revigorar novamente aquele abrigo inabitável, sem vitalidade alguma, já que mais parecia uma foto antiga de um filme arcaico. Na verdade, o que mais era incômodo na residência não era sua aparência, mas sim os ratos.

O casamento foi no terreno mesmo, chamamos o padre Olímpio, meu pai matou o melhor boi da Fazenda Carroçal, que era da nossa família durante gerações. Meu irmão, Timóteo, matou um carneiro, foi de minha escolha que fosse meu padrinho, pois o queria muito bem. A família da noiva

¹⁸ Natural de Fortaleza, Ceará. É licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e pós-graduada em Teoria Literária e Literatura Comparada. Atua há 10 anos como professora de Redação e Literatura, incentivando a leitura, a escrita e o pensamento crítico.

contribuiu com os preparativos, a mãe de Mazé era viúva já há dez anos, o pai morreu de cirrose (Graças ao bom Deus!). Quando aquele asno bebia, o capeta possuía a sua alma, a mulher era todo dia com um roncho diferente no rosto. Mazé se escondia pela casa para não ser violada de novo... e de novo. Às vezes me parece que tem gente que merece morrer mesmo, que a morte vem para dar a rasteira final, colocando cada um em seu devido lugar, dando o troco dos desafortunados, mostrando que a vida é frágil e efêmera, mas ela é severa e eterna.

Não sinto saudades de Mazé, sinto falta de quem eu imaginava que ela era, não é a falta que rasga, arranca as entranhas do coração e só a dor é o sentido final. A falta que eu sinto é aquela do buraco no peito, a saudade distante daquilo que passou e deixou lembranças, aquilo que veio para marcar presença, mas não para ficar. É a dor aterrorizante da partida quando está adormecida e não pretende acordar.

Todos estavam felizes no casamento. A noiva era o anjo que caiu do céu para me salvar, pensava eu, mas Lúcifer ganhou outros nomes quando saiu dos braços de Cristo. Linda ela era, as moças fuzilavam Mazé com os olhos quando passava, sempre bem perfumada e polida, a beleza natural da mulher recatada. Os cabelos de meu anjo protetor caído eram longos e negros, era branca, extremamente pálida, e a boca vermelha como sangue. Uma princesa da Disney. Mas, a maçã envenenada dessa vez, foi o príncipe que comeu e não tornou com um beijo encantado.

Padre Olímpio perguntou e eu respondi como se fosse a felicidade batendo na porta, querendo saber se eu aceitava viver no paraíso:

- Sim, aceito.

Mazé respondeu com o sorriso de quem sofreu e que agora deseja abraçar a normalidade, não precisava ser um mar de rosas, só precisava não ser mais sofrimento em carne viva:

-Aceito o Totonho, como meu legítimo esposo.

Meus amigos, familiares, meu pai e meu irmão sorriam enquanto eu assinava o contrato com a morte.

A casa de minha bisavó agora tinha vida e projetos. Todavia, planejamentos são feitos para o futuro e a única coisa rentável que temos é o passado e presente. O plano dos filhos estava sendo realizado, depois de dois anos, Mazé esperava nosso primeiro bebê: Damiana.

Timóteo foi o primeiro a dar os parabéns estava feliz que seria tio pela primeira vez, porquanto Rosa, sua mulher, ainda aparentava uma tristeza sóbria já que os dois pela terceira vez não vingaram o filho. Timóteo dizia que era Rosa que não tinha força no útero para segurar uma criança, a rezadeira o retrucava, falava que a virilidade de Timóteo não era suficiente. Nunca se soube a verdade, porém senti a dor verdadeira da sombra do finamento quando Mazé no sexto mês sangrou até mostrar a capacidade de produzir um mar vermelho, sangrou até a cor de seus lábios, tão vivos e lascivos desaparecerem e sangrou até nossa filha definhar no meio das portas de um nascimento prematuro. O que seria a entrada da vida para Damiana foi o caminho para o mundo de Hades. Assim como Rosa sofreu por três vezes, Mazé sofreu pela primeira vez.

Minha lamentação vinha e me carregava nos braços, meus olhos eram maré alta de uma embarcação em naufrá-



gio, minha alma sofria e sentia que presságio pior ainda estava por vir. Meu pai chorava pela maldição de morrer sem nunca ter um neto, a geração estacionaria em mim e em Timóteo, o sangue da família Barros parecia não vingar. Timóteo chorava condescendente a minha dor fraternal. Enquanto isso, Mazé olhava para o teto e parecia rezar pelos seus pecados, os que cometia e os que ainda cometeria. Foi salva, mas trocava fácil de lugar com Damiana.

Enterramos um anjo, o caixão estava fechado e era branco. Não queria que estivesse aberto, mas eu conseguia sentir a presença de Damiana naquela manhã, imaginava como seria ela quando criança, jovem, adulta e velha. Espalhava em minha mente a imagem da vida, pois a da morte era ainda temível e amargurada. Foi no cemitério da família que Damiana foi enterrada, do lado de seus três primos, todos companheiros no limbo, pelo menos sei que não estaria sozinha.

Minha casa e de Mazé, que enchemos de vida e planos, agora era receptáculo da morte. Não tinha mais cor e nem futuro, éramos agora dois não-vivos prisioneiros da lucidez em um mundo açoitado pelo carrasco do acaso. O que podíamos fazer? Olhávamos e não nos reconhecíamos, mas na vida existe o recomeço e enquanto há em um corpo um coração que bate forte, que corre sangue nas veias e respira o ar desta terra, ainda existe chance para um futuro. Esperança.

O tempo enxugou nossas lágrimas, baixou a maré alta, construiu um novo navio para que outra vez, os navegantes zarpassem em busca da resposta. Só não contava com o tremendo vórtice que participaria do nosso recomeço. Apesar

de tudo, o que aparecia diante de mim como uma alucinação, na verdade aceitei como uma maldição. Mesmo depois de passado o luto de peso, que é exatamente quando a tristeza não é segurada, mesmo após a cratera do peito virar buraco da saudade, toda meia noite pela casa eu e Mazé ouvíamos alto o som de um bebê chorando. Somente eu e Mazé, mais ninguém ouvia esse som. Era nossa penitência.

Dois anos se passaram e Rosa estava grávida. Não tinha a auréola que imacula uma grávida, mas estava a esperar um filho. Rosa parecia na verdade cansada, o sorriso desgastado, não achava que vingaria um bebê. Sorria de desgosto com um olhar maquiavélico. Até que o bebê nasceu e quando saiu vivo um filho de suas entranhas, sem o mar da mortalha permear as suas vísceras a mulher não acreditou. O fato é que o bebê cresceu e perdendo a cara de joelho, não era semelhante nem com Timóteo e nem com Rosa, tinha manias e feições diferentes que pareciam hereditárias. Rosa dizia que era a cara de seu tataravô. Ninguém ousava arrancar a felicidade dos olhos e boca do pai e do avô da criança. Por isso, todos aceitamos como verdade, era o bebê de Timóteo.

Estávamos no terceiro ano de choro de Damiana. Não aguentávamos mais ouvir os gritos desesperados de um futuro que não vingou, então em sigilo, eu e Mazé chamamos uma rezadeira distante. A mulher nos avisou que era um presságio de morte, a bebê tinha uma missão na casa, só o tempo iria dizer o que emanaria do choro. Sob o aviso de algo inofensivo e passageiro, seguimos nossa vida como se não houvesse uma corrente nos puxando para o passado e nos recordando toda meia noite de nosso infortúnio.

No quinto ano de aniversário da morte de Damiana, visitei o cemitério em busca de respostas. Perguntei para minha garotinha, o que ela queria por tanto tempo. Que me desse uma resposta para acabar com aquele sofrimento durante todas as noites. Foi então que ao sair do cemitério, visitei Rosa e Timóteo. O garoto deles brincava alegre com um caminhão que era do pai quando pequeno. O casal estava feliz, finalmente, depois de tantos anos havia um filho. Logo, pensei que Damiana tinha me respondido, a resposta era a vida e não a morte. Damiana era um presságio de começo vital, assim raciocinei. Eu e Mazé tínhamos que ter um filho para vivermos os três em paz.

Cheguei em casa e fui até minha mulher com o olhar faminto de desejo, o meu corpo e o dela espumavam euforia, era o coito dos desesperados. Montava na fêmea como se sobe em uma cachorra no cio, ela ria, suave, chupava e gozava. Nunca vi mulher que gostasse mais de sexo do que Mazé, que sabia sempre o que fazer. Nossos corpos agora eram um que se equilibravam na vara do tesão, era uma tensão tênue que procurava o remanso do gozo. Festejávamos e nos lambuzávamos, explodíamos os porões da eternidade. Até que o gozo final veio e chegou com a virilidade de mil litros... todos dentro da buceta besuntada de arrebatamento da minha fêmea. “Vamos ter um filho”, falei. Logo depois, Damiana começou a chorar e os ratos atormentaram o silêncio da casa junto com nossa filha. Não havia veneno que os exterminasse. Mal eu sabia a verdadeira face do destino.

Alguns meses se passaram, Mazé estava grávida. De novo tentávamos a felicidade e a cada dia que passava, sentia o poder de seu amor sobre mim na pressão de seu ven-

tre. De manhã cedo, fui para a Fazenda com meu pai, alguns bois tinham que ser sacrificados e outros deveriam nascer naquele mesmo dia. Saí cedo, pois queria voltar rápido para ver Mazé. Ao bater das doze horas, cheguei em casa e não a encontrei, andei pela cozinha, quarto, banheiro, a chamei e nada. Foi então, que comecei a ouvir Damiana, mas não era meia noite, eu conhecia seu choro, não poderia ser outro bebê, era minha filha. Segui com os ouvidos as badaladas de seu timbre vocal, talvez assim, encontrasse a resposta para o chamado de Damiana.

Andei, andei e andei por vinte minutos dentro do terreno de minha casa. Foi aí que encontrei Mazé e Timóteo. Transavam escondidos entre os pés de cajueiro, ele agarrava os cabelos de Mazé como se ela fosse uma égua, era o sexo porcalhento extraconjugal. Mazé pedia mais, queria que ele a batesse no rabo. Timóteo era o domador que era domado. Era isso que Damiana queria que eu visse. Esse era o meu presságio final e no fim não há recomeço. Não quis que os dois me avistassem. Há certa altura ninguém poderia me ver. Timóteo, o Caim, ao mesmo tempo que me bem dizia, comia na minha própria mesa sem ser visto e chorava comigo as lágrimas de pai compartilhadas. Afinal, o que sou eu a não ser o traído, o coitado. Mas não nesta história, somente traído, o coitado que o diabo o leve consigo.

Calei o amor que tinha por Mazé, tanto na boca quanto nas ações, me tornei o maldito homem que ela temia. O velho da cachaça que batia na própria esposa. Eu já não era mais nada, só um corpo doente que insistia em respirar. Mazé sofria o pão pisoteado por satã, então um dia ela perguntou o porquê. Foi quando respondi com uma indagação,

“esse filho aí é de Timóteo ou meu?” Você me fez assim Mazé, construiu o homem sem alma. Ela pediu perdão, eu a perdoei, mas Damiana não. Eu fiz o que foi pedido por minha filha. Na calada da noite, enquanto a bebê chorava, deixei que a morte beijasse Mazé e o bastardo. Damiana pediu que enfiasse o facão na barriga do adultério e depois na cadela nojenta da minha esposa. Mazé implorava, lutava com as mãos, pedia perdão e rezava. Até que não podia dizer mais nada. O mar vermelho novamente permeava o nosso leito, o tormento acabou assim como começou, a mortalha do passamento cobria os olhos de Mazé, sua boca vermelha lasciva, agora era pálida e fria. O que fiz... Como fiz?! Não conseguia olhar para a horrenda cena interpretada em minha cama. O leito que muito era de gozo glorificado, em que nasceu o amor que contemplava nossas almas, agora era pura sofridão e terror. Foi aí que lembrei que a casa tinha ratos.

Estava empestada de ratos. Damiana começou a chorar, novamente segui o choro dela, o presságio deveria acabar naquela noite, mas não acabou, o choro me guiou de novo ao infortúnio que agora representava soberania. O veneno de rato que iria colocar na casa, estava na minha frente. A morte, agora, era livramento, a resposta para as minhas aflições e o caminho finalmente para a felicidade. O que eu poderia fazer a não ser sentir a doce e amarga dor da liberdade? Era o fim do presságio de Damiana que pelo visto só queria o bem de sua família, podia não ser o seu pai, mas me tinha como pai, sabia naquele momento que o que Damiana queria era somente sua família unida. Tomei o veneno.

A agonia da morte me encontrou, a espuma da boca de um moribundo saia assim como o gozo da vida no coito dos apaixonados. O abraço da morte era vida e felicidade. Foi assim que morri e (re)nasci, na casa da rua Bárbara de Alencar, eu, minha Mazé e Damiana. Na residência mal-assombrada da Fazenda Carroçal. Hoje, Damiana não chora mais, não para nós.



O TEATRO

*Daisy Lage Melo*¹⁹

No período Bela época foi inaugurado o Theatro José de Alencar, em 17 de junho de 1910. Construído em arquitetura eclética em estilo Art. Nouveau, possui três andares que comportava em média 800 lugares. O complexo conta ainda com auditório de 120 lugares foyers, espaço cênico a céu aberto e o prédio anexo com 2.600 metros quadrados, que cedia seu centro de artes cênicas.

A comemoração dos moradores foi festiva, abraçaram com muita alegria a notícia que em breve a cidade ganharia um Theatro no centro da praça Marques de Herval. Caroline foi uma das moradoras que mais se empolgaram com a notícia. A moça de olhos claros, pele branca e cabelos dourados como os reflexos dos raios solares, era tímida, porém de muita atitude e coragem. Caroline era filha de dona Elizabeth e do senhor Fernando, que faziam parte da elite formada por negociantes da época. Nesse Período a cidade fortaleza vivia sobre a influência dos costumes europeus; roupas, objetos, estilo, e maneiras até mesmo de comportamento advindos da Europa tomavam conta do período vivido pelos fortalezenses.

¹⁹ Natural de Fortaleza- Ceará, 28 anos, formada no curso de Letras Português Literatura, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Desde muito jovem encantada pelas narrativas e contos. Usou o desejo como direcionamento para escolher sua formação acadêmica.

O ano era 1909, a construção do teatro alegrava cada dia mais, os dias de Caroline que esperava ansiosa a inauguração do espaço o tão falado teatro.

Admiradora das artes era amante de poemas e de literatura, tinha um ar nacionalista, mas era muito influenciada pelos costumes franceses da época. Quase todos os dias, ao final da tarde, gostava de passear em torno da praça Marques de Herbal, ansiosa para a finalização da obra e curiosa com todos os detalhes a todos que a cumprimentavam durante seu passeio ela dizia.

- Não vejo a hora de assistir uma peça nesse futuro teatro.

Ou ela perguntava:

- Olá, como tem passado? Você sabia que em breve nossa cidade terá um dos teatros mais lindos. Com estrutura e modelo inspirados em outras partes do mundo.

Fernando Pai de Caroline, homem conservador e inteligente que, por conta de uma vida mais corrida e envolvida com os negócios, não tinha muita sutileza. Era um homem grosso em alguns aspectos e situações. Sua mãe, dona Elizabeth, era uma mulher doce, de uma delicadeza estonteante que possuía uma calma própria dela mesma. Senhora de sua casa, Elizabeth, às vezes, quando a filha chegava de seus passeios, no final da tarde, perguntava:

- Caroline, minha filha, porque demoras tanto quando vais a essa bendita praça!

- Mamãe, mal posso esperar para ver a inauguração do tão falado Teatro.

- Eu sei minha filha. Mas uma moça não anda assim a demorar-se na rua.



Quando sair, volte logo! Para não ficar mal falada perante nossa vizinhança.

- Está certo, mamãe. Mas se fico tanto tempo fora é só para estar um pouco na praça e ver o teatro sendo erguido aos poucos. Isso desperta minha imaginação e o tempo passa de uma maneira inacreditável.

- Filha, apenas quero evitar que tenhas brigas aqui em casa com o seu pai.

E assim foram passando os dias, os meses e Caroline, sempre que podia, ia ver como estava a construção do espaço e aproveitava para respirar um pouco o ar da cidade e exibir seus lindos vestidos. Certo dia, faltando algum tempo para a tão esperada inauguração, Caroline viu um rapaz alto, de cabelos escuros como a noite, de boa aparência e porte físico admirável conversando com um dos responsáveis pela obra, que faltava apenas poucos dias para ser finalizada.

Ele lhe chamou bastante atenção. Ela, embora fosse tímida, era também curiosa e ficou a observar e ouvir a conversa. Ao perceber que ele estava se distanciando da praça, ela tratou de ir embora, apressando os passos, quase correndo. Apressou-se tanto que acabou tropeçando na barra do vestido cor de rosa e caiu. Com o rosto quase no chão, ela olhou para a sombra que se formou bem próximo de suas mãos. Ao levantar a cabeça, viu que o jovem rapaz estava diante dela e lhe estendeu a mão.

Ele perguntou:

- Você está bem? Deixa eu te ajudar a levantar Caroline, com muita vergonha, respondeu:

- Obrigada, mas estou bem. Foi só um susto.

O rapaz ficou um pouco sem graça, porém insistiu em

ajuda-la, estendeu as duas mãos para servirem de apoio.

- Não tem problema nenhum em aceitar ajuda, moça.
- Caroline levantou e, tentando limpar o vestido, falou:
- Como lhe disse, estou bem, apenas tropecei.
- Tudo bem, então. Posso pelo menos saber seu nome.
- Sim, é Caroline.
- Eu sou Fernando.

A moça deu um meio sorriso e tentou disfarçar, pois o rapaz tinha o mesmo nome que seu pai.

- Muito prazer, Fernando, desculpe o meu mal jeito
 - Você mora aqui na cidade? Nunca tinha lhe visto
- O rapaz sorriu e disse:

-Sim, sou de Fortaleza, mas trabalho viajando.

Caroline se despede dizendo:

Melhor eu ir, minha mãe deve estar preocupada

- Foi um prazer conhecê-la.
- Igualmente, Fernando, até breve.

Caroline saiu sem jeito e desconfiada. Enquanto ela andava, o rapaz sorriu e fixou os olhos no caminhar de Caroline por um certo momento e disse para si mesmo:

- Nunca tinha visto moça tão formosa e de personalidade tão forte quanto aquela.

No caminho para casa, Caroline sorria, estava tendo uma confusão sentimental, mistura de vergonha com felicidade e medo.

“Aquele moço Fernando me deixou sem jeito, isso nunca me aconteceu antes, sempre achei os homens muito galanteadores e muitas vezes com um ar de falsidade, com segundas intenções. Não vi isso nele”.

Finalmente o grande dia da inauguração do Theatro



chegou. Caroline quase não dormiu de tanta ansiedade. Separou o vestido mais bonito, os sapatos novos que ganhou de sua tia Rita, escolheu brincos e colar que iria usar no evento. A noite chega e logo ela está pronta. Sua mãe e seu pai também foram prestigiar o primeiro evento do teatro.

Ao se aproximarem da praça, Caroline avista Fernando entrando no teatro com umas malas, com o aspecto de apressado. Seu coração quase sai pela boca, suas mãos ficam trêmulas. Seu pai pergunta:

- Você está bem, minha filha?

- Sim, papai, acho que estou muito ansiosa para assistir à peça.

O Teatro estava lotado. A primeira apresentação foi anunciada: “O Dote”, direção de Artur Azevedo. Foi difícil encontrarem lugares livres para sentar, apesar do espaço amplo, as inúmeras poltronas estavam todas ocupadas. Enfim sentados. Em alguns minutos, inicia-se a apresentação, os olhos de Caroline estão atentos a cada movimento dos atores. Não demorou muito para que ela tivesse uma grande surpresa.

Fernando entra em cena: era um dos protagonistas, a surpresa foi tanta que ela chega a falar em voz alta

- Minha nossa!

- O que foi minha filha?

- Nada, minha mãe, só lembrei-me de uma coisa que tinha esquecido.

Muito impressionada e surpresa, Caroline levanta e vai em direção à toailete quase no fim da apresentação. Fernando, no canto do palco, reconheceu a moça e imediatamente, de forma discreta, avisou os amigos de elenco que não de-

morava.

Quando se aproximou de Caroline, ele perguntou:

- Você veio?

- Desde a hora que subi no palco observava a plateia na esperança de lhe ver outra vez.

Uma mistura de surpresa com encantamento

- Nossa, não sabia que você era ator.

- Sim, sou ator, gostaria de ter lhe encontrado outras vezes para termos conversado mais.

- Gostei muito de você...

Alonso, um dos integrantes do elenco, chama Fernando: - vamos, precisamos encerrar a cena.

- Estou indo, caro amigo,

- Minha bela, gostaria de lhe ver depois da peça. Pode ser ao lado do teatro.

Rapidamente, ele corre em direção ao palco para concluir sua parte na peça.

Caroline retorna e já adianta à mãe que vai ficar mais um pouco ao final da apresentação, que encontrará umas amigas e depois passará na casa de Ester, uma amiga de infância. Sua mãe pediu apenas que não houvesse muita demora, para evitar problemas em casa.

Fernando tratou de cumprimentar todo o elenco que trabalhou com ele na realização do sucesso que foi a apresentação, aplaudida de pé, por muitos que foram prestigiar a inauguração do teatro. Saiu às pressas a esperar Caroline como tinham combinado. Ansioso, andava de um lado para o outro verificando as horas em seu relógio a cada minuto. Começou a achar que ela não iria aparecer.

- Vim lhe dar os parabéns pela apresentação, foi um



sucesso!

- Obrigado, posso lhe convidar para dar uma volta na praça? Com isso tomamos um pouco de ar e sentiremos o cheiro do orvalho da noite.

- Sim, mas não posso demorar.

- Então você é ator... Adoro tudo que envolve arte, poesia, artes cênicas, música.

- Acho muito bonitas pinturas, porém não consigo entender muito o que se passa. A moça sorri. - Faz tempo que você é ator?

- Alguns anos. Sempre fui muito curioso e adorava criar um pouco de drama em casa, fingindo situações para testar a reação das pessoas.

- Quem não gostava muito era minha mãe... eu apaixonava sempre ao final das brincadeiras.

As horas foram se passando e os dois a conversar sem que Fernando conferisse em seu relógio as horas. Muitas afinidades e um aumento de interesse entre ambos.

Caroline se dá conta que já havia passado do horário combinado com sua mãe.

- Fernando, já está muito tarde, meus pais me esperam!

- Minha bela, posso ter um beijo de vossos lábios?

Caroline sem graça, mas muito encantada com ele, aceita o beijo. Foi o suficiente para os dois perceberem que existia conexão. A peça ficou ainda alguns dias em cartaz, Caroline saía de casa, sempre perto do final da apresentação, informando à mãe que ia visitar Mariana, uma de suas melhores amigas, mas na verdade estava indo encontrar com Fernando às escondidas. Os dois, muito íntimos e apaixonados, acabaram consumindo por inteiro a paixão que os

tomava. Noites e noites de desejo e muito prazer. Caroline, não mais uma menina, nem moça sequer, virou mulher nos braços de Fernando que a desejava desesperadamente todas as noites.

Caroline tinha receio de dizer aos seus pais que namorava um rapaz com condições financeiras não tão favoráveis. Com o passar dos dias, dona Elizabeth começou a começar a desconfiar das ausências da filha, pois Caroline quase toda noite saía, sem dizer nada.

- Minha filha, vai sair hoje outra vez?

- Mamãe, volto logo, não precisa se preocupar.

Sempre depois da peça os dois namorados se encontravam. Caroline perdidamente apaixonada por Fernando e ele correspondia totalmente a sua paixão.

Certa noite quando estava indo ao encontro do seu amado, Caroline passou muito mal.

Enjoada e com a vista escurecida, a jovem voltou para casa e passou alguns dias assim, não sabia o que tinha. Dona Elizabeth tratava da filha com ervas e chás que sua mãe, dona Leopoldina, ensinara-lhe.

- Mamãe o que será que tenho...

- Não sei, minha filha, esses remédios caseiros nunca falharam antes.

A peça chegou ao fim de sua temporada em Fortaleza e com isso todo o elenco teve que se apresentar em outras cidades do país, visto que foi um grande sucesso.

Fernando, triste e sem muito ânimo, pois fazia dias que não tivera nem se quer notícias de sua amada, começou a acreditar que ela não o queria mais. Esperou até o último momento por notícias de sua bela. Sem sucesso, ele se con-



venceu de que ela tinha se arrependido de ter estado com ele, um rapaz humilde e sem muita estrutura financeira.

Ele acabou indo junto ao elenco para Minas Gerais. Enquanto isso, Caroline continuava com vertigens e enjoos. Só pensava em Fernando, mas não tinha como ir ao seu encontro.

Certo dia dona Elizabeth resolve levar Caroline ao médico. Havia quase um mês que ela não estava bem, sempre com muita fraqueza e náuseas. No centro da cidade, próximo à praça do Ferreira, tinha um consultório médico, do Doutor Ulisses. Caroline aceitou ir com a mãe ao médico, pois queria ficar curada de tanto mal-estar. O médico lhe examinou e coçou a cabeça.

- E então, doutor, o que tenho?

Perguntou assustada, pois dificilmente ficava doente, ainda mais por tanto tempo. O médico com o semblante satisfeito disse - Meus parabéns, Caroline, você será mãe em breve, tanto a senhora como seu bebê estão muito bem, as náuseas e as tonturas são decorrência da gestação.

Dona Elizabeth sorri e diz:

- O senhor só pode estar enganado, minha filha é moça, senhor Ulisses.

Disse a mulher nervosa e sem acreditar no que tinha acabado de ouvir. Caroline surpresa e assustada não sabe o que fazer para conter a mãe que estava descompassada.

- Mãe, temos que conversar.

- Conversar o quê, minha filha, você não está vendo que pagamos essa fortuna para você ficar bem e vem esse senhor dizer que você está grávida!

Caroline pega a mãe pelo braço e sai do consultório.

Chorando, sem saber o que fazer, diz a mãe tudo que estava acontecendo.

A senhora Elizabeth, muito nervosa, dá-lhe um tapa na cara. Com a mão sobre o rosto, ela pede perdão à mãe e amparo, pois não sabe o que fazer.

- Como você pode fazer um negócio desses, Caroline? Vai ficar mal falada e nunca mais vai arrumar casamento decente.

- O jeito agora é conversar com esse rapaz e exigir casamento porque ele lhe engravidou. Meu Jesus amado!

- O seu pai vai bater as botas quando ficar sabendo de uma história dessas!

Mamãe, hoje mesmo vou esperar Fernando na saída do teatro para explicar tudo o que está acontecendo.

- Espero que ele assuma a responsabilidade. O homem depois que conhece a mulher não quer mais casar. Minha filha, você é muito ingênua.

A noite chega e Caroline vai até a praça Marquês de Herval, onde fica localizado o teatro, esperar por Fernando no mesmo canto de sempre. Já fazia cerca de umas duas horas e nada dele aparecer. Ela então decide ir à bilheteria do teatro para saber informações sobre a peça e especular sobre ele. Quando entrou, deparou-se com um cartaz de outro espetáculo, que estava preso próximo à bilheteria. Rapidamente ela corre e pergunta ao rapaz que trabalhava na bilheteria:

- Boa noite, a peça O Dote ainda está sendo exibida?

- Não, moça, aquela peça já está com quase três meses que saiu aqui do teatro.

Visto que foi sucesso, ela foi pedida para ser apresenta-



da em outros lugares do país.

- Quer dizer que todo o elenco foi...

- Sim. Tinha um rapaz que pretendia ficar, mas acabou indo.

Caroline saiu aos prantos do lugar, chorava tanto que soluçava.

- Meu Deus, ele foi embora, o grande amor da minha vida, o pai do meu filho!

- Como vou fazer sem ele? Meu pai vai me matar.

Nessa noite, Caroline não voltou para casa, andou sem destino sem rumo. Sua mãe, desesperada, muito aflita, não sabia mais para qual santo rezar. Caroline caminhou pela cidade em baixo de chuva, sem se importar com os perigos da noite e muito menos da cidade.

Pela manhã, Caroline retornou para casa, mas esperou seu pai ir para o comércio. Não queria que ele a encontrasse, pois a confusão estaria armada. Ao entrar foi direto para o quarto muito cansada e com o rosto marcado por olheiras profundas, sua mãe entrou no quarto chorando, mas feliz por Caroline estar em segurança, visto que a criminalidade na cidade vinha crescendo.

- Minha filha, você quer acabar com sua mãe, nem seu pai nem eu conseguimos dormir preocupados com você!

- Mamãe, Fernando foi embora!

- Vamos ter que conversar com seu pai, explicar o que está acontecendo. Não podemos mais para esconder esta situação dele. Precisamos colocar as cartas na mesa.

Chegando o final do dia, o inesperado acontece, próximo ao horário que senhor Fernando fechava o comércio, entram três pedintes retirantes e saqueiam o estabelecimen-

to. Ao perceber o que estava sendo roubado, seu Fernando pega a arma, porém um dos marginais o domina, toma-lhe o revólver e ceifa-lhe a vida. Os três fogem levando o que podiam. As notícias correm. Chega a casa de Dona Elizabeth, batendo palmas, Lurdes, uma vizinha, para lhe dar a notícia.

- Dona Elizabeth, pelo amor de Deus, saquearam o comércio de seu esposo, ele reagiu e levou um tiro! Infelizmente não resistiu! Sinto muito. A polícia está no local.

Solicitaram a presença da família.

Sem nenhuma reação, dona Elizabeth estrou em choque. Caroline saiu para ver o que tinha acontecido, dona Lurdes relatou toda a situação. A moça não esperou nem a mulher terminar de falar, buscou uma cadeira para sua mãe e saiu correndo em direção ao comércio de seu pai. Constatou o que não queria, pois ainda tinha esperança de encontrá-lo com vida.

No enterro, sentimentos de culpa, vergonha e muita angústia rondavam os pensamentos de Caroline que não conseguiu contar ao pai que lhe daria um neto. Muitos moradores de todas as partes da cidade foram prestar última homenagem ao negociante, que era muito querido. Os dias foram passando, os meses, e Caroline deu à luz um lindo menino que nasceu nas mãos de dona Felícia, parteira da região. Foi batizado de Eduardo, nome do avô de Caroline, pai de seu pai, também já falecido. A mãe da moça deixou alguns dias o comércio fechado para ajudar nos cuidados com o bebê.

Eduardo desde pequeno tinha sonho de estudar artes cênicas, mesmo Caroline nunca tendo falado que seu pai era

ator. Isso sempre lhe deixava um tanto incomodada, porém como era um sonho de seu único filho deixou que ele decidisse por si.

Os anos foram passando. Quando Eduardo completou 18 anos já era um dos favoritos do teatro e de alguns outros teatros de cidades vizinhas. Um certo dia na comemoração de 20 anos da inauguração do teatro José de Alencar, os organizadores e responsáveis pelo seu funcionamento realizam um projeto para trazer algumas das primeiras peças apresentadas ali. Eduardo muito empolgado passa dias se preparando para o tal evento que seria um marco em sua carreira. Começou cedo, porém o garoto era ambicioso, queria viajar diversas cidades e quem sabe até se apresentar na Europa.

Caroline sempre lhe acompanhava em suas apresentações, como forma de apoio.

Praticamente só eram eles dois, sua mãe quase não saía mais de casa por conta do cansaço da idade. “Nessa noite, meu filho vai conhecer muitos atores renomados”, dizia Caroline às vizinhas, com os olhos cheios de orgulho. Eduardo passou dias entre os estudos cênicos e trancado em seu quarto estudando as falas, queria estar bem preparado para o “grande de dia”.

Eduardo pediu para Emanuelle, uma das responsáveis pela organização, um lugar especial para sua mãe poder lhe prestigiar. Manu, como era chamada por Eduardo, concedeu seu pedido. A noite chega, Caroline como sempre muito vaidosa escolhe um belo vestido e uma de suas poucas, mas bela jóia.

A apresentação começa, Eduardo chamava atenção

pelo talento e simpatia.

Chegava transparecer a alegria que sentia enquanto estava no palco. Caroline não tirava os olhos do filho, admirada, com um pouco de nostalgia de sua parte, lembrando talvez de Fernando, que atuava magnificamente, e pensando que o talento fora passado de pai para filho. As peças antigas se entrelaçavam com algumas peças mais recentes. A apresentação era uma mistura de tempos e tempos. Os atores das primeiras se apresentavam com os atores das obras mais recentes.

De repente, um susto e uma surpresa enorme para Caroline, Eduardo em um dos atos da peça contracenava com um homem muito semelhante a ele: cabelo preto, mas já boa parte tomado pelo grisalho, barba bem-feita e aparada, porém, com muitos cabelos brancos também. Ela identificou pelo olhar e acabou passando mal.

- Meu Deus, não pode ser, depois de tantos anos e trabalhando com meu filho!

Quando terminado o último ato, foi oferecido um jantar. para a comemoração da brilhante apresentação, a todos os atores e seus convidados. Caroline recuada, e com os olhos marejados, beija o filho que vinha a seu encontro.

- Parabéns, meu filho!

- Obrigada, minha mãe, devo tudo isso a você que, mesmo não aceitando muito a ideia, deu-me a condição de seguir o que eu mais desejava em meu coração.

Na direção dos dois se aproxima um homem de terno. Muito simpático, cumprimenta Eduardo com um aperto de mão.

- Meus parabéns, Eduardo, meu jovem, você tem todas



as ferramentas para ser um grande ator, já conheci e trabalhei com muitos atores e tenho certeza, por experiência própria, que você será tão grande quanto qualquer um dos renomados.

- Obrigado, senhor Fernando, ajudou-me muito nos ensaios também.

- Quero que o senhor conheça minha mãe.

Caroline estava de lado, não mostrava muito o rosto, ao ser anunciada pelo filho, virou-se em direção a Fernando que a reconheceu na hora.

- Mas essa senhora eu já conheço!

- Acredito que não senhor Fernando, minha mãe se chama Caroline.

- Sim, conheço, sim!

As lágrimas rolam pelo resto de Caroline que não esperava ver pai e filho reunidos um dia. Fernando muito surpreso e Eduardo sem entender o que ocorria.

- Antes de mais nada, quero lhe dizer que te esperei por anos e anos até perder as esperanças.

- O mesmo aconteceu comigo, minha bela, esperei-te um certo tempo, porém achei que você não me queria mais e, por conta do trabalho, tive que partir!

- Sofri muito, muito mesmo, chorava de saudades de você!

- Partiu e me deixou com um filho na barriga para enfrentar tudo sozinha!

- Chorei tantas noites e tantos dias que nem sei por quanto tempo chorei.

- Espera um momento! Você carregou um filho meu em seu ventre?

- Sim, e ele está diante de você! Eduardo é seu filho, nunca falei de você para ele, o mesmo sangue que corre em suas veias corre nas veias de Eduardo.

Eduardo fica simplesmente sem reação. Calado estava, calado ficou. Caroline não conteve as lágrimas, muito menos o choro. Disse em voz alta para quebrar qualquer desentendimento:

- Fernando é seu pai, meu filho!

- Eduardo é seu filho, Fernando!

- Por mais que me doa, não posso tirar o direto de ambos saberem a verdade.

- Não seu o que dizer, mamãe. A senhora nunca me falou nada!

- Desculpe-me, meu filho. Tudo isso me dói muito.

Pai e filho se abraçaram e em seguida envolveram Caroline num abraço triplo, com muito choro e emoção. Tudo não tinha passado de um grande mal-entendido e desencontro. Enfim estavam juntos. Muitas conversas e pedidos de desculpas, mesmo sendo ambos, vítimas do acaso e do destino.

APENAS MAIS UM CAUSO DO FRONDOSO CAJUEIRO BOTADOR

Maria Abgail²⁰

A placa ali colocada diz: “Neste local existiu um frondoso cajueiro que, por frutificar o ano todo, era apelidado Cajueiro botador, ou por se realizarem, sob sua copa, a cada 1º de abril, as eleições para o maior potoqueiro do Ceará, era também chamado de Cajueiro da mentira”.

O fato era que ali, até mesmo antes se ser chamado cajueiro da mentira, o frondoso botador já ouvia os causos contados pelos habitantes desta terra. Não só isso, mas é provável que tenha chegado a esconder diversos tesouros de poderosos. Afinal bem antigamente se tinha tal costume. Pois bem estavam todos ali, a grande maioria crianças de ouvidos atentos ao que se era dito, seus olhos gelados - não se sabia distinguir se estavam com medo, fascinados ou chocados. O certo era que aquele moço de aparência peculiar, chamado Josias, sabia como deixar inquieta a mente daquela menina. Ali debaixo do bendito cajueiro, outrora um belo de um esconderijo para os principais bens dos po-

²⁰ Tenho 28 anos, sou natural de Palmatória, distrito de Itapiúna interior do Ceará. Resido em Fortaleza há dez anos, e veio para cursar a faculdade de Letras Espanhola na Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente sou professora da educação infantil em uma escola privada.

derosos, bens esses que iam desde poucas moedas de ouro e prata a grandes e pesadas barras de ouro. O fato era que ali, debaixo do frondoso, o moço contador de estórias deixava todos encantados com seus causos.

Um deles diz respeito a uma bela jovem de rara inteligência, filha única de José e de Luiza. Sua infância foi boa, apesar da frieza de seu pai. Sentia que ele a culpava pela morte da mãe que não resistira às complicações do parto que lhe dera a vida. Não se sabe ao certo, mas tanto a gestação quanto o nascimento da garota foram um tanto quanto estranhos. Primeiro que seus pais sempre sonharam em ter um filho pois só assim teriam a família completa, mas sua mãe não conseguia engravidar. José então vendo o sofrimento de Luiza por não conseguir a tão sonhada gestação resolveu em um ápice de desespero levar sua esposa a uma velha mulher que diziam ser bruxa, eles queriam tanto uma criança que estavam dispostos a tudo para ter um filho ou filha em seus braços. Foram até a bruxa que lhes disse:

- Um filho vocês terão, mas em troca o que me darão?
- O que quiseres senhora - disse José.
- Então farão o que eu disser e logo com seu filho nos

braços estarão.

A bruxa começou a falar o que deveriam fazer, eles teriam que conseguir dois tipos de carne, mas não eram carnes quaisquer, carne animal, e, sim, a carne de um fruto, do caju. Teriam de ser duas espécies de caju, uma vinda de onde eles moravam e outra de alguma região em que tivesse bastante água. José então saiu em busca do segundo caju, quando o encontrou voltou e entregou o fruto a velha senhora, o primeiro caju foi retirado de um cajueiro que ficava



no fundo do quintal da velha. Ela então os pegou e os partiu ao meio e deu a metade de cada um para Luiza comer. Os cajus tinham gostos diferentes, um era mais doce o outro era como azedo. Luiza os comeu e logo em seguida começou a sentir um sono. A velha falou a José para levá-la para casa, mas antes lhes disse:

- Dessa gravidez dois filhos vocês terão, mas somente de um deles cuidarão, o outro trarão para mim e assim o pagamento feito será.

José e sua mulher foram para casa. Luiza dormiu toda a noite e um dia inteiro.

Quando acordou já sentia os sintomas de sua gestação. Os meses foram passando e a barriga de Luiza crescia lindamente. Eles estavam tão felizes que esqueceram do que a velha senhora lhes falara. Chegados os nove meses, Luiza entra então em trabalho de parto. Era uma noite meio estranha pois chovia, mas não era uma chuva qualquer, parecia uma tempestade ou como se fosse a última noite de uma alma na terra. Luiza gritava de dor enquanto a parteira pedia para ela colocar força, até que nasce a primeira criança, era um menino que chorava muito, mas era saudável. Logo em seguida vem a segunda criança, mais calma, era uma menina. As crianças tinham uma marca em forma de uma castanha, o menino com a marca no ombro direito e a menina no ombro esquerdo. Luiza e José ficaram muito felizes, mas naquela mesma noite a velha senhora apareceu, querendo seu pagamento. Luiza não concordou em dar um de seus filhos para a velha. A mulher ficou furiosa com o descumprimento do acordo e disse que naquela mesma noite uma vida se perderia e para ela outra viria. Naquele mesmo

instante, Luiza, que ainda estava debilitada, começou a passar mal. José foi acudir e deixou as crianças sozinhas por um instante e nesse momento ele ouviu a porta da casa bater, a chuva parar e Luiza agonizar em seus braços. Mas, antes de deixar este mundo, Luiza pede ao marido para que ele cuide das crianças. José chora com o corpo da mulher nos braços, quando escuta um choro fino e se lembra das crianças; corre para onde elas estão, quando chega no quarto delas, encontra somente a menina, o seu menino, o primogênito, fora levado embora pela velha bruxa. Outro sofrimento para aquele homem que só queria ter uma família e acabou ficando sozinho com uma filha para criar. Tentou de varias maneiras encontrar a velha e seu menino, mas todos os esforços o cansaram e ele desistiu de procurar.

Deu à sua menina o nome de Anacardia e a educou como pode. A menina ia crescendo e ficando cada vez mais parecida com sua mãe, o que deixava seu pai cada vez mais machucado, pois olhar sua filha lhe trazia uma lembrança muito dolorosa e assim tratava a garota com frieza, mal dirigia a palavra à menina, que sempre fazia de tudo para ter a atenção do pai, mas sem sucesso. Até que um dia ela descobre, pela parteira que fez o parto de sua mãe, toda a história envolvendo seu nascimento.

Anacardia fica triste, sentindo-se mal e toma a decisão de ir em busca de seu irmão para trazê-lo de volta e assim ter parte da família reunida e fazer feliz seu pai outra vez. Sai de casa numa manhã bem ensolarada, deixando um bilhete. Seguindo o que a parteira lhe havia falado, Anacardia viaja até uma outra cidadezinha próxima a sua e lá vai até um endereço que a parteira lhe deu. Lá, encontra um belo

jovem chamado Julião. Eles conversam e ele conta que nunca conheceu seus pais, que fora criado pela avó que morreu um mês antes de Anacardia aparecer por ali. A menina sente que Julião pode ser seu irmão e vai lhe fazendo perguntas, até que ela decide falar sua história e o rapaz não acredita muito em tudo aquilo. Ela mostra então seu ombro esquerdo. Ao ver a marca, o rapaz teve de aceitar que aquela garota era sua irmã e lhe mostra também o seu sinal. Os dois passaram horas conversando e Julião decidiu ir com a irmã para a cidade do pai deles. Quando volta para casa, junto do irmão, Anacardia se sente muito feliz principalmente por ver a felicidade de seu pai.

Toda essa alegria sumiu quando Anacardia adoeceu de uma forma misteriosa. O pai e o irmão fizeram de tudo para que a garota melhorasse, mas a menina só piorava, até que em uma noite chuvosa, assim como a de seu nascimento, ela veio a falecer. Seu pai e irmão decidem enterrar Anacardia no quintal da casa da família. A menina era querida por muitos da região. No local onde colocaram seu corpo começou a nascer uma árvore, tal árvore era um cajueiro que cresceu muito e que sempre dava o fruto não importasse a época do ano, o caju desse cajueiro era diferente pois, do lado esquerdo da árvore, ele tinha o sabor bem mais doce e do lado direito, um pouco azedo. Josias terminava de contar a história de Anacardia com um belo de um caju nas mãos dizendo que o cajueiro daquela história estava ali e ele e os seus ouvintes estavam de baixo dela, a garota Anacardia que se tornou um cajueiro.

O PASSEIO DE NETUNO

*Geraldo Martins Gonçalves Neto*²¹

I

Ela saiu do trem com fogo nos olhos, caminhou pelas plataformas, passou por um vestíbulo levemente iluminado – umas luzes bobinhas piscavam na primeira cuspida da noite nesse ambiente - e deu de cara com a Praça da Estação em sua mais comum rotina.

Às suas costas a escadaria que dá acesso à Estação se punha altiva diante da miséria que se encontrava à sua frente. Diz-se que o trem que veio de Leeds chegou por aqui primeiro que eu, eu já não diria o mesmo. Cheguei bem antes no coração das pessoas. Na verdade, eu nasço em seus corações sempre que eles sentem que precisam descobrir, não importa o que. O fato de terem me posto como uma mera réplica de mim mesmo em um passeio não me redimensiona, continuo do mesmo tamanho; sofro do mesmo jeito.

Áquila caminhou extremamente decidida pela praça, passando pelos pontos de ônibus e ignorando completamente os lamentos e pedidos dos mendigos. As pessoas se

²¹ Professor de inglês graduado em letras/inglês pela UECE. Nasceu em Juazeiro do Norte, mas desde pequeno vive em Fortaleza. Desde criança é fascinado por idiomas, mitologia e leitura. Essas coisas me levaram à graduação em letras e que por fim me levou a esse projeto liderado pela Professora Sayuri Matsuoka.

aformigavam embaixo das paradas esperando ansiosamente sua condução de volta ao lar. Mas Áquila fizera o total oposto, pois saíra de casa. Pegou o último trem escondida de sua mãe, pois era o que conseguiria pagar. Precisava urgentemente apagar a chama de seu coração que pulsava intensamente com o que vira dias antes na Biblioteca Estadual.

Ler era seu prazer mais difícil, mas ao mesmo tempo mais barato. Ia toda semana à biblioteca que ficava próxima à praia para pegar os livros que lhe soassem mais interessantes; julgava-os pela capa. Às vezes se arrependia muito, em outras tantas achava que havia perdido um pouco de tempo; mas em outras poucas se afundava em um novo universo distante do seu. Um universo sem tijolos faltando uma mão de tinta e painéis amassados.

Ah, o colégio! Não poderia esquecer do colégio que tanto detestava e se sentia pressionada a ser o que não poderia ser – no final das contas, naquele colégio, você nunca seria ninguém. Mas algumas coisas alegravam seu dia no ginásio, como por exemplo, subir nas árvores para comer manga na hora das aulas de matemática; ou quando a professora de história ensinava à turma sobre como as civilizações antigas eram fantásticas e explicavam por meio de anedotas e mitos aquilo que nos dias de hoje chamam de ciência. Desde o momento que surgiu em Áquila sabia que não seria pouco e que provavelmente se perderia para sempre nela.

Seus cabelos cacheados trotavam no vento enquanto ela ziguezagueava entre as pessoas nas ruas escuras e fedorentas do Centro. Os olhos da menina eram puro piche, preto. Temo que foram feitos muito mais poderosos do que deveriam.

Seus cabelos cacheados trotavam no vento enquanto ela ziguezagueava entre as pessoas nas ruas escuras e fedorentas do Centro. Os olhos da menina eram puro piche, preto. Temo que foram feitos muito mais poderosos do que deveriam.

Seus cabelos cacheados trotavam no vento enquanto ela ziguezagueava entre as pessoas nas ruas escuras e fedorentas do Centro. Os olhos da menina eram puro piche, preto. Temo que foram feitos muito mais poderosos do que deveriam. Possuía uma cicatriz com forma esquisita na testa - um acidente de infância. Testa de lua, chamavam-na. E não demorou muito para que chegasse onde habito. Os carros passavam pelas ruas e para ela eram como pequenos animais. Acendeu um cigarro, ansiosa. Quebrava regras sem pestanejar. Mas espere, estou me esquecendo de contar como a moça veio parar aqui.

Decidiu ela que um dia iria ler sobre sua cidade. Tinha extrema curiosidade de ver as fotos velhas em reprodução nas páginas dos livros. Tentou se interessar pela leitura dos eventos antigos, porém entediou-se muito rápido e decidiu que veria somente as figuras, os retratos.

Em várias páginas achou imagens interessantes: as fotos da praia antes de encherem-lhe de pedras e barracas; as fotos de avenidas quando eram somente mato e areia; e então seus olhos enérgicos começaram a ver as belas fotografias de um passeio.

Passeio que serviu de lugar de encontro de pessoas importantes na criação da cidade, passeio que serviu de espaço para bandinhas tocarem no coreto e as moçoilas fofocarem bobagens – estava lendo tudo. Mandaram que o largo fosse



colocado de pé porque precisavam de Paris ao lado do Forte e ela riu ao pensar nisto. As estátuas representando deusas, crianças; as roupas das pessoas eram longas e pesadas, o calor que devia fazer, então...

Até que seu coração parou e foi aí que eu nasci.

Ela não estava conseguindo ter certeza se o que estava vendo era verdade ou não. Mas realmente não poderia ser impressão. Na foto era ela. Podia ver claramente seus cabelos cacheados e seus olhos escuros, estava enfezada, como se estivesse incomodada com as roupas que lhe cobriam até o pescoço. Mas a cicatriz na testa da menina da foto era reconhecidamente sua impressão digital. Seria impossível que fossem pessoas diferentes. Testa de lua, chamavam-na. Estava rodeada de outras duas moças. Todas alegres, exceto Áquila e uma garota de cabelos claros ao seu lado.

Folheou o livro em busca de outras fotos, mas não achou nada. A imagem tinha na legenda a data de 1888, acervo do museu. Não esperou muito. Correu até lá. Havia um fac-símile do retrato, frente e verso. O assombro não poderia ser maior.

II

Eu quase caí em cima do fac-símile e estraguei a coisa toda que cobria aquela foto. Como eu poderia ter feito isso?! Ainda passei alguns minutos para juntar palavra por palavra mais uma vez e finalmente entender. Na parte de trás eu consegui ler:

Uma recordação d'um passeio com novas amigas. Anno

1888 Anna Thereza Paulet Como isso seria possível? Minha cabeça estava em um turbilhão. Quando voltei em casa discuti com minha mãe que mais uma vez me exigia que eu cozinhasse e fizesse as coisas de casa enquanto meu irmão ficava deitado no sofá assistindo bobagens na televisão. As únicas coisas que me lembro são de ter xingado alto e ter saído. A foto continuava a martelar minha cabeça e resolvi passar pela praça mesmo estando tarde.

Peguei o último trem.

A força de tentar descobrir o que estava havendo tinha me feito sair de casa e me trouxe até o Passeio em busca de explicações – das quais eu achava impossível descobrir. Não queria ser considerada maluca. As pessoas nunca acreditariam em mim se contasse a elas que naquela da foto era eu. Diriam que, de verdade, enlouqueci de vez. Precisava provar para mim mesma que não era apenas uma impressão. Então fui até o Passeio.

Entrei pelos portões que ainda estavam abertos, apesar do horário. A fama do lugar iria por a minha própria em risco ainda maior. Mas mesmo assim entrei antes que ficasse mais escuro ou perigoso. As luzes da rua iluminavam poucos trechos da parte interna do Passeio, que anteriormente tinha outras duas áreas, segundo o livro que tinha minha foto. Mas hoje em dia somente resta uma delas. Eu tinha um trabalho impossível.

Achar um resquício de que eu poderia ter uma cópia anterior. Tipo uma gêmea? Ri de mim mesma por estar fazendo tudo aquilo e joguei o cigarro inacabado numa fonte com água cheia de musgo e uma estátua de criança imunda de cocô de pombo. A brasa apagou com um chiado. Por um

lado, me senti bem por fazer algo novo, fora da minha rotina estressante.

O Passeio era grande e também era chamado de praça. Possuía bancos de madeira velha e muito mato. Passei por um coreto velho e jurei ter visto um rato correndo e se escondendo. Dando mais uma volta, vi estátuas velhas - as estátuas das fotos do livro de história estavam muito vivas e essas muito mortas. Até que me deparei com uma árvore muito grossa. O tronco largo e alto com folhas pequeninas. A impressão que dava era a de que alguém teria tirado a árvore da terra, emborcado, e enterrado ela com as raízes para o céu. Diferente.

A planta não era apenas diferente, mas tinha marcas. Cortes e entalhes feitos por pessoas ao longo dos anos. Dava pra ler as iniciais de casais apaixonados, palavrões, estrelas e... meu nome! E antes que eu tivesse qualquer reação uma série de fatos aconteceram um em seguida do outro.

Um clarão como o de uma explosão, o silvo de uma ave e o berro de um gato; um grito agudo se espatifou pelo ar como um copo que se quebra e então nada mais existia ao entorno da praça. Tudo estava claro como o dia mesmo sendo noite. O pavor esbravejou no meu peito. Eu queria sair correndo, mas estava paralisada. Fazia extremo silêncio pois o trânsito não existia, as pessoas e carris na rua do lado de fora não existiam, o cheiro não existia. O Centro tinha sumido!

- Tu! – escutei uma voz esquisita vindo dos meus pés. Era loucura demais – Tá mouca?! Falei contigo!

Olhei para baixo e poderia ter morrido que não faria a menor diferença. Um gato preto de olhos amarelos espera-

va minha resposta. Simplesmente não sabia o que fazer e um tímido gemido fez força pra sair pela minha garganta.

- Se tu não for agora a menina vai morrer.

- O quê?! – eu estava completamente anestesiada – morrer? Quem?!

Respondendo isso de um estrangulo só, vi o gato correr na direção do fundo da praça. E algo dentro de mim me empurrou e fez com que as minhas pernas deixassem de ser mais duras do que as pernas das estátuas do Passeio. Corri no encalço do animal e nos escondemos por detrás de uma árvore.

Para meu assombro havia uma menina de cabelos loiros, encurralada por duas coisas. Eram estátuas? Uma se encontrava empoleirada à esquerda e a outra a direita de duas superfícies que lembravam uma pilastra. Ao fundo tinha uma parede baixa onde a garota se encolhia. Parecia uma sacada. As estátuas se moviam ameaçadoramente, como se fossem saltar a qualquer momento. Eu já tinha visto nas aulas de história aqueles bichos que as estátuas representavam. Existe uma gigante dessas no Egito. Cabeças femininas e corpos diminutos de algo que me lembravam leões.

- O firmamento decidiu! – disse uma das coisas.

- O inferno mandou! – silvou a outra. Suas vozes eram terríveis como o som de um garfo riscando um quadro negro. A mocinha gritou algo incompreensível. As coisas se empoleiraram mais ainda em seus lugares, ansiosas, ladeando a parede baixa.

Consegui perceber que apesar de se mexerem não eram de carne, mas pedra.



- Decifra-me – rosnou a que estava do lado esquerdo.
- Ou devoro-te! – grunhiu a segunda oposta à primeira.
E em unísono disseram com suas vozes medonhas:

- Alimenta-me e eu vivo. Dá-me água e eu morro. Do que falamos nós?

A mocinha de cabelos claros, desesperada, olhava de uma para outra e tal como eu não conseguia acreditar no que seus próprios olhos viam naquela hora. O que aconteceu? Até hoje não tenho muita certeza. Não posso afirmar nada.

Os monstros pareciam preparados para pular de seus poleiros de pedra e fazerem da pobre garota sua primeira refeição depois de muito tempo. Pareciam nefastamente felizes. Minha cabeça trabalhava o mais rápido que podia para resolver o que quer que elas tinham pedido.

- Responde! – chispou o gato!

As criaturas preparavam um bote quando como de uma faísca a resposta tivesse nascido em mim. Respondi as feras a plenos pulmões:

- O FOGO! Quanto mais se alimenta o fogo mais vivo ele é; e se eu der água ele apaga e morre!

As esfinges viraram em nossa direção, o gato bufou ao encarar as carrancas horrendas das estátuas vivas. Eu estremei. Estava vivendo um sonho?

- Os portões agora se abrem para que continuem o vosso passeio – disseram as gárgulas com uma única voz arranhada.

Como se eu estivesse dentro de um sonho em que tudo é possível, mas tudo esta fora do seu controle, ao lado de cada uma das esfinges um par de portões de ferro surgiram

como se um trovão os tivesse colocado ali. Tudo ao redor agora era silencioso e as gárgulas voltaram a ser pedra pura e imóvel mais uma vez.

- Corre logo, ôh pomba lesa. Tá veno que a menina tá desfaleceno, não?

Parecia quase impossível acreditar que eu estava recebendo ordens de um bichento cheio de sarna e pulga.

- Tá tudo bem com você? – indaguei sem conseguir disfarçar o desespero na voz.

Eu só conseguia pensar em fugir daquela situação. Olhava ao meu redor e não sabia como iria conseguir. Todo o Passeio permanecia do mesmo jeito, como se nada fora dele existisse e dentro dele pairava uma leve fosforescência. A árvore grossa, de onde eu me encontrava, parecia estranhamente brilhante.

A menina me olhou de olhos arregalados, verdes como às vezes o mar que deveria existir depois do Passeio era. O terror estava escancarado.

- O que está acontecendo? – ela me perguntou. Fiz um muxoxo, não sabia o que responder. E de um sobressalto a voz esganiçada do gato se sobressaiu no silêncio.

- Crendeuspai – disse o bichano com ar metido observando os portões com olhões amarelos – as minina tão por fora, é? Quem mexe com o que tá queto quer confusão.

- Como assim mexer com o que tá quieto, seu fedorento? - retruquei – eu estava apenas visitando a praça quando simplesmente do nada isso tudo aconteceu!

- Não se faz de abestada, mulhé. Tu mexeu com o que não devia. Na verdade, vocês mexero no que não deviam. Mas calhou que vocês tão aqui justo hoje, hein!



- Dá pra parar de falar besteira e desembuchar logo? Onde estamos? - disse rispidamente, o gato deu dois passos para trás, rabo em riste.

- Dá sim, bicha da linguona – e subiu num dos bancos de madeira do Passeio, continuou dizendo – tu tá no limbo!

Eu senti meu coração caindo, como se o tivessem jogado de um arranha-céu.

Pensei que devia ter ido à missa no domingo com a mamãe.

- Mas não pense que eu tô falando do limbo do cabra véi, do tal do Dante. Aqui é o lugar sem hora. Aqui você pode fazer quanta hora quiser que a hora não passa. Aqui não tem limite.

Eu não entendi bem o que o gato tinha falado. Já era um absurdo muito grande crer que eu estava entendendo um animal.

- Já que tu respondeu a charada só te resta passar pelos portões – o gato disse.

- Mas eu não quero passar por eles. Eu quero voltar pra minha casa. Eu não quero ficar nesse tal de limbo! – a menina ao meu lado abriu a boca pela primeira vez dizendo isso.

- Qual o seu nome? – perguntei.

- Ariadne.

- Você não é a única. Não tem outro jeito, gato?

- Do mesmo jeito que ela tem nome eu também tenho, tá certo?

- E quem se importa? Só quero sair desse pesadelo.

- Menina maluvida! Tua mãe não te deu educação não?

Me chamo Prego, o gato do passeio.

Não dei muita atenção. Deixei ambos sozinhos depois

da resposta do bicho e fui em direção ao portão pelo qual entrei no Passeio. Estava emperrado. As grades dos muros baixos que fechavam o lugar, como em um grande retângulo, estavam intransponíveis apesar de serem fáceis de pular. Era como se o ar fosse pedra e bloqueasse a minha passagem para fora. Conseguia ver a claridão da inexistência do outro lado, mas não podia sair de lá. Era como se o próprio Passeio me empurrasse de volta aos portões das esfinges.

Relutantemente voltei, passando lentamente pela grande árvore. Existia uma energia diferente naquela árvore. Cruzei com as estátuas envelhecidas, me perguntando se a qualquer momento elas poderiam saltar com uma charada que me levaria para fora daquele lugar.

- Para fora daqui eu não poderia te levar – e uma voz grave vinda do alto atingiu meus ouvidos como se lesse meus pensamentos. Com um susto pulei para trás, olhando para cima. Um homem de pedra exibia seus músculos parado em um pedestal. Tinha um ar de sofrimento, mas de satisfação ao mesmo tempo – Me perdoe pelo susto. Chame-me Prometeu. Não posso ajudar você a sair daqui, mas posso dizer que você tem o que é preciso. É ótimo estar de volta – e pulou de onde estavam caindo no chão com um estrondo pesado.

- O que eu devo fazer? - estava ficando acostumada à coisa toda de estátuas vivas e coisas que falam, mas não me deixava de surpreender com tudo aquilo.

- Sempre siga em frente quando não há mais como voltar. Às vezes seguir em frente significa voltar.

- Realmente não há o que se fazer, Prometeu?

- Prometeu o que pra quem? – perguntou Prego.

- Gato enxerido! Sai daqui!

A estátua apesar de se movimentar e falar não parecia carnal. Era estranhamente real, mas ao mesmo tempo verdadeiramente irreal.

- Por que estamos aqui?

- Hoje é o dia que o senhor do tempo decidiu se cruzar com a Terra. As estrelas decidem as coisas por nós às vezes, garotinha – me disse a estátua - A árvore da terramãe acatou a ordem do senhor do tempo nas estrelas. Veja só como brilha o Baobá.

Não tinha limbo coisa nenhuma. Mas se bem que se existisse um limbo talvez ele fosse dessa forma. Mas se bem que se existisse um limbo talvez ele fosse dessa forma.

- Não há outro jeito de sair daqui passando por onde chegou, senhorita. – continuou o homem-estátua - Desça as escadarias e talvez ache a saída. Eu estive por aqui tempo o suficiente para ouvir os lamentos de muitos quando a água era escassa.

Quisera eu que o senhor do tempo me tivesse feito como estou aqui agora. Dessa vez não seria o fogo que roubaria.

- Então o que devo fazer lá embaixo?

- Achar Netuno. Ele quem manda neste lugar. Enquanto estiver preso ao meu castigo não poderei fazer muito por você - e dizendo isso, olhou para onde deveria existir o céu. Um pássaro preto pairava alto, esperando para descer.

- Pensa pelo lado positivo. Deve ter umas catita por lá.

- Sai daqui, gato!

III

Eu não tinha ideia de quem era a menina que me salvou, mas obviamente sou eternamente grata a ela. Não teria passado pelo que as esfinges me pediram, apesar de saber a resposta. No meu colégio tem aula de lógica, não sou boba nem nada. Só sou um pouco, digamos, medrosa. Mas minha mãe sempre diz que sou astuta quando consigo sair de mansinho à noite pra poder passear pelo estacionamento do prédio e beber vinho escondido com os meninos do 503. Já me meti em uns apuros por aí.

Pois bem, desci as danadas das escadas. Elas eram espiraladas e de metal.

Rangeram um pouco e lembrei que minha mãe andou dizendo que eu estava um pouco gordinha. Não me importo muito com isso. Mas, enquanto descia, eu percebi que estava tudo diferente. Finalmente conseguiram me por de castigo e logo nesse limbo. Devia ter ouvido o padre Simão na missa semana passada, mas preferi ficar no estacionamento tentando convencer o pipoqueiro a me dar pipoca de graça. Será que eu morri?

Lá embaixo era uma coisa bem esquisita: um misto de praça e bosque? Nunca imaginei Fortaleza assim antes. Devia ter sido bem legal viver aqui quando essa praça foi posta de pé. Talvez não, porque não tinha computador naquela época. Será que já tinha telefone. Ouvi falar que estão criando um telefone portátil nos Estados Unidos. Já vi nuns filmes, mas ainda não sei se é de verdade.

Bem, de onde estava, no segundo piso, eu conseguia ver que atrás de mim tinha uma fonte na parede. Um filetinho de água jorrava da boca de um bicho que parecia um tigre, mas eu estava com medo de chegar mais perto para olhar

bem e ter que responder algo para não ser devorada. Que horror! Na minha frente: quatro entradas formadas pelas árvores. Elas subiam com folhas esquisitas se entrelaçando até o alto, formando corredores. Dentro deles, pelo que pude ver já que tudo parecia brilhar levemente, existiam bancos de madeira como os lá de cima. Eu deveria ir por qual deles? As escadas rangeram acima da minha cabeça e eu escutei uma vozinha esganiçada dizendo:

- Pronde a galeguinha vai?

E meu Deus! O gato falava mesmo! Não consegui prender o risinho.

- Sai daí ladrãozinho de bife!

- Não vai sozinha, Ariadne – disse a menina que me salvou. Acho que devia dar ouvidos a ela.

- Tudo bem. Mas não me disse qual seu nome.

- Áquila.

- Prazer. Por onde acha que devemos ir?

- Como consegue se sentir em paz estando nesse lugar?
- minha nova amiga quis saber. Gostei dela, pois parece ser das minhas. Gosto de amigas e amigos de todo o jeito. Não me importo se são pobres ou coisa assim.

- Rapaz, pra te dizer a verdade...

- Não sabe, né?

- Aham.

Decidimos que iríamos pelo caminho da ponta esquerda depois de uma breve conversa. Apesar de não ter mar por perto o cheiro de maresia era muito forte por ali depois que entramos naquele bosque-praça. Andamos um pouco e então:

- Está ouvindo? – Áquila me perguntou, mas eu não

consegui ouvi nada – parece um monte de gente choramingando. Mas parece que é bem longe daqui. Lá em cima – e apontou para a parte de onde viemos.

- Esse lugar é sinistro mesmo.

- Cadê o gato?

Olhamos ao nosso redor, o bicho tinha dado uma sumida. Mas Áquila percebia as coisas com um olhar bem rápido e logo o encontrou mais atrás no corredor de árvores e bancos. O rabo em riste balançando de um lado para o outro, como se brincasse com algo. E quando nos aproximamos ele pulou de ré! E, por entre os galhos e troncos, alguma coisa se espremia pra sair de lá. Um cipó de árvore parecia se mexer. E por fim descobrimos, para o meu grande pavor, o que na verdade o cipó era a cauda do maior rato que eu já tinha visto na minha vida!

- NÃO ERA ESSA CATITA QUE EU ESTAVA PENSANDO! NÃO COMO GUABIRU!

A ratazana era maior que um cachorro. Minha única reação foi correr em direção ao final daquele lugar. Eu corri sem pensar em ninguém, pois eu estava desesperada.

Parecia que quanto mais eu corria mais o corredor folhoso se estreitava. Olhei rapidamente para trás e vi Áquila correndo, o gato passou por debaixo das minhas pernas. As coisas passavam zunindo por mim, era como se os troncos e galhos estivessem vivos e correndo juntamente conosco.

Quando chegamos ao que parecia ser o final do lugar, era como se fosse sem saída. Só existia um pequeno buraco por onde o gato se jogou habilmente e passou para fora. Eu e Áquila estávamos encurraladas. O rato grotesco e cinzento babava. Mas mãos frias e duras nos puxaram para fora por



entre os galhos, troncos e folhas que proibiam nossa passagem. Mãos frias que nos salvaram do guabiru.

Fomos puxadas para fora do lugar. As folhas, cipós e galhos foram forçados a nos deixar passar e reassumir sua posição. O rato ficou lá, preso. E então vimos nossa salvadora. Outra estátua. Era uma estátua de mulher, muito bonita, um pouco maior do que eu. Os olhos de pedra pareciam felizes em nos ver. Os cabelos modelados na pedra eram cacheados como os meus e os de Áquila. Por detrás dela existia um pequeno pilar escrito VESTA, de onde ela deve ter saído. O gato se lambia lá em cima calmamente.

Ao redor do pilar existiam duas escadarias que levavam para um andar abaixo.

- Sempre sei achar as minhas filhas. – disse a estátua. Sua voz era quente e acolhedora – Elas sempre carregam fogo dentro de si. Meu pater nas estrelas ordenou que o tempo se modificasse e pude ver e falar. O que buscam aqui?

- Prometeu – disse Áquila ofegante – Prometeu disse que deveríamos achar Netuno!

Pude notar que a tal da Vesta fechou o rosto, uma expressão dura de estátua.

Acredito que não gostou muito de ouvir o nome do tal Prometeu. Realmente...

- Quem é esse? – cochichei olhando para Áquila e ela me respondeu o cochicho dizendo que era outra estátua, lá de cima. Comecei a desconfiar de estátuas a partir daí.

- Ouvir o usurpador pode ser um erro sem volta, minha querida filha! Por que seguiria seu conselho? – a voz agora era fria.

- Infelizmente foi o único que me foi dado. Estamos

presas nesse lugar. Ele falou sobre tempo e disse que a árvore lá de cima acatou uma ordem das estrelas. Preciso voltar para casa. Minha mãe deve estar preocupada. – Águila falou ainda sem fôlego.

A estátua de Vesta se afastou um pouco de nós e nos deu as costas cerimonialmente. Em seguida sua voz pareceu ressoante, por mais que não estivesse falando alto.

- De onde está não pode mais voltar. Mas se deseja seguir em frente e falar com Netuno, desça as escadarias. Mas advirto! O mar nos prega peças e se enfurece rapidamente. – e calou-se.

- Então podemos descer as escadas? – perguntei. Não obtive resposta. Acredito que naquela hora ela se zangou com o Prometeu.

Andamos e passamos por ela. Ela estava imóvel. Agora realmente era uma estátua. Não se moveu um milímetro sequer quando passamos por ela. Nos adiantamos atentas até as escadarias e vimos que o Passeio terminava daquele ponto para a frente.

Era uma praça quadrada que nos esperava lá embaixo, menor que as duas pelas quais passamos. Todos os bancos se voltavam para uma magnífica estátua de um homem velho e musculoso empunhando um tridente. Estava em pé, imponente, em uma fonte de águas cristalinas. A mesma luminosidade que enchia os outros dois locais anteriormente também estava ali. Olhei para Águila que me encarou de volta. Parecia que ela conseguia ver por dentro de mim.

- Você vai descer?

- Sim - ela me respondeu – acho que não podemos ficar aqui para sempre.
- Aparentemente não tem outro jeito, suas lesadas!
- Cala a boca, gato! – dissemos juntas

IV

Então eu e Ariadne descemos as escadarias em direção ao terceiro piso do Passeio. Lá embaixo conseguíamos ver a estátua de Netuno. Sabíamos que era essa a estátua porque não existia nenhuma outra por lá. De onde estávamos para a estátua não deveria dar mais do que cinco metros. Dava pra ver a expressão de Ariadne. Ela estava espantada. Eu dei o primeiro passo, ela ficou parada, mas em seguida me acompanhou um pouco mais atrás. O gato aparentemente nos deixou de lado. Continuou no alto da escadaria nos observando de onde Vesta deveria estar. O caminho que levava até a estátua não era longo, mas pareceu. Os olhos cinzentos da estátua de Netuno eram frios e nos encaravam. Dava medo. Também não sabia o que tinha que fazer ali; se deveria falar com ele ou se deveria esperar que falasse comigo. Sua pose era de comandante. O Passeio era dele. Éramos intrusas, mas mantive o olhar decidido e caminhei.

Chegando à fonte onde ele estava parado olhei de relance para trás e vi Ariadne.

Ela estava parada a alguns passos de mim, os braços unidos ao corpo de tanto medo.

Dei uma rápida olhada ao redor, tudo era simples. Uma mureta separava aquele piso do mundo inexistente do lado

de fora. A estátua até que era pequena, mas sua expressão espantava facilmente pela severidade. Ainda acho que era um sonho, talvez.

Rapidamente a estátua se moveu! Tridente em ris-te! Não tive reação. Escutei os passos destrambelhados de Ariadne bem atrás de mim e então tombei no chão. De dentro da fonte de Netuno a água se removia como se fosse uma versão minúscula do mar.

- O senhor das estrelas ordenou e a árvore da terra-mãe resplandece sua vontade aqui! - e sua voz era como a de muitas ondas explodindo na orla. Estremeci. Era como se se avolumasse enormemente na minha frente – O que faz aqui?

- Preciso sair do Passeio!

- Então que sua sede seja saciada em águas que nem mesmo o senhor das estrelas controla! - e baixando o tridente em direção ao fundo da fonte fez com que ribombasse o som que se escuta das ondas quando se está debaixo da água do mar. Um tsunami saiu da pequena fonte.

As águas da fonte jorraram lá de dentro como grandes lençóis esverdeados. Em questão de segundos eu estava completamente engolida por elas. A água me remexia de um lado para outro naquele turbilhão. Tentava prender a respiração, mas a água fazia força para entrar pelo meu nariz. No redemoinho pude ver Ariadne também apanhada.

Em poucos momentos des acordei.

Quando recobrei a visão acreditei que estava cega. Não era uma cegueira escura – era clara. Era luz do dia. Sol quente torrando meu pescoço. Eu estava emborcada na areia da praia, completamente encharcada. Atrás de mim o



mar. Meus cabelos repletos de areia caíam pesados por cima do meu rosto e enquanto tentava me levantar senti que uma mão me ajudava. A primeira coisa que enxerguei foram longas roupas com as barras molhadas pela água da praia. Fiz força para me por de pé, erguer a cabeça e poder agradecer a ajuda que recebi.

Encontrei comigo mesma, com roupas longas e pesadas. Roupas antigas. Me encarei por infinitos segundos tentando pensar se me via realmente ou se tudo aquilo não passava de um espelho. Encaramo-nos incrédulas. As mesmas características: olhos negros, cabelos indomáveis, cicatriz na testa. Prometi a mim mesma que quando acordasse não deixaria de ir à missa todo domingo.

Se era um sonho ou não, eu poderia pelo menos fazer uma pergunta a mim mesma:

- Em que ano estamos – e minha voz saiu como se fosse uma caixa muito pesada sendo empurrada para cima por muitas pessoas.

- 1888. – eu mesma me respondi do outro lado.

BORDANDO A VIDA

*Rebeca Pierre Oliveira*²²

06h da manhã de uma segunda-feira quando Márcia, ainda acordada, planejava em silêncio como seria mais uma semana. Seu marido morrera recentemente, deixando na responsabilidade da esposa três filhos e uma saudade que, quando não cabia no seu peito, externava pelos olhos. Carlos trabalhava como pedreiro e foi vítima de um acidente de trabalho. Ele se distraiu por alguns segundos e caiu drasticamente do andaime da construção em que estava trabalhando, o homem ainda ficou alguns dias no hospital, mas infelizmente não resistiu.

Passados alguns meses do desastre, Márcia foi despedida com as crianças da humilde casinha onde moravam, por falta de pagamento. A mulher se viu desesperada sem ter para onde ir, foi quando conheceu Sônia, uma simpática senhora que morava no centro de Fortaleza e que a levou para trabalhar em sua casa. Sônia era também viúva e vivia apenas de uma pequena pensão que o marido deixara e de seus artesanatos, o que não era muita coisa, mas dava para o sustento.

²² É graduada em Língua Portuguesa e Literatura, redatora e escritora. Nasceu em Fortaleza, onde mora desde cedo. Durante a adolescência, gostava de ler autores regionais e foi na disciplina de Literatura Infanto-juvenil que descobriu o desejo de colaborar na escrita de um livro. No ano seguinte, após ter finalizado a disciplina, iniciou o projeto de publicação de uma coletânea juntamente com outros colegas de turma.

Sônia era conhecida por ser uma das principais artesãs da região, tinha feito do artesanato uma forma de reexistir. A mulher tinha um olhar de coragem e gostava de sentar ao fim da tarde na calçada em sua cadeira de balanço, acompanhada por sua xícara de café e por suas linhas de bordado de inúmeras cores, as quais ela usava para bordar lençóis, toalhas, colchas. Todas as pessoas que por ali passavam, cumprimentavam Sônia e contemplavam a calma que transpassava seu rosto e os seus fantásticos movimentos com as mãos. Não tinha ninguém a quem Sônia não chamasse a atenção com suas belas linhas coloridas dando novas formas aos seus tecidos de onde logo nascia um belo bordado.

Márcia ajudava-a em seus afazeres domésticos e no que mais precisasse. Os filhos de Márcia moravam com elas e estudavam no Liceu do Ceará, uma escola que ficava próxima a casa. Márcia admirava muito Sônia por ser uma mulher de garra tão batalhadora e por sempre procurar ver as coisas do melhor ângulo. Ela achava os bordados de Sônia lindos e ficava extremamente encantada com a paixão com que a mulher produzia tudo; passava horas e horas observando como ela fazia aquilo. Sônia percebeu o interesse de Márcia pelo bordado e então perguntou se ela gostaria de aprender a fazê-lo também. Márcia sem pestanejar respondeu que sim. Sônia tinha Márcia como uma filha que a vida não lhe concedeu e fazia sempre questão de lhe ensinar tudo o que sabia. De repente estavam bordando juntas.

O tempo passava, a cidade crescia e a procura pelas belas peças de artesanatos que as mulheres faziam começou a ser constante não só por moradores da região como também

por turistas. E foi aí que as mulheres viram a oportunidade de expandir o negócio e montaram uma belíssima loja no mercado central. O estabelecimento começou pequeno e em poucos meses já era uma dos maiores do mercado central.

Márcia e Sônia saíam de casa às 6h da manhã para construir juntas o sonho de levar suas obras feitas à mão para o mundo. Mesmo cansadas pelo trabalho exaustivo, tudo valia a pena no final do dia quando os clientes se mostravam satisfeitos com o artesanato genuinamente cearense.

Márcia, feliz pelos rumos que a vida tinha tomado, abria um sorriso todas as vezes que o cliente levava um pedacinho do Ceará para casa e sentia um fraterno sentimento de gratidão por Sônia, que foi a responsável por lhe mostrar a beleza do trabalho feito à mão. Sônia, que muitas vezes se viu perdida e sem companhia, encontrou em Márcia uma fiel escudeira para realizar o que de mais bonito sabia fazer.

As duas mulheres, que na época nem sabiam o que era o significado de sororidade, exemplificaram muito bem em atitudes o que isso representa e fizeram do artesanato não apenas um meio de vida, mas uma forma de amar.

O CASARÃO

Maria Mirela Furtado de Castro²³

O conto abaixo é uma homenagem ao meu pai, Moacir Carneiro de Castro, homem íntegro, simples, humilde e admirável. Criou juntamente com sua esposa, Maria Lucileide Furtado de Castro, seus três filhos. Sempre viveu e vive até hoje da agricultura. Esse conto é baseado em uma, das tantas histórias que meu amado pai contava embaixo do alpendre de nossa casa, durante as noites, à luz das lâmparas, com vista para o céu cheio de estrelas e a lua, onde as conversas e risadas iam até tarde, e onde eram relatadas histórias simples, porém tão mais importantes e atrativas

23 Nasceu em Fortaleza dia 25 de abril de 1995. Alguns dias após seu nascimento voltou com seus pais para Trairi, Ceará, terra natal de seu pai. Aos 13 anos de idade, visando melhores oportunidades de estudos, resolveu se mudar para a capital Fortaleza, e morar com sua irmã mais velha. No início foi difícil se adaptar a cidade grande, e ao ambiente completamente diferente do que ela vivia antes. No interior, estudou em escola pública onde o ensino era precário e as condições estruturais da escola eram de muita simplicidade. Ao chegar na capital, sua irmã a colocou em uma escola particular onde a qualidade de ensino e o dia a dia era extremamente diferente do que ela estava acostumada. Sofreu muito para acompanhar a turma, pensando algumas vezes em desistir. A única disciplina que ela conseguiu rapidamente acompanhar sem grandes dificuldades foi a disciplina de Redação, pois já tinha o costume desde os 8 anos de idade, escrever histórias, o que facilitou seu desempenho nessa área. Felizmente, com o passar de um ano, tudo começou a melhorar, conseguindo se igualar em desempenho com seus colegas de classe escolar. Ao término do ensino médio, ingressou na Universidade Estadual do Ceará, onde se formou no ano de 2019 em Letras Português/Literatura. Sua trajetória dentro da universidade foi de grande aprendizado, sempre preferindo as matérias onde poderia, por meio da escrita, revelar seu eu, seu imaginário e sua visão sobre os acontecimentos do mundo.

do que qualquer filme, novela ou programa de tv em nossa televisão a bateria. Sim! A bateria. Até meados de 2004 ainda não tínhamos energia elétrica em nossa casa. E, mesmo depois que chegou eletricidade em nossa localidade, as histórias de meu pai nunca perderam o lugar para a televisão.

Perto de um rio existia um casarão muito antigo... ele estava abandonado há mais de 30 anos. As pessoas daquela região, situada à beira do rio Mundaú, comentavam que o casarão pertenceu a um major do exército, um homem muito rico que falecera de uma doença grave, e que desde então sua família mudara-se para a capital e nunca mais se tiveram notícias dela.

O casarão vivia cercado de mistérios. Diziam que o espírito do major ainda pairava por lá. Durante a madrugada, sempre às três da manhã, ouviam-se lamentos combinados a estrondos de coisas que se quebravam, como se algo as jogasse ao chão.

Ouviam-se também os passos apressados de alguém que subia e descia as escadas:

BUM, BUM, BUM...

Pelo fato de estar abandonada há mais de três décadas, a casa naturalmente cercou-se de um matagal pesado. As pessoas morriam de medo de passar por ali, fosse dia ou fosse noite.

Certo dia, chegaram àquela região dois rapazes destemidos. O mais velho chamava-se Manuel e o mais novo, Moacir. Ambos eram irmãos e estavam ali de passagem. Tinham vindo deixar parte de seus rebanhos de gados na área litorânea, pois ali ainda existia bastante pasto e no sertão estava tudo muito escasso por conta de uma seca bem rigo-



rosa.

Os dois ficaram dormindo na casa de um tio, que por acaso ficava próxima ao terreno onde se encontrava o casarão. Durante a madrugada de sexta para sábado, um dos irmãos, o mais velho, teve um sonho revelador e misterioso em que lhe apareceu a alma do velho major. No sonho, o senhor major lhe revelava um segredo: “Rapaz, se um dia já teve vontade de ficar rico, a hora é essa. Venha até meu casarão e procure próximo ao sétimo tijolo, perto da escada. Lá poderá encontrar enterrado um baú com várias moedas de ouro e prata. Mas, escute bem, você precisará se esforçar o máximo que puder para achar. Acredito em você e será através de seu esforço que finalmente poderei descaçar em paz”.

Manuel acordou de repente e bastante assustado. Assim que abriu os olhos, já foi logo revelando ao seu irmão, Moacir, tudo que havia se passado no sonho. “Manovéi, tu tem coragem de ir procurar mais eu?” Moacir, respondeu: “Ora, sim! Vamos, e é agora!”

Ao amanhecer, os dois arranjaram os objetos necessários e, depois disso, só tinham que esperar anoitecer. A noite caiu e os dois saíram em busca do objetivo.

Chegando lá, procuraram exatamente o lugar onde a alma havia orientado. A casa tinha um ar fúnebre, a família fora embora após a morte do anfitrião e deixara tudo, levando somente as roupas. Dentro da casa, os morcegos haviam tomado conta do espaço.

Os dois cavaram, cavaram e cavaram, porém não obtiveram êxito. Desistiram e saíram do casarão, chamando a alma do major de mentirosa. Anos depois os dois ouviram

falar em uma conversa que correu naquela região de que um casal de retirantes havia encontrado um baú cheio de moedas dentro daquele casarão, mas estes passaram três noites cavando, cavando e cavando para no final conseguirem.

O detalhe que diferenciou e que impediu os dois irmãos de acharem o tal baú foi que eles cavaram superficialmente, já o casal cavou o mais profundo que puderam. E com todo esse esforço acharam o que procuravam e fizeram com que o espírito pudesse descansar em paz. E seu tesouro ficou nas mãos de quem realmente lutou suficiente para o ter.

Moral: A influência através da luta e da perseverança de um pode trazer luz e paz na vida e na alma de outro. Isso se chama inspiração.

UM SER TÃO ILUMINADO...

*Saldanha Diógenes*²⁴

– Como é difícil, meu Deus, enxergar a luz! Dá a luz neste sertão!

– A gente anda léguas a pé, neste sol de rachar o juízo! Ainda bem que seu marido me levou uma montaria, eu não ia aguentar o calor e a distância. – Disse Natália, subindo os degraus do alpendre e se direcionando para o interior da casa.

– Sou muito agradecida à comadi, por atender ao meu chamado. – A voz trêmula, o olhar caído, demonstrava uma fraqueza excessiva, amanhada de uma noite longa de calvário que o semblante não negava. – Não queria ter menino fora de casa. A maternidade de Jaguaribe... Sabe como é!

– É, mas mesmo com minha ajuda, você, assim como as outras mães, corre um grande risco, eu preciso me espe-

²⁴ É professor de Língua Portuguesa e Literatura, poeta e escritor. Nasceu na zona rural, na divisa dos municípios Jaguaribe e Jaguaribara no Ceará. Mora em Fortaleza DESDE 1987. É graduado e pós-graduado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) no curso de Licenciatura em Letras Português. Foi na disciplina de Literatura Infanto-juvenil que descobriu o desejo de escrever um livro. Publicou o livro é tempo de pensar poesia e o livro infanto juvenil “ O menino de tranças”. Ele foi convidado pela professora Sayure Matsuoca para dar início de um projeto de publicar uma coletânea com outros escritores, que estão reunidos nessa coletânea...neste Livro ele retrata a vida de uma parteira, com o conto um sertão iluminado. O autor sonha em publicar outras obras como poemas, livro infantil, romances e outras histórias.

cializar. — Amanhã mesmo eu vou procurar o Dr. Campelo na cidade, eu ouvi dizer que ele vai ensinar um curso de parteira no hospital dele, que é o único deste interior.

— Mas antes, cumade, faça meu parto! Pelo amor de Nossa Senhora das Candeias. — pedia a buchuda, com os olhos lacrimejando de dores e espasmos.

— Esse menino só nasce amanhã antes do raiar do sol!

— Como a senhora confirma isso? — perguntava duvidando e ao mesmo tempo admirada.

— O exame que eu fiz! Amanhã muito cedo, Ziza, você trará essa criança ao mundo! Essas dores que está sentido, eu tenho certeza que seu parto será normal. Não precisa se preocupar, não é caso para procurar um médico.

— Eu confio na senhora, pois é muito conhecida. Andam falando que a senhora é a melhor parteira deste lugar!

— Esse povo fala demais! Existem outras como eu. E não sou tão boa assim, tanto que vou pedir ajuda. Preciso de um diploma!

— E como a senhora vai fazer isso! Com que tempo? A senhora com a casa cheia de meninos!

— Eu dou um jeito! Deixo todos com a minha filha mais velha! — Dizia ela, com os olhos brilhando de orgulho — Socorro é uma moça muito prendada, muito responsável, sabe cuidar dos irmãos e da casa.

— E seu Dió permitirá que a senhora tenha essas aulas? — Com muito espanto, questionava Ziza.

— Para minha e para a segurança dessas mulheres, eu não posso negar, eu preciso, nem que para isso, tenha que enfrentá-lo. E amanhã, quando eu chegar, eu trato desse assunto!



A noite passava lentamente, parecia não ter fim. A parreira pedia que deixasse uma panela d'água sobre o fogão à lenha que poderia precisar. Enquanto isso, ela retirava de sua pequena bolsa de palha, a tesoura para esquentar, pois iria precisar para cortar o cordão umbilical. Alguém a oferecia a janta e logo mais tarde, a merenda, um chá de cidreira ou até um caldo de caridade feito com manteiga da terra se preferisse.

Ela agradecia a hospitalidade, parecia estar mais cansada do que com fome. Precisava só se assear e trocar aquele vestido de algodão antes de comer, depois descansar para o grande momento. Um banho naquele instante era essencial para tirar o enfado e a poeira que acumulava sobre suas pernas brancas. Ao entrar naquele compartimento, foi se deliciando ao conforto da casa, da água fria, e se refletia naquele pedaço de espelho, era uma casa diferente da dela que nem cimentada era. Da cozinha, ouvia-se o barulho da lata arrastando no fundo do pote e a água caindo no chão. Quando saiu, estava renovada! Nem parecia aquela que chegou toda assanhada. Penteou-se com aquele pente que usava também para prender o cabelo. Caminhou até a porta escancarada e com os olhos atentos observou a lamparina entristecida, o querosene ou o pavio estava no fim.

A escuridão dificultava enxergar a luz do caminho, os móveis e até as pessoas. A brasa do fogão a lenha ainda estava acesa. Alguém pedia para atiçá-las. Na sala, só se ouvia a voz do Compadre Chico a conversar com um amigo e do quarto o gemido de dores da buchuda. A notícia corria por toda redondeza. O marido continuava lá fora - só podia entrar no quarto em caso de emergência. Todos ali estavam

ansiosos, inclusive Natália que se prontificou em cuidar da futura mãe e do recém-nascido. Após o jantar, foi até o quarto e fez novos exames naquela mulher que não parava de elogiá-la.

A casa vai dormir e, ao quebrar da barra, como havia previsto um menino forte e avermelhado veio ao mundo, são e salvo. Não deu muito trabalho, mas precisava alertar a comadre sobre certos cuidados antes de voltar para casa. Mesmo cansada, ela não esperava estar a duas horas de outro parto em um povoado chamado Vileta. Mal pusera a criança para mamar, atendeu o comunicado. Nem pensou duas vezes – despediu-se da família, fez recomendações à Ziza e foi. Subiu no lombo do cavalo emprestado, às pressas, queria chegar antes do sol esquentar e queimar sua pele clara. No caminho o chicote apressava o animal, que galopava e rinchava o tempo todo.

Quando chegou, viu que se tratava de um caso complicado, horas de espera, a mãe já estava sem as forças e sem esperança de expulsar o filho, passava mal, suava frio, desvanecia. O homem estava mais nervoso do que as duas, era seu primeiro filho.

Entrava e saía, se pisando todo, coçava a cabeça, olhava para a estrada, rezava uma reza sem início, meio ou fim. No alpendre que mais parecia uma latada, ele tentava buscar forças para suportar aquele momento. Ajeitava a gola da camisa de volta mundo, e apertava um cigarro pé duro. A parteira o chamava no canto daquela humilde casa de taipa e o alertava do problema e da fumaça que atrapalhava a respiração da grávida.

Naquele momento caberia buscar ajuda de um especia-



lista. A cidade era muito longe, e as dificuldades eram tantas que não tinha como pagar Mané Bilau para transportá-la até a maternidade em sua rural. Ninguém ali possuía recursos, nem sequer haviam comprado os cueiros da criança. A pobreza tomava de conta daquele cenário, tristes condições. A buchuda deitada no chão batido, numa cama provisória forrada com umas tangas de redes, pedia que a salvasse. Em um total desconforto, aquilo incomodava a todos que depa-rasse com a cena. Depois de muitas rezas, promessas, mas-sagens, e chá de gergelim, a criança veio ao mundo. Estava laçada com o cordão umbilical, estava roxa e foi preciso levar algumas palmadas para chorar. O homem inconscientemente de suas atitudes invade o recinto e percebe que a recém-parida desmaiara. Sem forças para acudir aquela mãe, a criança é levada pelo pai. Por quase muito pouco essa história não foi contada com lágrimas. Aquele homem se contentava ao perceber que nascia daquele ventre o varão que tanto sonhou e sorrindo volta com o filho para o primeiro colostro. Ali, a parteira anunciava que seria preciso alguns cuidados e pedia que desse o nome de um santo, “Antônio”, caso contrário, morreria queimado antes dos sete.

Após alguns conselhos, Natália se aprontava para voltar, o homem prometia lhe presentear quando apanhasse a colheita do feijão plantado na vazante, naquele momento só restava agradecer por ter salvado a esposa e o filho. Isso já renovava a alma da parteira que era levada de volta por ele aos pinhões.

Quando chegou a alguns metros da casa, quase ao anoitecer, soube que o marido estava uma fera, fazia um dia e meio que não dava notícias, longe dos afazeres da casa e dos

filhos. Ela surge com presentes que ganhou do compadre Chico. Não trazia nada de muito valor, nem sequer cobrava por essa ação tão humanitária.

O homem que ali se despedia pedia novamente desculpas por não ter condições de pagar o que fizera por eles. Ela com seu jeito simples e um belo sorriso no rosto fazia uma reflexão que não se preocupasse, pois tudo o que fez, faria novamente pelo bem estar dos outros. Isso era algo que uma mãe devia fazer sempre, independente que fosse pobre ou rica. — disse ela ao se despedir do homem na porteira da fazenda.

Já estava escurecendo, o sol se escondia rapidamente na linha do horizonte, os urubus que costumam cedo pairar sobre as carniças, voavam distantes como se no pulso tivesse um alarme gritando o fim do dia. Foi quando Natália adentrou a sala, desconfiada, acendeu a lamparina enquanto passava os olhos ao redor. Visualizou-o sentado. Em uma preguiçosa, o marido trincava os dentes, mordida os lábios.

Permaneceu ali próximo, resmungando até cansar, pois ela só dava atenção à criançada.

Foi para o terreiro, Dió, com a chibanca na mão, lascava numa pedra, ora aqui, outra ali, para desaguar toda a raiva que sentia, continuando a resmungar ao vento, xingava o cavalo, amarrado a um toco, ali bem próximo. Ainda muito chateado, mas com maior calma, vinha pigarreando e cuspidando no chão, caminhando sala adentro.

Não se contentando que ela não tivesse dado ouvidos, tornou a fazer pergunta, por cima de pergunta, sem ao menos esperar ela responder.

Ela estava com os olhos murchos de sono, porém, ar-



regalados de medo, a cada passo que ele dava pra frente, ela recuava para trás. Os braços tremiam, mas no fundo sabia que precisava desafiá-lo. — Dió, perdoe não ter chegado antes, você sabe que eu vim ao mundo pra dar a luz nesse sertão — pausadamente ela falava, tentando respirar fundo e enxugando as lágrimas — você sabe que não tive a mãezinha, deus que guarde essas crianças que estão vindos, para que não perambulem como eu perambulei. — Porém, subitamente ela enxuga as lágrimas no vestido ainda sujo de sangue, pois ao lembrar de que carregava mais uma criança em seu ventre, que em breve, ia trazer felicidade a casa, se acalentava, e assim tentou o convencer mais uma vez — Além de tudo, preciso aprender mais sobre a arte de partejar com o Dr. Campelo na cidade, pois logo também vou precisar, para dar luz a mais um menino.

Diante daquela situação, o marido sentiu-se afrontado, nem sequer deu ouvidos que em breve nasceria mais um descendente. Ele Saiu furioso soltando fogo pelas ventas e foi dividir suas angústias, seus medos e suas dúvidas com o filho mais velho que morava ali por perto.

Quando voltou, já a encontrou dormindo. Aquela noite não teve fim, a raiva tomava conta do seu temperamento. Dentro dele, rolava um sentimento de proibição, de vergonha, de remorso, mas não chegava a uma conclusão. Não queria encará-la na manhã seguinte.

Antes de o sol raiar, como era de costume, ela estava de pé para fazer o café adoçado com rapadura, ligava o rádio, para quem sabe ouvir uma música de Luiz Gonzaga e até os noticiários sobre o arrombamento da barragem do Orós. Logo depois, procurava o marido pela casa inteira, pois já

tinha ganhado o mundo. Devia ter ido à casa da mãe Chiquinha que ficava lá no alto por traz do juazeiro. “Uma hora ele aparece” disse ela! E apressada voltava a fazer a luta que devia terminar antes que o carro da feira passasse. Era sábado, tinha que fazer a feira e conversar com Dr. Campelo a qualquer preço.

Tempo depois, o marido voltava já arrependido para casa e para o abraço da companheira, mas ao saber que ela tinha ido à cidade, os fantasmas voltavam a atacá-lo.

“Não vou permitir mulher ‘minha’ fazer curso em hospital nenhum”! E foi em cima dos pés até a BR 116 buscar a esposa, nem que fosse contra sua vontade.

De longe, ele gritou pelo nome dela por diversas vezes, isso foi em vão, o pau de arara que subira sumia na poeira e no alto do morro. A cunhada que presenciou a cena deu conselhos sobre a importância daquele curso, confirmando que alguém ali precisava ajudar as mulheres daquele lugar. Essa era sua missão, já tinha perdido muito nessa vida.

Ele ficou meio entalado, mesmo sendo por uma boa causa, permaneceu muito tempo calado. Tinham muito que conversar quando ela voltasse.

Lá pelo fim da tarde, Natália voltou decidida que não iria mais fazer o curso de enfermagem. O motivo, agora, era a falta de dinheiro. Não tinha de onde tirar dez cruzeiros, quanto mais aquele valor exorbitante! Passou a noite preocupada, procurando uma solução para conseguir a quantia. Naquela noite, ela chorou, não dormiu e nem conversou com ninguém. Sentiu-se impotente. O marido ficou preocupado, pois não imaginava que isso era tão intenso para ela.

Dali em diante, ele resolveu não mais se meter nos as-

suntos dela. O que ela decidisse estava decidido. Sua voz tinha vez! O que ela dissesse, a partir daquele momento, seria uma regra, sabia que esse sonho era para o bem de todos. Embora ele ficasse calado, embora ninguém soubesse dos seus sentimentos, o que passava dentro dela, ele sabia.

Não sabia ainda como e quando iria começar o curso de enfermagem oferecido pelo hospital Campelo, dinheiro não tinha, nem tinha o que vender, nem quem pudessem emprestar. Surgiu a ideia de escrever ao filho que morava na capital, pedindo ajuda.

“O curso duraria semanas, este abrangia vários aprendizados, além de fazer partos, iria aprender a fazer curativos, soro caseiro, dar injeções, verificar pressão, além de outras experiências. Sabia que poderia adquirir tudo isso com o Dr. Campelo além de administrar receitas e bulas de medicamentos.” Escreveu na carta, a filha letrada.

— Agora, sim serei uma profissional com diploma. Se meu filho receber essa carta. Eu Poderei exercer minha profissão com segurança! Tomara Deus, que ele possa pagar!

(...)

Foram dias de espera. Toda tarde, apreensiva, ela ia à parada esperar o ônibus de Chico Moura que nenhuma encomenda trazia. Na semana seguinte, já tinha perdido as esperanças, quando de longe os faróis do ônibus acenavam a luz alta, que era uma forma de avisar boas notícias ou de encomendas trazidas da capital. O motorista entregou um envelope, contendo só as saudações, nada mais que isso.

— Ele não mandou um dinheiro para mim?

— Só isso! Respondeu friamente Chico.

Agradeceu ao motorista, atravessou a rodovia em pas-

sos lentos e cuidadosamente, fechou a cancela. Abriu a carta lentamente, levou-a aos olhos, e começou a ler, tinha enorme dificuldade para entender o que ali dizia. Leu do jeito dela, a ansiedade fez com que engolisse algumas palavras. E nesse momento, uma frase a deixava, confusa. “justamente o valor que precisava deu à Raimunda”. Ela nem sequer virou o verso da carta para continuar. Guardou-a em um dos bolsos daquele vestido florido e meio desbotado de tão velhinho que estava. Chegou chorando a casa, mas não desistiu de sonhar. Naquele fim de tarde não quis conversar com ninguém. Seus pensamentos voavam longe, tão longe que nem mesmo os pássaros que avistava podiam alcançar.

No outro dia, ao amanhecer, se preparava para ir à feira e não voltaria sem uma solução. Estava disposta a pedir dinheiro emprestado para fazer o curso, mas seus conhecidos negaram emprestar. Ao chegar à bodega no mercado central teve uma grande surpresa, dava de cara com a sobrinha que morava na capital. As duas saíram a conversar e sem imaginar era levada por Raimunda a um particular longe dali.

Tia e sobrinha falavam sobre os sonhos, enquanto Natália queria se especializar em enfermagem, a sobrinha era interrogada como passara na capital. Aquele encontro foi proposital. Raimunda levava a tia ao hospital para fazer a matrícula tão desejada.

O responsável por tamanha felicidade era o filho, dizia a sobrinha cheia de emoção. As duas se abraçaram e logo, direcionaram-se a uma moça que conferia o montante atrás do balcão.

(...)

Infelizmente, o valor era insuficiente, dizia a recepcio-

nista, pois não cobria os custos dos materiais necessários para fazer o curso. Só era possível fazer os procedimentos da matrícula com o valor integral. Complementava a atendente.

Quando as duas vão saindo para providenciar o restante do dinheiro, o Dr. Campelo adentra ao hospital e esbarra com elas e reconhece Natália...

O Médico a pega pela mão e a leva para conhecer o hospital, a equipe que a ajudaria em todo o seu aprendizado. Ela se mostra tímida, estranha aquele mundo, reparava todo o luxo em volta, a higiene, os móveis, os leitos, parecia muito distante daquela conversa, não se sentia confortável, não se via mais ali.

Ao falar do problema ao médico, ele autorizava naquele instante, a funcionária a entregar todo material necessário do curso, que se responsabilizaria pelas despesas, caso ela não pagasse. Ali, ele se mostrou um grande amigo, um homem preocupado com a saúde do povo. Como forma de agradecimento Natália o abraçava e com os olhos cheios de lágrimas encurtava a fala: “Deus te pague”!

As duas (sobrinha e tia) radiavam de alegria aquele ambiente. Agora só restava convencer o marido... Foi em casa, e juntos a pedido do médico, voltaram à cidade antes do anoitecer... O que ele não esperava era ser cobaia da própria mulher que injetava pela primeira vez um remédio para combater uma forte pneumonia. Naquela noite, o trabalho foi intenso e, para quem a esperava, parecia uma eternidade, mesmo em cima de um leito, Dió queria estar em casa. Estava a odiar aquela situação. E detestava quando ela saía à noite para partejar as amigas.

(...)

Semanas depois e com o diploma na mão, surgem aos quatro cantos os bons falatórios, muitos passaram a confiar ainda mais na profissional que tornara. Natália passou a ser conhecida como mãe, como tia e logo recebeu o apelido de “a mão leve”, pois diziam que ninguém sentia a dor da injeção, por mais que doesse.

A fama de ótima parteira espalhou-se pelas redondezas. Por todo o lugar, era a mãe Natália. Aos poucos foram os chamados, os casais já não buscavam mais a maternidade na cidade, começou a jornada dessa profissional de casa em casa. Muitas crianças vieram ao mundo por meio dela. Muitos Antônio, Francisco e Raimundos, Marias, José, Edmundo, Luís, Geraldos, nomes inventados, nomes de princesas, de santos, de heróis e até de jogadores falados.

— E cada um deles me respeita, onde eu estou sou abraçada com carinho. Dizia ela cheia de orgulho da profissão que escolhera.

Nasceu muita gente por este sertão iluminado, sertão de veredas, de variados nomes como Riachão, Riacho da Manta, Flores, Fechado, Melo, Maravilha, Liberdade, Caraúnas, Cacimbas. Sertão de seca, de pouca chuva, de muita fé, de pessoas simples, de pouca roupa, de pé do chão, de pouca comida na mesa, de muita humildade e de força de vontade de vencer no coração. Nasceram mais de mil. Pouco se sabem os nomes, muitos já se foram, outros ainda estão a lembrar. Mãe Natália foi guerreira, e acima de tudo “mãe” daquele lugar. Fez o que fez, porque seu destino era ajudar, salvar as mães, de um parto mal feito, pois sempre que podia, pedia aquele ser tão iluminado para guiar.



— Enquanto eu tiver a minha saúde, hei de cumprir a minha meta. É o que ela sempre dizia quando alguém perguntava se não cansava. — Meu objetivo é Mil. Falta muito pouco. Quando isso acontecer eu passo esse legado para frente. Gostaria muito que uma filha ou uma neta aprendesse esse ofício.

Era isso o que dizia sempre quando alguém perguntava se foi ela quem o pegou.

Contava os mínimos detalhes, sentada no alpendre olhando para aquela serra alta que ficava em frente a sua casa. Citava os nomes das mulheres que ajudou a partejar que até confundia a mente das pessoas que a ouvia. E muitas vezes, aquele que a ouvia não compreendia o motivo daquela lágrima que escorria em seu rosto simpático e cheio de vida.

— Em uma família peguei todos os sete filhos! Naquela outra foram cinco, só netos peguei dez! Oito de uma nora e dois de filhas diferentes. Coisa do destino, essa era a minha missão. Meu marido detestava quando eu saía à noite para partejar as amigas. Mas o destino o trapaceou. O desfecho aconteceu justamente com o parto da filha mais nova que ele tanto amava. Foi quando eu estava uma vez, em um parto complicado e ele veio me chamar desesperadamente...

Pode até haver controvérsias nessa história, mas de uma coisa Natália tinha razão:

Como era difícil, meu Deus, enxergar a luz! Dar a luz naquele Sertão!

A LIBERDADE DA HISTÓRIA

*Maria Aryane Maia Amaro Barreto*²⁵

Era 3 de dezembro de 1995, chovia muito em um interior a 55 quilômetros de Fortaleza. Uma jovem moça estava em seu quarto pronta para dar à luz uma menina. Ela gemia e punha força para a menina nascer. A parteira – sua mãe-havia passado a noite, auxiliando a filha, mas a menina não nascia, porém só foi o sol colocar-se para fora, depois daquela noite longa, que a menina nasceu. A jovem moça decidiu chamá-la de Aurora, a que brilha como ouro.

Aurora é filha de Amélia, jovem, destemida, ela resolverá criar a filha sozinha.

O pai da criança a deixou assim que soube da gravidez da moça, mas nem por isso ela quis fugir da responsabilidade de ter a filha. Já Ana, sempre muito graciosa, assim que soube que a filha esperava uma criança ficou tão feliz que espalhou, para toda a comunidade, a notícia.

Aurora fugiu muito do padrão da família. A menina nascera alva, de olhos claros e cabelo loiro, como ouro. Todos esperavam que ela fosse parda como a mãe, de cabelos pretos e olhos castanhos, ou como o pai, que seguia o mesmo estereótipo. Mas o que ninguém sabia é que Aurora

²⁵ Professora de português da rede privada e da rede estadual de ensino. Graduada em Le-tras - Português pela Universidade Estadual do Ceará, pós-graduada em Ensino de Língua Portuguesa também pela Universidade Estadual do Ceará e pós-graduada em Arte Educação pela UNIVIRTUS.



puxaria ao outro lado da família de Amélia, um lado que só Ana sabia, e nunca falou para a sua filha.

Logo, todos de Redenção começaram a comentar sobre a menina, diziam que não era filha da jovem Amélia, diziam que ela havia roubado a menina e até que a criança era filha da patroa com o seu amante e que ela dera a menina para a empregada cuidar, assim o marido nunca desconfiaria da traição. Amélia trabalhava na casa de dona Cristina e de seu José, um casal muito religioso, membros do ECC (Encontro de Casais com Cristo) da paróquia da cidade.

A história sucedeu assim: José era filho do fazendeiro mais rico da cidade, senhor Luiz Muniz Rodrigues, dono do Engenho São Francisco. O menino rico apaixonou-se por sua prima Letícia, mas ela vinha de uma família muito humilde, e parecia previsível que, por essa razão, o pai dele não aceitaria esse romance. E assim foi. O fazendeiro então prometeu o filho para casar-se com Cristina, uma moça rica, filha do médico e fundador do hospital Nossa Senhora da Conceição, Giovanni Queiroz.

Ambas as famílias eram de descendência Europeia.

Letícia era uma moça muito bonita que, apesar de não ter muitas posses, vestia-se muito bem e era muito elegante, como diziam os moradores da cidade – dava de dez a zero em Cristina. Ao casar-se com a moça, José ganharia de presente o Engenho, haveria de fazer esse esforço para preservar a história daquele lugar, que ele conhecia muito bem. Mas, antes do casamento, José prometeu a Letícia que não deixaria faltar nada para ela desde que a moça continuasse com ele, pois ela sabia dos motivos pelos quais ele estava se sacrificando – para ela a história daquele lugar também era

importante – e os dois não poderiam deixar o senhor Luiz Muniz vender a propriedade.

A moça aceitou a condição e então José casou-se com Cristina, começou a participar da igreja e ganhou a o Engenho de seu pai. Anos depois iniciaram boatos que Letícia estava grávida de José Muniz, e por isso todos diziam que Aurora era filha do casal.

